

Julho de 1918

Revista Feminina



Preço 18000

D. Virgínia de Souza Salles, a grande iniciadora

Anno 5 Nº 50

Sociedade de Productos Chimicos L. QUEIROZ

SÃO PAULO



A AGUA DA BELLEZA

deve se achar em todo o boudoir das senhoras elegantes e que prezam a sua epiderme. Torna a pelle alva e avelludada, tira as manchas e da-lhe um aspecto encantador. E' O ENCANTO DAS SENHORAS.

Petroleo Americano

Além de dar brilho aos cabellos e de tornal-os macios e crespos, essa loção é infallível para combater a CASPA e evitar a QUEDA DOS CABELLOS.

Preparado com Kerozene e não com benzina ou essencias como os productos similares, elle é por isso mesmo mais eficaz.

LIMÃO BRAVO E BROMOFORMIO

de L.
Queiroz

E' o melhor XAROPE para curar a TOSSE, a ASTHMA, a COQUELUCHE e o CATHARRO CHRONICO. E' DE SABOR AGRADAVEL..

AS COLICA HEPATICAS

um preservativo na
taes. Com este re-

LITHOBILINA

ou Cóllicas do Fígado, os CALCULOS BILIARES encontraram um remedio eficaz e preparado ideal, composto exclusivamente de vegeto-medio torna-se inutil o uso das Figas de Carlsbaden.



O Guderin

é a salvação das Senhoras pallidas e anemicas. Augmenta extraordinariamente o numero dos glóbulos vermelhos e dá força e augmento de peso. E' util na debilidade e na anemia devidas ao PRTO e as grandes hemorragias e na Amenorrhéa e outras molestias das Senhoras.



Todos estes preparados encontram-se á venda nas principais pharmacias e drogarías e no Deposito Geral



Sociedade de productos Chimicos L. DE QUEIROZ

MAPPIN STORES
SOCIÉTÉ ANONYME BRÉSILIENNE

EXPOSIÇÃO DE MODAS PARIS INVERNO

Continua a nossa grande exposição de Novidades para-a Estação, encerrando uma bella colleção de tailleurs nos estylos mais modernos, tambem chics vestidos e manteaux importados directamente de Paris

Pedimos a fineza de uma sua visita para nossos salões no 1.º andar, sem compromisso algum de compra

NOTA — A nossa filial de Santos a Rua Sto. Antonio, 23, já se acha em pleno movimento, offerecendo aos seus freguezes sortimentos completos em artigos para Homens, Senhoras e Crianças, marcados com os mesmos preços da casa matriz



MAPPIN STORES

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 26 -- -- S. PAULO

ANDAR 13

EST. 19

O ESPECIFICO DA ANEMIA
TUBERCULOSE. etc.

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose. etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea
phosphalada
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias
e fortifica os fracos

*Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em
digerir e cujas evacuações são irregulares. fétidas, esver-
deadas ou talhadas. usa-se o poderoso. inegalavel* e sempre eficaz

DIGESTIVO INFANTIL
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

Casa Kosmos

RUA DIREITA N. 12

Gravatas e artigos finos

próprios para presentes para
cavalheiros



O maior e mais chic
sortimento de

Casemiras Inglezas
para homem e senhora

Brins de linho e Algodão

Encontra-os V. Excia. na

Casa da Epoca

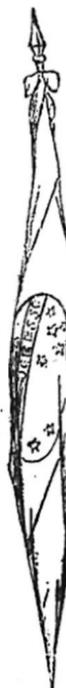
- RUA DIREITA N. 3 -

S. PAULO

== **CASA GENIN** ==

Rua 15 de Novembro N. 8-A

S. PAULO - Caixa, 204



ESPECIALI-
DADE EM
BANDEIRAS
de Algodão es-
tampado, de
Filele de lá e de
seda.

Confeção esmerada de bandeiras de seda próprias
para Linhas de Tiro e escoteiros. - Preços módicos.

PEÇAM ORÇAMENTOS

A "Casa Genin" tem sempre um variado sor-
timento de lãs, linhos, sedas
e artigos para bordar e para flores artificiaes.

Epura

cura rápida e inofensivamente GOSTAS dos escorços
FURUNCULOS (cabeças de prego) - ECZEMA - MÃO BAMBITO -
COMIÇÕES - moléstias da pelle.

DEPURATIVO IDEAL DAS FAMILIAS proporcional ao loge de
primeiras doses um estado de bem estar geral.

SEM DIETA - INOFFENSIVO.

Tolerado pelos organismos mais delicados. Para todos os eedees
deacé a creação de peito. Em todas as drogarias. - - - S. Paulo

Continua
com a sua
grande
Liquidação



Unica casa
no genero
que vende
por preços
excepção-
nais

Grande officina de costura dirigida por *Mme. Rosma Pancera*
ESPECIALIDADE em ENXOVAES para NOIVAS e BAPTISADOS

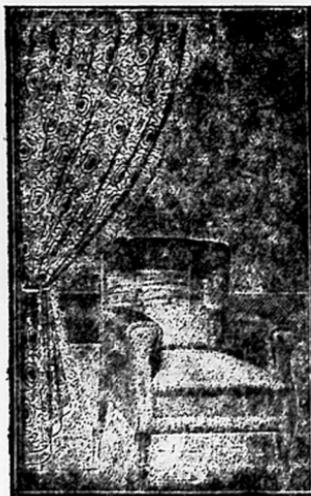
Possuimos o mais bello sortimento que tem vindo a esta
Capital em artigos de inverno e com especialidade

Cobertores e acolchoados

que vendemos por preços fora de concorrência

Antes de fazer suas compras visite os grandes armazens do

Au Palais Royal - Rua S. Bento, 72
São Paulo



Ernesto Marino & Cia.

Rua Boa Vista, 27 — S. Paulo

Telephone N. 1506

**Visitem a Exposição de mo-
bilias estofadas de couro e
imitação**

Decorações completas

O QUE DIZ UMA SENHORITA

Uma só caixa de
PASTA RUSSA

do Doutor Ricabal foi o suficiente para ENDURECER e DESENVOLVER os meus SEIOS que estavam CAHIDOS MURCHOS! Agora possuo um busto que me alegra e com esperanças de vel-os como dautes. Estou entusiasmada com a

PASTA RUSSA

do Doutor Ricabal, que constitue um verdadeiro thesouro para todas as Mulheres.

A PASTA RUSSA

DO DOUTOR RICABAL VENDE-SE NAS

Principaes Pharmacia, Drogarias e Casas de Perfumarias

DEPOSITO EM SÃO PAULO: DROGARIA BARUEL

AVISO: Cautela com as imitações e falsificações perigosas!!

Exijam sempre A PASTA RUSSA, do Doutor RICABAL. Não se iludam!!

Preço de uma caixa \$5000, pelo Correio mais 1\$000. — Pedidos á J. B. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1724

RIO DE JANEIRO



LACTA

PREFIRAM

CHOCOLATE E LEITE O MAIS DELICIOSO

Mme. A. Baudon

COLLETEIRA

Meias para

Nova Espalda

VARIZES

de segurança



Cintas Abdominaes para gravidez de Ovariotomia Rins soltos - etc.

Especialidade em colletes souleiros, gongas, e cintas para Senhoras

CASA A. BAUDON

Fabricante de Apparelhos Orthopedicos

Espartilhos Orthopedicos contra mal de Pott, Desvios do Busto, Bandagens, Herniarios de todos os systemas, Corsets de sport para Homens.

Cinturas de todos os systemas, Pernas e Braços Artificiaes para todas as deformidades, Pé aleijado, Ankilosis, Coxalxia Espalda de Maintien

Exposição Universal - Paris 1900 - Medalha de prata

Rua Barão Itapetininga, 57 - S. Paulo

EXMAS. SENHORAS

Oudi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, amolludada e liore de manchas? Quereis, emfim, ser formosas?

Usai em vossa toilette a

Água de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Oudi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, lenes e ondulantes; para ter a vossa cabeça liore de caspas e de quaesquer parasitas.

Usai, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissolvido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS QUIMICOS B. QUEIROZ

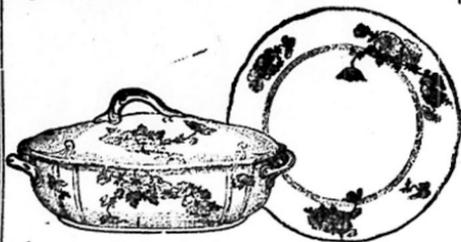
RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO

Antes de montar a sua casa

vejam as novidades em

Louças, crystaes, artigos para Presentes



Importação directa

O melhor sortimento

que recebeu a Casa Francesa

L. Grumbach & C.

RUA SÃO BENTO, 89-91

Bahia, 29 de Agosto de 1917

Illmos. Surs. VIUVA SILVEIRA & FILHO

Rio de Janeiro

Amigos e Surs.



Venho por meio d'esta agradecer-vos a cura que o vosso eficaz **ELIXIR DE NOGUEIRA** do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, operou em um mez, na minha filhinha Amelia, de dois annos de idade, a qual tinha um padecimento de coceiras e tumores em todo o corpinho.

Vendo pelos jornaes as curas prodigiosas que o vosso **ELIXIR DE NOGUEIRA** tem feito, comprei um vidro e vi logo em poucos dias o resultado desejado e hoje dou graças a Deus, por ver minha filhinha radicalmente curada deste mal.

Acoselho a toda mãe que tiver os seus filhos no estado em que eu tive a minha, a usar o **ELIXIR DE NOGUEIRA**, como um grande purificador do sangue, para adultos e crianças.

Junto remetto a photographia de minha filhinha Amelia de Carvalho Branco, podendo publical-a.

De VV. SS.

ATTA. CRA. OBIDA.

Judith de Carvalho

Residente á rua do Pilar N. 77

= Estabelecimento Agrícola =

DE

LUIZ DA SILVA

Escritorio: *Rua Libero Badaró, 125* - *S. PAULO*

Grandes viveiros de plantas fructiferas e ornamentaes — Estação de Piquitinguá, Villa Emma e rua Maria Antonia, 69 - (Cons.)

Especialidade em laranjeiras e roseiras.

Deposito de sementes: de algodão das melhores qualidades, de chá, dos capins, da Australia, (*Paspalum Dilatatum*), Capim de Rhodes (*Cloris Gayana*), Manduvira, Alfafa de Murcia, Gramma de Castella, «Sectaria Gracillis», «Sacharina», «Sudana», Jaraguá e Catingueiro roxo; mudas de capim «Imperial» ou da Venezuela, capim «Araguaya», «Ramis», Gramma de Macahé ou de Pernambuco, Consolda do Caucaso e canna Stiambo.

Forragens especies para porcos; Araruta gigante e inhames diversos.

Grande criação de porcos «Duroc-Jersey» e «Berkshire», puro sangue.

Fabrica do Carrapaticida marca «Touro», do ingrediente «Buffalo» e das afamadas machinas «Luiz da Silva» para matar formigas, unicas capazes de destruir grandes formigueiros.

PEÇAM CATALOGOS E INFORMAÇÕES

Compra e vende reproductores das melhores raças.

Agente geral de «La Hacienda».

importador do arsenico marca «Cão», de Fenner, a melhor marca inglesa.

A Saudada Mulher

CURA
Incommodos de Senhoras



Exm. Sra. Da. Maria Emilia Dias, curada com "A Saude da Mulher"

Srs. Jaudt & Oliveira.

Declaro que, padecendo ha tempo, de males uterinos, mandei comprar por meu esposo, em Livramento, alguns frascos do seu poderoso preparado "A Saude da Mulher" com os quaes fiquei completamente restabelecida. Em agradecimento, dirijo-lhes o presente para que façam della o uso que lhes convier.

Rivera (Uruguay) Janeiro de 1917

Maria Emilia Dias.
(firma reconhecida)

Assinatura annual para todo

o Brasil Rs. 10\$000

Assinatura com registro 15\$000

Idem para o estrangeiro 20\$000



Director :
JOÃO SALLES
Secretaria :
AVELINA DE SOUZA SALLES
Redação :
::: Praça Antonio Prado :::
::: Palacete Bricolac :::

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

ANNO V

8

SÃO PAULO JULHO DE 1918

8

NUM. 59

JULHO

Em memoria de Virgílima de Souza Salles



COM uma lagrima tenho que abrir, infelizmente, esta chronica e com uma lagrima na qual toda minha alma vem boiando, triste, desolada, tendo que registrar o golpe fundo e cruel do destino arrebatando-nos o que de mais precioso havia nesta casa, que era seu estimulo, seu principio e sua essencia, a nossa querida fundadora e directora, Virgílima de Souza Salles. Tudo o que aqui temos feito em cinco annos de luta, todos os triumphos que temos colhido, todo o bem que temos espalhado, a ella, só a ella, se devem. Foi Virgílima de Souza Salles quem nos trouxe a semente desta idéa, colhendo-a do precioso estio de seus doirdos sonhos de mulher, trazendo-a espoucar de germinação ao calor de seu seio, acamando-a depois em terra carinhosamente afogada num dos pequenos e delicados vasos de seu lar, onde foi a nossa primeira e modesta redacção; vigiando-lhe cada manha o crescimento; transportando depois a verde e fragil haste para um vaso maior de um programma mais vasto; pegando-lhe a formação do arbutivo; e trazendo-a, finalmente, quando a luz bafejava pelo favor publico, de tronco rijo e promettedor, para um espaço maior, com todo o Brasil aberto á sua circulaçao, vencendo rapidamente na galhardia de sua fronde larga e bemfazeja...

Lembro-me ainda da primeira vez em que ella me falou de seu sonho, de seu grande sonho! Estavamos em Caxambú, sentadas a um canto do salão de jogos do Palacete Hotel. Eu folheava umas revistas inglesas, junto a uma mesinha, ao canto do salão. Virgílima rentára-se proxima, e com aquella sua luz de olhar, quente, viva, pessoal, que era toda sua physiomyia e toda sua psychologia de querer e fazer, olhava a roleta, e parecia deplorar o esforço inutil de toda aquella gente, homens e mulheres, curtos sobre o tapete verde; alguns pallidos, outros de faces vulgares, emocionados e enfebrados, pretos ao gyro de acaso da pequenina bola de marfim, esquecidos de tudo mais, de não fosse aquelle momento ruim de visao, de emoção banal e quasi torpe do jogo, que deforma a belleza da esperança, e tenta crear em torno da ambição uma quasi aureola de virtude. Não nos conheciamos ainda. Ella olhou-me, e eu percebi-lhe desde logo a necessidade estuante de falar, de communicar a alguém as impressões que lhe borbulhavam na alma, necessidade que punge aos que nasceram para os apóstolos, para dirigir, para melhorar, para guiar.

— A senhora não joga? — perguntou-me ella.

Converramos. Mostrei-lhe as revistas que manuseava; falamos sobre a imprensa feminina

na Europa e na America do Norte, e foi quando ella me confiou seu plano, seu programma, seu sonho... Eu hesitei ao responder-lhe; disse-lhe, porém, a minha duvida, a minha descrença, que se justificava com a serie de preconceitos que ainda envolvia o espirito da mulher brasileira, para se poder contar com ella. Citei-lhe tentativas identicas que haviam abortado antes de se tornar viaveis; outras que nem bem viram a luz e logo se estiolaram e morreram. Ella contestou, multiplicou argumentos, inflamou-se; e com tão grande entusiasmo falava do espirito da brasileira, que dentro em pouco me conquistei e inteiramente com sua palavra factiva, que era ao mesmo tempo vibrante e carinhosa como o velludo, que tem reflexos quentes á luz, e uma grande maciez ao tacto. Havia ainda a ajudal-a o poder empolgante de seus dois olhos hespanhados, negros e grandes, que pareciam em continua ebulição. Eu tenho o temperamento esquivo, e mesmo triste, dos que já nasceram fracos, de enfadadas carnes brancas que a luz atravessa; e essa tristeza quiz o destino augmentar pondo no seu caminho poucas fontes de alegria, que caprichosamente se incumbia de apagar, nem bem eu dellas me aproximava... Temperamentos como o meu facilmente se deixam seduzir pelo excesso de vida, de alegria, de esperanças, pela plethora moral que acompanha a plethora physica dos fortes. Não foi, porém, esta a seducção que Virgílima exerceu sobre mim. Não. E' que eu sentia que te erguia diante de mim uma brasileira de antiga tempera, uma das brasileiras, e porque não o dizer mais determinadamente, uma das paulistas cujos retratos eu lera em chronistas antigos, e que ainda não fora dado ao meu theomismo, palpár na realidade actual de nossa sociedade, contaminada por todas as degenerações das raças em decadencia... Era a mesma mulher, o mesmo calor, o mesmo enthusiasmo sagrado das Taques, das Andradas, das Buenos, das Rivera, de que ella herdencia, daquelle heroico e bravo sangue das velhas paulistas que preparavam as armas de conquista de seus bandeirantes, e que espetavam, como famulas, em suas lanças, o lenço bordado e minuculo no qual haviam enxugado a ultima lagrima de seus corações despedaçados pela despedida cruel, e que como o da Veronica, levava estampada a imagem e synthese de toda a nobreza abnegada de sua raça... Era toda aquella brava legião de mulheres, ardendo de fé e de enthusiasmo, a que ali surgia em Virgílima de Souza Salles, naquella sala impessoal e mal caida de um hotel de campo, como uma resurreicção, como uma appareição, que me enchia a cabeça fantasista de mil evocações! E parecia-me ouvir tropel de montarias, ruído de cotos de armas que se chocavam, gritos de

peões, uivar de matilhas, todo o urgente e atumultuado ruído da partida de uma nova "bandeira", que se preparava para uma arcançada pelo sertão, deixando o pateo vetusto do antigo Collegio dos Padres, no S. Paulo antigo, em busca de melhores esmeraldas, de todas as que constituíam a riqueza secreta e pundonorosa da alma de nossas mulheres... Lindo sonho, ao ouvir-lhe desenvolver o seu programma, num fundo de moral de antanho! A cathese da moderna brasileira, a sua reactualização nos principios de elevação e cultura, a "renacionalização" da brasileira futil de boulevardismo espurio, como ella dizia em outras palavras, procurando-se com os elementos actuaes reconstituir o typo da nossa antiga mulher, amorosa, terna, suave como o despertar de uma madrugada, e ao mesmo tempo brava e heroica, typo mixto de irman de caridade e de gaucha, a multiplex modelar que formou nossa nacionalidade entre a crença e a bravura...

Quando ella terminou sua expozicão saltei a abraçal-a, a beijal-a, e admirei-lhe aquelles olhos ardentes, que dardejavam feixes de raios, como si por elles explodissem as fagulhas de uma chamma de inspiração que lhe vinha do alto e que lhe dava a belleza grandiosa das illuminadas...

Prometti-lhe desde então minha collaboração que pouco vale; e nestes cinco annos passados esforcei-me por acompanhal-a na sua nobre, na sua immensa e na sua abnegada missão, á qual se deu inteiramente sua alma, que nasceria com a abnegação dos apóstolos e com a resignação dos martyres diante dos sacrificios. Grande, bella, admiravel brasileira... herdeira de todas as excellas qualidades de sua raça, de todas as virtudes de trabalho, de iniciativa, de genio creador, que são a gloria e o triumpho permanente dos paulistas!

A terra de S. Paulo recebendo teu corpo, minha e nossa querida Virgílima recebeu-o com o orgulho, com a ufania de quem se sabia Pantheon de um dos despojos sagrados de uma raça de vencedores... Tu foste, integralmente, uma brasileira; e foste, gloriosamente, uma paulista, uma magnifica descendente das que, com o seus olhares afogados em lagrimas, indicaram aos bandeirantes de tua terra os primeiros passos de nossa gloria de Nação...

Morreste... mas fica a tua obra, a tua obra immensa, que nós continuaremos com o amor que por ella nos infundiste!... Também elles, os bandeirantes, morreram antes de ver realizados os seus sonhos, mas ali está a terra que faz orgulho, esse S. Paulo que asombra o Mundo, esse S. Paulo de cujo seio ainda saem, cada dia, almas como a tua, que trazem uma crença e um ideal...

Anna Rita Malheiros.

A nossa exposição de trabalhos

SE a *Revista Feminina* fosse uma obra pessoal, individual, que não tivesse um programma concreto e vasto, certamente seria o caso della desaparecer com a saudosa senhora que a creou. Mas a nossa sempre lembra da fundadora e directora fez mais do que uma coisa transitória, pessoal, e individual. O que ella creou excede a sorte commum das coisas que não bafeja uma ideia. A sua obra própria mesmo que tem um caracter collectivo e um levantado fôto, deve perdurar e ha-de perdurar, já como homenagem á sua virtude, ao seu talento, á sua querida memoria, já em obediência á sua vontade, já finalmente pelo fecundo impulso que a essa obra ella imprimiu com toda a sua grande e prodigiosa energia.

Assim é que a *Revista* continuará e com ella as outras iniciativas subsidiárias que completam o seu bello programma de cultura a feminista.

Continuará a exposição de trabalhos, continuarão as aulas de trabalhos femininos e artes applicadas, continuará a bibliotheca, continuará tudo quanto d. Virgínia creou, desenvolveu e aperfeiçoou. A sua obra é demasiado bella para que commettamos a profanação de a truncar e é demasiado grande para que osemos diminuí-la pelo acardamento dos que succubem á desesperança.

Pretendemos ao contrario fazer o que a nossa inolvidavel directora não conseguiu levar a cabo, ampliar ainda o programma de feminismo por ella iniciado no Brasil, completar o seu pensamento, executar em toda linha o seu programma.

A exposição de trabalhos deve permanecer e merecerá da Direcção o mais solícito carinho. A sua frente está a exma. str. d. Aurora de Almeida T. de Carvalho que lhe consagrará todos os cuidados.

Assim continuarão as nossas salas afoformeadas pelos mais interessantes especímenes da cultura e da habilidade das nossas gentis patrias.

E' preciso renovar constantemente a exposição, enriquecê-la com novos exemplares, variá-la, torná-la mais interessante.

As nossas leitoras não imaginam quanto estes trabalhos se valorizam e agradam. As pessoas que vêm ver a exposição são de uma franqueza absoluta, tecendo-lhe sempre os mais justos elogios. A vista desses objectos suscita ideias, dá impressões novas, sugere novos planos. E', portanto, necessario que as nossas leitoras nos mandem os seus trabalhos. Recomendamos, porém, que elles sejam sempre bem acabados, perfeitos, quanto possível originaes e tambem quanto possível de utilidade immediata. Convem não esquecer que atravessamos uma epocha de economias forçadas e que não ha vantagem em adquirir objectos de phantasias luxuosas. Trabalhos de renda, roupas bordadas, artigos de *lingerie* para creança, tudo isso tem sempre procura desde que se imponha pelo seu valor.

Não é conveniente sobrecarregarmos as nossas vitrinas de objectos caros, de aquisição difficil, a não ser que elles sejam verdadeiramente tentadores. O essencial é renovarmos constantemente as nossas etáges com artefactos novos.

Seria tambem muito para desejar que as nossas amigas nos remetessem obras de arte regional, caracteristica, brasileira. Teriamos o maximo prazer de publicar mesmo no texto da *Revista* gravuras de rendas novas, com desenhos inéditos e fazer uma exposição, por exemplo, de rendas brasileiras.

Como quer que seja precisamos de inestimavel concurso de todas as nossas assignantes e suas amigas para enriquecimento da nossa exposição de trabalhos que continúa a ser muito visitada e muito apreciada, com regoijo para nós, embora com sacrificio, mas com proveito directo para as remetentes e interesse geral para a execução do nosso programma de cultura feminista.

As aulas de côrte, de desenho, de modelagem, de pintura, de arte applicada têm continuado e continuarão a merecer-nos a maxima atenção.

Confadadas a senhoras de comprovada competencia e zelozza dedicazão ellas têm dado os melhores resultados e devem contribuir poderosamente para o desenvolvimento intellectual e esthetico das gentis alumnas que procuram instruir-se e melhorar-se.

Não precisamos dizer mais para notificar ás nossas leitoras a boa vontade que nos anima de levar por diante, desenvolvendo-a e aperfeiçoando-a a obra maravilhosa da nossa boa e santa fundadora. Essa obra, no alto fastigio a que a sua intelligencia a levou, não pode nem deve diminuir, quanto menos desaparecer.

Mas para que essa homenagem de amor á memoria da illustre senhora possa realizar-se, precisamos do concurso de todas as pessoas que lhe quizeram bem e que se associaram ao seu nobre ideal. Que todas, pois, nos enviem os seus trabalhos, se interessarem pelas nossas aulas, pela nossa bibliotheca, pela nossa Revista, mas praticamente, efficazmente, perseverantemente, como o fazia d. Virgínia e o devem fazer todas as senhoras brasileiras.

A grande tarefa que a todas as mulheres o presente e sobretudo um futuro bem proximo reservam, exigem no mais alto virtudes novas, virtudes associativas, faculdades mais perfeitas de trabalho mental e manual, communião de pensamento e acção.

E' esta tambem uma herança de sacrificios, de economias, de aproveitamento de utilidade, de dignificação e independencia.

Por isto tudo devem as senhoras brasileiras unir-se á volta da bandeira desfilada pela *Revista Feminina*, bandeira que agasalha um grande ideal e mereceu todas as bençãos.

Ora neste mensario estará para todas um vinculo de união moral, de orientação effectiva e pratica. Na exposição de trabalhos está um modesto, mas aprecievavel recurso a muitas senhoras que assim podem ampliar os seus meios de attender a pequenas despezas pessoas ou domesticas, ao mesmo que, utilmente empregam o seu tempo e aperfeiçoam a sua cultura.

São estes os motivos dignos de ponderação. A nós animamos o mesmo sagrado enthusiasmo pela causa que fazia palpitar o coração da inesquecível d. Virgínia.

EXPEDIENTE da Revista Feminina

(Fundada por VIRGÍLIA DE SOUZA SALLES)

Director-Proprietario — JOÃO SALLES
Secretaria — AVELINA DESOUZA SALLES

Redacção: Praça Antonio Prado
(Palacete Briccola) 2.º and. salas 1 - 3 e 5
Telephone n. 5661 - Central

Officinas: Rua Aurora 3 — S. PAULO

Correspondencia: Toda a correspondencia sobre assumptos femininos, encomendas de trabalhos, etc., deve ser dirigida á secretaria AVELINA DE SOUZA SALLES. Toda a correspondencia relativa á administração da Revista, pedidos de assignaturas, emissão de vales postaes etc., deve ser endereçada ao director JOÃO SALLES.

ASSIGNATURAS:

ASSIGNATURA ANNUAL - 10\$000

Assignatura annual com registo - 15\$000

Assignatura para o estrangeiro
20\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda a senhora que nos arranjar 10 assignaturas de uma só vez, terá uma assignatura gratis.

Advisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, evitando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Precisamos de boas agentes em todas as localidades do Brasil.

A's senhoras brasileiras

Ainda sob a dolorosa impressão da perda de nossa amada directora dirigimos este novo appello ás nossas patricias, e especialmente ás nossas dedicadas amigas, que por todo o Brasil têm secundado nossa obra, propagando-a, angariando-lhe novas sympathias e novas assignaturas, e de cujo esforço gratissimo tem resultado a nossa victoria. Agora mais do que nunca de vem lembrar-se as nossas patricias de que a *Revista Feminina* não é uma publicação que resulte de uma iniciativa ou de um interesse pessoal. Ella é uma obra de nosso sexo, a primeira grande obra, levada a effeito com ruído e successo pelo nosso sexo. Ella pertence a todas nós, que desejamos elevar a cultura da mulher brasileira e alevoral-a nas tradições que a honram e que lhe fazem orgulho. Na hora presente ella é uma necessidade ineludivel. Toda a sociedade moderna reforma-se e modifica-se ante as catastrophes que vão imprimindo uma nova feição á vida do seculo. Em todos os paizes civilizados a mulher está entrando como um factor de força apreciavel e util na remodelação do espirito humano, que, aos poucos, se deixara dissolver na futilidade das épocas, que, após os grandes fastigios da evolução, prenunciam a decadencia. Da guerra actual, que com uma saravada da fogo tem abalado os alicerces da civilisação, ha de fatalmente resultar uma sociedade nova, com uma moral mais elevada e um ideal mais puro. Como parte integrante da collectividade, soffrendo directamente todos os embates da evolução, não podemos, nós outras, mulheres brasileiras, conservarmo-nos numa indifferença de fakir, aguardando os acontecimentos com a inconsciencia de quem não quer prever e preparar o futuro de sua raça. Sem um jornal, sem um órgão de communicação intellectual nada podemos fazer, nada podemos esperar. Que a mulher brasileira está apta a tomar parte na collaboração que se pede prova-o não só o gesto admiravel com que ella se tem posto ao serviço da patria, como ainda a nossa propria Revista, na qual espiritos femininos até hoje afastados da publicidade, têm revelado sua pujança e seu brilho. Esta victoria é um justo motivo de orgulho para todas as brasileiras, porque é uma victoria que lhes pertence mais do que a nós, que não somos mais do que um mero agente de suas ideas.

Proteger pois a *Revista Feminina*, procurar dilatar seu campo de acção, é trabalhar por uma causa social, trabalhar pelo nosso sexo procurando garantir-lhe um futuro melhor e mais amplo. Na contingencia da luta moderna já não é somente o sentimento affectivo que se pede á mulher. Ella tem que anparar o seu lar com

alguma coisa mais do que o seu coração; ella tem que angariar um coeficiente material, que cubra, muitas vezes, a producção insufficiente do homem. Já nas nossas fabricas, nas nossas casas de commercio, nas emprezas industriaes, vemol-a associada ao homem, ao mesmo tempo que na escola, e mesmo, nas profissões de ordem publica. E' urgente, pois, que lhe demos o preparo sufficiente, que lhe façamos comprehender os seus direitos e seus deveres, para que ella possa, sem se deixar espoliar, cumprir a nova missão que o seculo lhe impõe. Seria um crime que na fase actual ella não procurasse crear a sua imprensa, que é o primeiro passo para a conquista de seus direitos. Mesmo nas sociedades conservadoras, como é a Inglaterra, ella bate se neste momento, por meio de revistas e de jornaes, por aquelles direitos. A *Revista Feminina*, que em outras épocas não teria tido mais que a vida efemera que tiveram todas as publicações femininas brasileiras, prova com sua existencia ininterrupta de cinco annos, que nasceu no momento opportuno, realizando uma aspiração que se torna inadiavel. Ella atravessa, neste momento a sua primeira crise, com a perda de seu elemento de maior valor, que era a sua fundadora, a sua dedicada directora, que por ella batalhou até morrer, indo de casa em casa, angariar elementos de luta. Nós, que lhe fomos discipulas, que apprendemos com seu exemplo e que a seu lado estivemos até seus ultimos momentos, vamos continuar resolutamente sua obra. Precisamos contar com a protecção e auxilio de nossas patricias. Uma nova assignatura demanda um pequenino esforço de cada uma de nossas leitoras. E nossas leitoras que não se negam a angariar auxilios para toda e qualquer emergencia que se dá no Extrangeiro, não se negarão por certo — e si o negassem commetteriam: uma ingratição — a trabalhar pela nossa causa, que é a sua, e que é a da propria sociedade brasileira.

Esperamos, por tanto, que cada uma de nossas leitoras, com os sentimentos que nos tem enviado pela morte de nossa directora, não se esqueçam de procurar perpetuar-lho o nome e a obra, demonstrando assim a sinceridade de seu pesar.

Por nosso lado tomamos o compromisso solene de continuar esta publicação dentro das mesmas normas que lhe traçou sua fundadora e nossa companheira; e de esforçarmo-nos por continuar a fornecer aos nossos lares uma leitura san, escolhida e baseada na mesma moral, que tão rapidamente nos trouxe a sympathia do publico.

A DIRECÇÃO

D. Virgilina de S. Salles

Uma perda para o feminismo brasileiro

Na perda irreparável da sra. d. Virgilina de Souza Salles, fundadora e directora da "Revista Feminina", não foi só esta revista que foi atingida: foi o jornalismo inteiro, foi o feminismo no Brasil, ainda em nascimento, em promessa ainda.

Podem contar-se, entre nós, as senhoras que se interessam por coisas de imprensa, que produzem intellectualmente, que manifestam aspirações de arte que têm, numa palavra, uma ideia ou um programma de ideias, na cabeça. A maior parte não se convenceu ainda da complexidade do seu papel social. São muito boas, muito caridosas, muito honestas e muito dignas, são mesmo muito cultas, muito instruídas, mas contentam-se quasi todas em ser apenas muito gentis, muito sedutoras e muito bellas. Preoccupam-se com modas e elegancias e não é isso um mal. Atraem-nas as obras de beneficencia e philanthropia — e isso é um bem. Procuram ser boas donas de casa, boas mães, boas esposas e boas filhas — e isso é optimo. Mas esquecem-se infelizmente da sua missão social e tudo isso não resalva, senão em parte, um defeito sensível no seu esplendido conjunto de virtudes.

Hoje, a mulher está tendo em todo o mundo, a ascendencia que o seu valor impõe. O triumpho do feminismo é um facto. Finalmente, á custa de immensos sacrificios e dedicações, a mulher conquistou o logar que merece, na engrenagem das sociedades humanas, ella que é a fonte da vida, o traço unitivo entre o individuo, a familia e os agrupamentos da especie. Não se pode mais dispensar o seu concurso, para a obra da reconstrução que se vae fazer. Todos os povos demandam a luz da sua intelligencia para a solução dos problemas mais graves, o carinho da sua palavra para a orientação das massas extraviadas e anciosas, o impulso da sua vontade para o bom andamento de todos os progressos. Ella será a grande obreira, a grande semeadora de ideias, a grande fiscalisadora, o grande remedio para os desvarios dos homens, um entrave para todo o mal, um calmante para todas as paixões e um correctivo para todos os erros.

O egoísmo do homem tem impedido a boa marcha do mundo. O seu programma falhou. Resta a esperança na acção benéfica da mulher que lentamente se vae integrando na vida social, politica e administrativa de todas as nações. Essa esperança, tudo leva a crer, não será inteiramente van. O mundo novo será melhor. A Eva que perdeu o mundo antigo salvará o mundo moderno.

D. Virgilina estava intimamente compenetrada destas verdades, destes deveres, destes direitos. Para ella a sua condição de mulher representava um campo de vastas possibilidades. Ella comprehendeu a imperiosa necessidade de enfileirar na vanguarda do bom feminismo brasileiro, sustentando alto o facho dos grandes principios, traçando a rota luminosa a suas companheiras e apontando-lhes, das columnas desta revista, um grandioso plano de acção.

Nada de illuminismos e de illusões; nada de su-

bitas e extemporaneas revoluções, pretensos movimentos de progresso que se reduzem rapidamente ao retrocesso ou ao progresso negativo que consiste em "andar" parado. Era preciso integrar a mulher brasileira na comprehensão exacta de um programma de ideias. Desenvolver a instrução, muita instrução, muita cultura geral; muita cultura technica, especializada; muitos dotes intellectuales, affectivos e moraes, expansão completa de toda a alma feminina; muito espirito associativo, muita harmonia de vistas e aspirações; muita actividade, muita perseverança; muita comprehensão dos problemas e questões que se agitam no redemolho do mundo contemporaneo — tudo isto era a base que ella queria, que ella pretendia para o seu alto feminismo.

O alicerce massivo de todas as suas generosas aspirações, ficou nesta obra que surgiu, como parede mestra da terra, aos poucos, mas solida, de fina cantaria e larga superficie de construção.

Esta "Revista" era e é uma bandeira, a bandeira de um novo Exercito de Salvação.

Aqui a illustre senhora traçou o programma do feminismo brasileiro e desenvolveu esse programma com uma proficiencia admiravel, digna de todos os elogios. Todas as questões da actualidade aqui têm sido discutidas, ventiladas, documentadas. Todos os problemas aqui tem sido postos em equação, com os elementos necessarios para seu resolvemento. Fez-se a revista, augmentou-se e aperfeçoou-se, deu-se-lhe o impulso maximo de prosperidade.

Fundou-se a bibliotheca como meio de illustração. Fundaram-se cursos technicos para o apprendizado de trabalhos artisticos e praticos, idoneos a uma educação feminil. Fundou-se a exposição permanente de trabalhos, como um incentivo, um exemplo e um fim. Numa palavra fez-se tudo quanto, em cinco annos, se podia fazer para, á volta de uma semente nuclear, reunir todos os elementos que a levem a florescer e fructificar. Creouse um poderoso foco de feminismo. Era a ideia em marcha, em conquista, em triumpho. Tudo isso se deve á grande e generosa alma de D. Virgilina, á sua luminosa intelligencia, e á sua tenacidade de mulher forte.

E, de repente, a fatalidade má veio proposta essa actividade admiravel. Foi uma perda irreparavel. A consciencia publica, na sinceridade do seu pesar sentiu profundamente esse golpe. Era a obra que ameaçava desapparecer, essa obra maravilhosa que desabrochava num florescimento deslumbrador.

Mas a memoria da virtuosa senhora exige que essa obra vá por deante. Ella irá por deante. Não pôde perecer. É uma divida sagrada de reconhecimento, como que a continuação de um culto.

Mas tambem o esplendor das suas virtudes e a claridade infinita do seu exemplo serão a melhor tutela dessa obra que ella edificou, com tanto carinho. As senhoras brasileiras devem-lhe, no amparo efficiente da sua grandiosa iniciativa, o continuar essa obra e levá-la até ás culminancias do triumpho.

J. Machado.

Manifestações de pesar

Se a grande dor, que sobre nós caiu, com a perda irreparável da nossa boa e santa directora, a sempre praticada sra. d. Virgínia de Souza Salles, pudesse admitir um lenitivo, seria elle sem duvida a sincera manifestação de sympathia e de pesar profundo que o seu desaparecimento causou. Mas a nossa dor, mesmo assim partilhada por tantos, por todos os que se associaram ao nosso lucto, é ainda bastante para nos esmagar o coração. Agradecemos, porém, vivamente captivados, essas provas de solidariedade moral e julgamo-nos no dever de archivar aqui essas inolvidáveis mostras de uma grande caridade, em homenagem à inolvidável mitta que permanece sempre viva na nossa saudade, sempre associada aos nossos trabalhos, sempre querida pelo nosso amor.

A todos, os nossos agradecimentos profundos, sinceros, commovidos, mais especialmente, porém, aos distintos e illustres confrades de imprensa que se dignaram ser tão gentis e tão affectuosas provas de estima nos testemunharam. Recordamos para aqui as penhorantes expressões dos principaes órgãos da imprensa brasileira.

É do veterano "Jornal do Commercio", do Rio, de 5 de Junho, o seguinte extenso e carinhoso artigo, sob o titulo "Uma jornalista brasileira":

Acaba de fallecer, em S. Paulo, d. Virgínia de Souza Salles, uma das primeiras senhoras brasileiras que se têm dedicado ao jornalismo fazendo-o como uma profissão, e que, em cinco annos de luta constante, se manifestou como um espirito de alto destaque, do qual tudo tinha a esperar nossa imprensa.

Acompanhando o movimento intellectual feminino que cada vez mais se accentua na Europa e na America do Norte, conseguiu ella congregar ao redor de si um grupo de senhoras da "élite" intellectual da sociedade paulista, e, desprezando preconceitos futeis e abúses caducos, conquistadas para as lutas da imprensa, e com ellas fundar a "Revista Feminina", de S. Paulo, de que foi logo aclamada directora e a qual empregou todo o vigor de sua energia, todo o brilho de seu espirito, e toda a sympathia que suas palavras sabiam irradiar até estes ultimos dias, quando uma molestia veiu collic-la, para em poucas horas roubar-lhe a vida.

Na historia da imprensa brasileira deve ficar registado o seu esforço, que representa mais do que uma simples tentativa, porque ao cabo de cinco annos se tornou uma victoria real, abrindo novos horizontes ao espirito feminino e offerecendo aos interesses da collectividade energias até então occultas pela nebulosa de prejuizos que têm trazido a mulher brasileira afastada dos problemas sociais. A "Revista Feminina" começou modestamente, com poucas paginas de texto, e parecia nos seus primeiros numeros, votada à vida ephemera que têm tido, entre nós, publicações do mesmo genero. A energia pouco vulgar de sua directora conseguiu, porém, com enorme e terrivel luta vencer aos poucos todos os obstaculos que se oppunham à sua empresa. Pertencente a uma das mais distinctas familias, irman do escriptor brasileiro Claudio de Souza, desacomodada pela opulencia em que fóra criada e qualquer especie de sollicitação, não se acobardou ella diante da necessidade de pedir, de rogar e de obter todos os concursos que lhe pareceram uteis ao seu programma,

Corria ella mesma — e com que constrangimento o devia fazer! As fabricas e as casas de commercio, angariando annuncios e publicações; poz-se em comunicação com os nossos melhores escriptores, e com uma correspondencia activa e seguida conseguiu obter suas adherções; arremetteu companheiras em uma por uma das grandes cidades do Brasil; e, ao mesmo tempo, multiplicava a sua actividade pasmosa por todas as columnas de sua publicação, sempre modesta, occulta sob pseudonymos, não levando nenhuma ambição de gloria pessoal, empolgada de todo pela belleza serena de seu ideal. Assim, de mez a mez, melhorou, augmentou, avolumou as paginas de sua revista, que é hoje um de nossos melhores "magazines", conseguindo em torno uma sympathia intensa do publico, e a dedicação de senhoras que se espalham por todo o Brasil, do Amazonas ao Rio Grande.

Nas suas paginas appareceram desde logo, os nomes de Olavo Bilac, Coelho Neto, Magalhães de Azevedo, Felix Pacheco, Claudio de Souza, Feinto de Almeida, Julia Lopes de Almeida, Presciliana Duarte, Anna Rita Malheiros, Amadeu Amaral, Luiz Pereira Cordeira, Leoncio Corrêa, Arthur Cerqueira Mendes, René Thiollier, Cyro Costa e muitos outros nomes brilhantes de nossa literatura.

Seu programma não se limitava, porém, a proporcionar aos lares brasileiros uma literatura san e escolhida, e tomou ella o encargo de manter secções diversas de educação domestica e de civismo, abordando todas as grandes questões sociais, e principalmente as que diziam de perto com o nosso patriotismo, despertando no espirito da mulher brasileira um interesse directo e vivo, quente e activo, por todos os grandes assumptos nacionaes. Desde a entrada do Brasil na guerra sua penna vibrou de santo entusiasmo, exhortando a mãe brasileira a todos os sacrificios e a todas as resignações pela causa da civilisação. Longe de esgotar-se sua actividade parecia crescer na proporção da multiplicidade com que se apresentavam os aspectos de sua campanha. Fundou, ainda ultimamente, uma valiosa bibliotheca

feminina, de muitos milhares de volumes, que pôz gratuitamente, à disposição de suas leitoras. Criou, com grande exito, uma academia feminina de trabalhos domesticos, annexa à redacção de sua "Revista", cujas aulas de arte culinaria, de direcção da casa, de trabalhos de agulha, de bordados, de pintura, de decoraçào, de musica, e outras, regidas todas por senhoras de sociedade, constituiram-se num verdadeiro successo feliz.

Organizou em seguida uma Bolsa Domestica de Economia, para a exposiçào e venda dos trabalhos enviados por suas leitoras, e cujo producto era integralmente remettido ás expositoras, sem nenhum outro interesse ou remuneraçào para a "Revista", do que a de abrir uma nova fonte de renda para os lares pobres, com os pequenos primores que as mãos das mulheres tecem, ligeiras, como tecem as aranhas suas teias, que o raio do sol de uma evocaçào ou de um carinho, vem bafejar nas horas solitarias dos lares felizes.

A exposiçào creceu, vingou, teve um movimento de dezenas de contos por mez, vendendo-se nella desde a renda trabalhada no Norte do Brasil, até os pequenos trabalhos de decoraçào com que



Retrato de d. Virgínia Tirso em Paris, por occasião da sua viagem à Europa em 1898

se entretem as mais ricas, muitas das quaes destinavam o producto de seus trabalhos a obras de caridade.

Agora ainda, quando a morte a colheu de chofre, encontrando a extenuada na sua bella labuta, iniciava ella um serviço novo, o da distribuição de trabalhos de agulha, já começados, e que deviam ser terminados por suas leitoras, para que se vendessem e seu producto fosse enviado á Cruz Vermelha, constituindo uma lola para os soldados feridos!

O destino cruel veiu, no entanto, cortar na flôr de sua mocidade uma existencia por tantos motivos bemfazeja e util á collectividade, justamente quando sua «Revista» nes chegara a dar, mensalmente, com paginas de um texto brilhante e escolhido, e que, de tal fórma era confeccionado, mereceu uma carta autographa de Sua Emm. o Cardeal Arceverde, recomendando sua disseminação em todos os lares! Sua obra continuará, felizmente, amparada e dirigida

ção da «Revista Feminina», passava os dias inteiros, num labor incessante, tendo sob a sua direcção um numero grupo de auxiliares, multidividindo-se para attender ás mil exigencias de um jornal moderno como o seu, de collaboração selee-ionada, de correspondencia intensissima e de uma tiragem surpreendente no nosso meio.

Essa luta, se não foi improfica para o programma da «Revista Feminina», cujos creditos se acham firmados de norte a sul do Brasil, deve ter sido, fatalmente, o elemento decisivo para o anniquilamento da saúde de D. Virgínia, que fallece exactamente quando os frutos de seu exaustivo trabalho haviam amadurecido, transformando a «Revista Feminina» em patrimonio admiravel.

A desditosa senhora, que foi casada com o Sr. João Salles, era irmã do Dr. Claudio de Souza, illustre homem de letras amplamente conhecido na nossa sociedade.

O fallecimento de D. Virgínia encheu de consternação a so-



A bordo do «Araguaya», de regresso ao Brasil. Neste grupo de passageiros vê-se a sra. D. Virgínia, doente, junto de seu marido o sr. João Salles, segurando nos braços a sua filhinha mais velha.

da pelas suas companheiras de cruzada, que della receberam o legado de sua fé e de sua abnegação, e deverá perpetuar o nome de uma das primeiras mulheres que no Brasil se atiram decididamente á ardua missão da imprensa, e que soube revelar a pujança e o brilho do espirito feminino, e mais que tudo á sua potente dedicação, de que muito deve esperar e Brasil, para a obra ingente de sua reorganisação mora.

A «Gazeta de Noticias», do Rio, publicou, no dia 2 de Junho, a seguinte noticia na sua secção luctuosa:

«Virgínia de Souza S. H. — Falleceu ante-hontem, em São Paulo, a Exma. Sra. D. Virgínia de Souza Salles que, havia poucos dias, se submetteu a uma intervenção cirurgica, no hospital de Santa Catharina, á avenida Paulista.

Com esse fallecimento perde a sociedade paulista um dos seus mais finos ornamentos e a mulher brasileira uma das suas amigas mais dedicadas. A extincta fôra a fundadora da «Revista Feminina», de S. Paulo, no genero, a revista mais completa e mais caprichosamente feita que tem havido no Brasil.

Dotada de um temperamento ardoroso e de uma actividade febril, D. Virgínia, na admiravel tenda de trabalho que era a redac-

cidade paulista, particularmente a todos aquelles que, com ella mais intimamente privavam e mais intimamente lhe conheciam os dotes de intelligencia, de espirito e de coração. O seu enterro realiso-se hontem com enorme acompanhamento.»

O «Jornal das Moças», de 13 de Junho, consagrou á nossa querida fundadora a seguinte chronica assignada por Maria Celta:

«De S. Paulo, nos chegou ha dias a infausta noticia do passamento de uma das mais brilhantes escriptoras brasileiras, que na sua terra natal, conquistou pelo trabalho inexhorivel, pela dedicação nobre e desinteressada com que lutou em prol dos direitos da mulher, e reerguimento da intellectualidade feminina, a admiração e o respeito de todos.

E' ella a jornalista d. Virgínia de Souza Salles, da elite paulista e directa irmã do comediographo Claudio de Souza.

Na nobilissima ambição de abrir novos horizontes ao espirito feminino offerecendo-lhe a ampla liberdade de expor as suas opiniões, e tornal-as validas, creou d. Virgínia a «Revista Feminina», cuja circulação a principio limitada detendeu-se mais e mais, graças aos esforços da sua illustre directora que não poupou sacrificios para vel-a prosperar, angariando annuncios, em pessoa, como uma sim-

ples agente. No seu texto, já tão illuminado pelos raios fulgurantes do talento da nossa agora extinta patricia, figuraram nomes dos mais acatados e queridos no nosso meio litero-artístico: pennas de ouro, como a de Bilac, Julia Lopes de Almeida e outros de igual prestigio, emprestaram á «Revista Feminina» um brilho fóra do commun, mantendo-a sempre digna de ser manuseada por mãos delicadas e finas de mulher.

Seu programma atingia a rota de um movimento todo revolucionario contra a apathia espirital das mulheres e a indolencia patriótica dos cidadãos; bellas lições de civismo, de energia patriótica, deu a grande escriptora á nossa mocidade masculina, infiltrando nos corações essa flamma sagrada de heroismo, o desejo das grandes feitos, que agia os seres nobres, não carcomidos ainda pelo fogo da ambição nefasta.

D. Virgínia fundou sem auxilio algum, além da sua grande força de vontade uma bibliotheca, que poz á disposição completa d'rs suas numerosas leitoras, creou tambem uma academia feminina de trabalhos domesticos que annexou á redacção da Revista, cujas aulas, dirigidas por senhoras de comprovada competencia perfeita, foi causa de se lhe dirigirem milhares de cumprimentos e felicitações.

Infelizmente, uma molestia pertinaz e ingrata veio pôr termo a essa vida activa, empregada no engrandecimento physico, moral e intellectual da mulher brasileira, roubando bem cedo ás letras patrias e lides jornalisticas essa creatura tão prodigamente dotada pela natureza, cuja energia escurtiu o feminismo nos mais dolorosos embates.

Paz á sua alma!

A revista paulista «O Echo», no seu numero de Junho, estampou um grande retrato de d. Virgínia de Souza Salles com os seguintes dizeres:

«A nossa presada collega — «A Revista Feminina», — veste-se de luto pesado pela perda da sua dilecta directora.

A distincta morta era um dos espiritos mais cultos do nosso meio social. Em cada mez que se escoa, vinha ella, pelas columnas da sua tão sympathica revista, dizer ás mães as grandes lições que o seu talento fucundára, através de estudos sérios e de uma virtude acrysolada. Fizera-se quasi a directora espirital das nossas patrias. Ensino nenhum que fosse util, deixou ella de registrar nas paginas do seu querido mensario. Irmã de Claudio de Souza, tão querido nesta casa, e esposa de João Salles, tão bom amigo, «O Echo», tambem, sentiu-se ferido de grande magua.

Com essas palavras de puro affecto, registamos o nosso pesar, e enviamos aos caros amigos e á «Revista Feminina», um bem sentido abraço.»

Do «Estado de S. Paulo», de 1 de Junho:

«Expatriou hontem do manhan, no Sanatorio Santa Catharina, onde se achava em tratamento de grave enfermidade, a exma. sra. d. Virgínia de Souza Salles, esposa do sr. João Salles e directora da «Revista Feminina», apreciado periodico que aqui se publica.

A finada por suas qualidades moraes e pela perseverança e intelligencia que demonstrou na sua carreira jornalística, deixou largo circulo de affeições e muitas sympathias. Pertencia a distincta familia de S. Paulo e era filha da exma. sra. d. Antonia Barbosa de Souza; irman dos srs. dr. Claudio de Souza, medico e literato residente no Rio de Janeiro; dr. Ismael de Souza, medico e jornalista Barbosa de Souza, e das exmas. sras. dd. Belmira de Souza Novaes, Genesia de Souza Loureiro e Maria do Carmo, e cunhada dos srs.

Antonio Maria Pinto de Araujo Novaes, Antonio Monteiro Guimarães Junior, Francisco Loureiro e Joaquim José Loureiro.

O enterro da estimada senhora deu-se hontem, ás 17 horas e meia, sahindo o feretro daquelle hospital para o cemiterio da Ordem Terceira do Carmo, á qual a finada pertencia.

Do «Diario Popular», de 31 de Maio:

«Falleceu hoje, ás 8 horas e meia, no Sanatorio Santa Catharina, a sra. d. Virgínia de Souza Salles, esposa do sr. João Salles e distincta directora da «Revista Feminina», de S. Paulo.

A virtuosa senhora era mercedemente estimada pela sua culta e illustrada intelligencia e sobretudo pelas preciosas qualidades da sua alma sinceramente christã.

Alliada a muitas obras de benezerencia e caridade, o seu nome ficará ligado em letras luminosas á conceituada publicação que tão brillantemente dirige.

A sua memoria tributamos a homenagem sincera da nossa mais viva admiração e nestas linhas rapidas externamos o nosso mais profundo pesar por tão inesperado e consternador desenlace.»

Do «Jornal do Commercio», edição de São Paulo, de 1 de Junho:

«D. Virgínia de Souza Salles — Deu-se hontem pela manha, no Sanatorio de Santa Catharina, o fallecimento da distincta senhora D. Virgínia de Souza Salles, esposa do Sr. João Salles.

A morte da estimada senhora, que era um dos mais bellos ornamentos da nossa sociedade, provocou profundo pesar.

Devotada ao bem, a sua accção sempre se fez sentir em pról dos que precisavam e se traduz em muitas obras de caridade.

Dirigia aqui a «Revista Feminina».

Era filha da Sra. D. Antonia Barbosa de Souza, irmã do Sr. Dr. Claudio de Souza, Joaquim Barbosa de Souza, Dr.

Ismael de Souza, D. Belmira de Souza Novaes, D. Genesia de Souza Loureiro e D. Maria do Carmo Souza Loureiro, cunhada dos Srs. Antonio Novaes, Antonio Monteiro Guimarães Junior, Francisco Loureiro e Joaquim José Loureiro.

O seu enterro realizou-se hontem mesmo, ás 17 horas, tendo o feretro sahido do Sanatorio de Santa Catharina.»

Do «Il Piccolo», de 3 de Junho:

«D. Virgínia de Souza Salles — Si è spenta, negli ultimi giorni della scorsa settimana, in conseguenza di una atroce e rapida infermità, Donna Virgínia de Souza Salles, direttrice della «Revista Feminina», ed una delle più colte signore della società brasiliana.

I funerali della defunta, che era sposa del signor Juan Salles, e sorella del dott. Claudio de Souza, sono riusciti una solenne manifestazione di simpatia.

Alla famiglia della defunta, e specialmente il marito, Don Juan Salles, inviamo le nostre più sincere condoglianze.»

Da «A Capital», de 1 de Junho:

«Após prolongados padecimentos falleceu hontem no Sanatorio Santa Catharina a exma. sra. d. Virgínia de Souza Salles, esposa do sr. João Salles e directora da «Revista Feminina».

A finada pertencia a distincta familia de S. Paulo, filha da exma. sra. d. Antonia de Souza, irmã do dr. Claudio de Souza, medico e literato, residente no Rio, dr. Ismael de Souza e outros.



As paes da sra. d. Virgínia, sra. d. Antonia de Souza e sr. cora de Souza (fallecida)

O enterro da estimada senhora deu-se hontem mesmo, sahindo o feretro daquella hospital para o cemiterio da Ordem Terceira do Carmo.

Do "Correio Paulistano", de 14 de Junho :

"A 'Revista Feminina' publicou hontem mais um lindo numero excellentemente collaborado e bem feito.

Desde a parte litteraria á grafica é o presente fasciculo um dos mais brilhantes da symphatica publicação feminina; já tão divulgada nos meios intellectuaes do paiz.

A 'Revista Feminina' presta, em o nome o de hontem, uma tocante homenagem de saudade á sua antiga e illustre directra, d. Virgínia de Salles, recentemente fallecida nesta capital, e que era um dos bellos 'esquitos' femininos da sua geração.

Publica a 'Revista Feminina' um esplendido soneto de Carlos Magalhães de Azeredo, intitulado 'Perfume evocador', uns bellos versos do nosso antigo companheiro Raymundo Reis, e apresentação de Alzira Reis, uma joven e talentosa intellectual mineira, que se alista gallardamente entre as mais ardentes propugnadoras da elevação moral da mulher, e que promete a sua collaboração para a 'Revista Feminina'.

Do "Estado de S. Paulo", de 13 de Junho :

Deve ser distribuido por estes dias o numero de Junho da 'Revista Feminina', a bem conhecida e justamente apreciada publicação de litteratura, arte, mundanidades e actualidades. Está excellentemente. Uma de suas paginas é occupada por um bello retrato da sra. d. Virgínia de Souza Salles, a digna e intelligente senhora que fundou e manteve por tantos annos a interessante revista e que a morte acaba de cruelmente arrebatar, em pleno vigor, á sua querida empresa e aos carinhos de sua familia.

Entre a materia do texto, que é abundantissima, destacam-se um soneto inédito de Magalhães de Azeredo; varios contos com illustrações; a costumada chronica de Anna Rita Malheiros; artigos de Alexina, Alzira Reis, Marilda Polina, Ruth Villas Pinheiro Machado, Lauro Borba, B. S., J. Tibagy, uma pagina de 'Moda para crianças', um longo artigo com illustrações sobre 'A Renda de Venezuela', uma pagina sobre a moda feminina, um historico do leque, com bonitas gravuras, acompanhado de instruções sobre esse objecto, — e mais uma quantidade de artigos e notas sobre coisas interessantes e curiosas, encerrando tudo, bastante desenvolvida, a secção 'Jardim Fechado', destinada á collaboração das leitoras.

A excellencia da revista, de que esse rapido summary dá uma idéa, vae sendo comprehendida pelo publico brasileiro. Ainda hon-

tem, em frente á nossa redacção, na praça Antonio Prado, vimos empilhada a tiragem do presente numero. Eram 15,000 exemplares, formando um respeitavel volume no meio da praça, a chamar a attenção de todos os transeuntes."

Do "Diário Popular", de 13 de Junho :

Vae ser distribuido aos seus numerosos assinantes e leitores e foi hoje offerecido á imprensa, o numero de Julho da 'Revista Feminina'. O successo que lhe estava e está destinado apenas será amortecido pela perda irreparavel da sua distincta directora a sra. d. Virgínia de Souza Salles, arrebataada tão inesperadamente á estima e consideração de todos quantos lhe conheciam as excellentes virtudes e os altos dotes de intelligencia e caracter. Este numero que a pranteada senhora ainda ajudou a collocar com o seu costumado carinho, ficará preciosissima reliquia de subido valor intimo.

Neste numero (lhe prestada a uma sentida homenagem, a homenagem sincera do sentimento doloroso que enluba os olhos de lagrimas e cohibe a pena de escrever. Posteriormente lhe será tributada a expressão do luto que a sua morte causou.

Todas as paginas deste numero da conceituada publicação vêm cheias de artigos excellentes e suggestivos trabalhos litterarios em prosa e verso, illustrados com bellas gravuras, destacando-se além da chronica, brilhante e o o tempo, um lindo soneto de Magalhães de Azeredo e outras produções das melhores penas.

Os seus numerosos leitores apreciarão na devida conta o esforço da 'Revista Feminina' em lhes proporcionar leitura variada, util e interessante com a parte pratica de bordados, rendas, trabalhos caseiros, etc. — e dizem os seus numerosos leitores porque a sua grande tiragem é um facto ainda hontem comprovado com a exposição publica da edição na praça Antonio Prado, documentando a verdade do seu progresso jornalístico e a enorme acceitação que tem no Brasil inteiro.

Do jornal "A União", de 9 de Junho :

D. Virgínia de Souza Salles, recentemente fallecida na capital do Estado de S. Paulo, foi uma das senhoras brasileiras que mais se têm dedicado ao jornalismo.

Iman do notavel commediographo dr. Claudio de Souza, autor da já celebre peça 'Flores de Sombra', emprestou o brilho de sua penna e as fulgurações do seu talento á apreciada 'Revista Feminina', de S. Paulo, outra publicação que nos merece bastas sympathias.

Sempre proporcionou aos lazes brasileiros uma litteratura san e escolhida. Organizou uma Bolsa Domestica de Economia, para a exposição e venda dos trabalhos enviados por suas leitoras. A 'Revista',



A familia Souza Salles, na sala de jantar da sua residencia, á Alameda Glória, n. 87. A sra. d. Virgínia de Souza Salles, sr. João Salles e suas filhas.

à qual tanto se dedico, chegara a merecer uma carta autographa de S. E. do sr. cardinal Arcoverde, recommendando a sua disseminação em todos os lares.

Na impossibilidade de transcrevermos neste numero todas as noticias de jornaes limitamo-nos a essas, agradecendo, mais uma vez tão penhorantes provas de sympathia.

Entre os innumeros telegrammas, cartas e cartões que recebemos, é alivio para a nossa grande dor publicar ao menos — porque todos é impossível — os seguintes :

Victoria, 22 de Junho de 1918.

Meu bom amigo sr. João Salles.

Fui tristemente surprehendido com a noticia do fallecimento da muito prezada D. Virgínia, nos primeiros dias deste mez.

Peço a Deus que o conforto nesse doloroso transe e envio minha benção a esses dous anjinhos que ella deixou sobre a terra, para que sejam o exemplo de virtude e sabedoria que lhes deu sua mãe sobre a terra.

Com um saudoso abraço envio-lhe meu sinceros pezames que peço transmitir à toda a familia.

Do servo em Jesus,

— BENEDICTO

Bispo do Espírito Santo.

Entre as carinhosas homenagens que admiradores das virtudes de d. Virgínia e distintos e apreciados collaboradores da Revista Feminina, se dignaram encetar-nos, destacamos as seguintes que, além do seu valor litterario, revelam aspectos novos e exem-



AS AULAS DA "REVISTA FEMININA"

Aula de arte applicada. Diversas senhoritas trabalhando sob a direcção da dedicada professora e estilista de preto, em pé, ao centro, a senhora D. Aurora de Almeida T. de Carvalho.

Foi uma terrivel surpresa, porque antes de sahir, ainda foi despedir-se de mim em sua companhia e eu não sabia que estivesse doente! Enfim, seja feita a vontade de Deus! Já celebrei duas missas por alma della e ainda celebrarei no 30 o dia que fixei a 1 de Julho.

Sinto immensamente a sua falta, pois bem comprehendo a sublimidade missão que tomara a seu cargo. Conect-a desde a minha infancia e sempre admirei as suas virtudes e o seu zelo pelas cousas de Deus.

Agora que tinha tomado a direcção da optima revista, unica no genero, e que eu reputo uma missão altamente patriótica, desaparece dentre os vivos!

Já estava preparada para receber a recompensa, mas, digo-lhe sinceramente, que me foi doloroso saber da sua morte.

Recebi hoje a « Revista Feminina » e, com que pezar fixei os meus olhos sobre aquelle retrato!

plares da bella alma da saudosa e sempre tão querida fundadora e directora deste mensario :

D. Virgínia de Souza Salles

Beati mortui qui in Dominao vivuntur

(Ap.º. 11-14)

Accedo ao pedido para algo dizer acerca da saudosa finada, cuja alma evolou-se faz hoje 20 dias.

Disperia-te-me, em meio do recuo que em todos deixou, a phrase escultural: Bemaventurados os que morrem no Senhor. Estes e só estes podem lenir, de alguma sorte, a dor causada pela separação dos sérer que nos são caros, porque sabemol-os finados para o tempo na fé e na caridade, na graça de Deus, em cujo reio adormentaram-se com a esperança de uma vida melhor. Fora

dessa esperança, produzida pelas boas obras que praticaram em sua passagem por este mundo, só havendo o negrume do mais descabelado desespero.

Com D. Virgínia, felizmente, podemos dizer que bemaventurada foi a sua morte: viveu ella sempre illuminada pela fé, sustentada pela mais indeclinavel esperança, confortada pela pratica constante de seus deveres religiosos, domesticos e sociais.

Conheci-a na infancia dentro do lar paterno, santuario que foi sempre zelador de todas as virtudes christãs.

Tive-a, em sua desabrochada adolescencia, como cooperadora em varias iniciativas da vida social catholica nesta capital.

Casou-se com aquelle que hoje supporta as agruras da sua viuvez. Sem embargo da multiplicação de seus afazeres de desvelada esposa e mãe, nem por isso abandonou essa cooperação. Si devido ao novo theatro de sua actividade ao lado de seu marido e meu amigo sr. João Salles, em que se fez preciza a sua actividade, principalmente depois de fundada por ambos a *Revista Feminina*, conservou-se no posto que lhe confiei de vice-presidente da Associação das Damas de Caridade. Ainda sozinha, desempenhou-se do cargo de secretaria do Conselho e do Apostolado da Oração, que teve de deixar em vista das occupações da sua nova situação de directora da alludida *Revista*. Em

espírito, porém, esteve sempre unida ás obras, a que se entregava na mocidade.

Faz um mez mais ou menos, disseram-me pelo telephone que D. Virgínia se achava doente e de cama. Fui visitá-la. Os proprios medicos assistentes confiavam em que se tratava de molestia passageira. Passado dias, telefonaram-me que se havia transportado para o Sanatorio de Santa Catharina, afim de submetter-se a uma operação.

Apesar de uma noite frigidissima, lá fui ter. Encontrei-a no leito. Reanimou-se visivelmente com a visita, durante o nosso colloquio espirital. Deixei-a profundamente impressionada pela marcha assistadora da molestia.

O sr. Salles, que não a deixou em nenhum momento, immetto estava com razão na maior tristeza. Fiz tudo para levantar-lhe o espirito.

Caminhou inexoravelmente a molestia.

No dia seguinte, chamaram-me a toda pressa. Encontrei a querida enferma conscia de seu estado, mas com uma coragem varonil, a todos que a rodeavam, confortando com linguagem vibrante e, por vezes, graciosa. Entrevia-se-lhe o temperamento que a fazia tão querida de todos.

Em dado momento, apertou-me a mão e pediu-me lhe administrasse a Extrema Unção, pois os demais sacramentos já os havia recebido.

Mas... disse-lhe não me parecer fosse ainda caso para isso... «Não, adiantou-se elle, Monsenhor sabe e sempre me ensinou que esse sacramento influe não só na saúde da alma, como até poderá fazer bem ao meu corpo...» — Sim, acrescentei, é verdade tudo isso; e prompto estou para fazer-lhe a vontade.

La dar começo ao acto, quando, ao reiterar-lhe a absolvição, pediu-me permissão para fallar. «Quero, disse em voz alta, pedir perdão a todos de qualquer falta, como quero agradecer a todos quantos bem me fizeram». Não é facil descrever a scena que nos proporcionou, edificantissima a querida doente em tão inesquecivel momento. Foi, sem duvida, uma lição eloquentissima de que é capaz uma mulher forte, educada na escola da Verdade e da Virtude, que jamais afastou-se da vida christã. Irmã Terceira do Carmo, desde mocinha; mãe christã desde que se casou, procurou santificar a sua vida, frequentando quasi diariamente a sagrada Mesa da com-

munhão, interessando-se pelo bem estar de seu lar e da sociedade, no meio da qual soube passar os dias de sua vida mortal.

Ainda, ha annos, desposou a causa da mulher brasileira, no sentido de elevar-lhe cada vez mais o seu nivel social. E, de commum accordo com seu marido, e poderosamente auxiliada por penum adaminatas, fundou a *Revista*, de que acima fallámos, que foi um verdadiero acontecimento nas nossas Lettras Patrias e na formação do caracter moral-domestico e social da mulher que quer realisar os seus elevadissimos e providencias destinos.

Essa sua obra, esperamos, continuará sob os auspicios de sua inolvidavel memoria.

Com as saudades, que nos ella devido, apresentamos ainda uma vez ao seu espóso ás suas filhas e todos de sua respeitavel e mui dilecta familia os sentimentos de nosso vivo pesar.

S. Paulo, 19-VI-1918.

Monsenhor C. Passalacqua.

IN PACE...

Ha pouco mais de um mez que a morte fez tombar nas vozeragens d'um tumulo, entre saudades e prantos, os das mais distintas e mais prestimosas damas da nossa sociedade paulista.

Todas a conheciam e todos a estimavam, porque a todos chegara o eco do seu nome aureolado de respeito e coberto de prestigio.

Referimo-nos, com as lagrimas nos olhos, á indolosa directora da nossa *Revista* — D. Virgínia de Souza Salles.

As suas virtudes já bem vividas e admiradas, á luz pujante da sua vida, rutilam hoje mais intensa e formosas, porque, assim como as estrellas brilham com mais fulgores sobre o panno escuro da noite, assim os encantos da alma melhor se estadeiam sobre as sombras humidas da morte.

O passamento de D. Virgínia foi, pois, para todos nós uma treva angustiosa, onde ainda choramos lagrimas amarguradas, e uma clareação forte, por sobre suas restas de luz se veem todas as linhas rectas e todas as benemerencias santas da sua vida christã.

Sentiu-se e reconheceu-se então, então mais do que nunca, quanto era radiosa a sua existencia, e quanto era util a sua dedicação e esforço dentro do lar e fóra d'elle.

D. Virgínia Salles tinha o raro condão de se fazer estimar e respeitar. Sem affectações e sem exageros exercia sobre quantos a rodeavam um prestigio inconfundivel e raro, proprio de quem sabe impor-se pelo garbo senhoril e pela lisura de exemplos.

Como esposa soube sempre unir ao trabalho forte, á intelligencia fecunda, e ás iniciativas felizes do seu idolatrado consorte a sua previdencia que tudo calculava, o seu conselho que tudo exalcracia, e sua razão prompta e raciocinada que tudo completava e a tudo punha termo.

A prole graciosa, que lhe enflorava o ninho, jamais deixou de ver nella a mãe affectuosa e doce, e a educadora esmerada e escrupulosa. Do seu espirito cultivado e amplo desciam abundantemente, sem sombras, e nos momentos propicios, claridades apuradas que, a pouco e pouco, iam accendendo e virtualizando as tendencias generosas e os sentimentos virgens da alma e coração das suas queridas filhinas.

Não lhe aborrecia o tempo. Uma outra familia reclamava os seus cuidados e o seu conforto. Era a grande familia dos infelizes. Para ella, pois, se atirava, nas horas de lazer, como Dama de Ca-



Outra photographia preciosa, lembradora de saudades—D. Virgínia, sua esposa e filhinas, reunindo, ha annos, em Santos.

ridade e como Mãe christã, e, voando de tugurio em tugurio, de mansarda em mansarda, por ella in distribuindo o pão esmolado que alimenta, e a palavra divina que santifica e salva.

Se o seu crucifixo de vicentina, que lhe adornava constantemente o peito, podesse fallar, elle nos diria, em reflexos demorados e ardentes, o grande numero de infelizes que o seu alento alliviou, e as muitas lagrimas que a sua palavra converteu em sorrisos.

Em todas as obras de Deus se multiplicava e ardia em zelo. Via que a ceara divina era immensa e que as operarias escasseavam. Então, lembrou-se, um dia, em arrotear as terras safaras das vocações afim de nellas encontrar vontades decididas, que quizessem subir os Altares divinos do Sacrificio.

E não foi em vão que se cançou nos caminhos. Hoje alguns ministros de Deus existem, que devem a gloria do seu sacerdocio ás sollicitudes e desvelos dessa grande operaria de Jesus Christo.

Ainda lhe sobejavam energias para alargar mais e mais o seu campo de acção religiosa e social. Os magazines profanos e poucos escrupulosos saturavam de venenos o ambiente da mulher brasileira. Era preciso purificar-lhe a atmosfera, proporcionando-lhe leituras sãs, paginas uteis e idéas nobres.

E eis que um dia, a um clarão do seu talento surge exuberante de vida e radiante de belleza, a nossa -Revista Feminina-, que foi sempre a melhor flor do seu jardim, e a melhor joia do seu escrinio. Para ella foram sempre as horas mais fortes da sua vida, as scintillações mais ricas de seu cerebro e as vigillas mais demoradas das suas noites.

Sua alma, pois, como se vê, grande, boa e crente, por natureza e por educação, jamais deixou de viver continuamente entregue aos deslumbresamentos do amor de Deus e aos sacrificios do amor pelo proximo.

Tudo isto ajusta toda a sua vida e gloria todos os seus meritos que são um luzero de crenças — vida que é um sacrario de virtudes.

E é nesta altura, em que a sua acção se coroa de triumphos que a morte lhe ardeou a fronte para que não rebesse os louros!

Pouco importa!

As obras de Deus não podem ser esquecidas por Deus. O Senhor das misericordias e da justiça compensará certamente a sua grande serva com premios divinos e eternos.

As bênçãos do céu descerão, como estrellas, para lhe tocarem a alma de glorificações e graças.

A sua corôa será, pois, não de palmas mas de luzes.

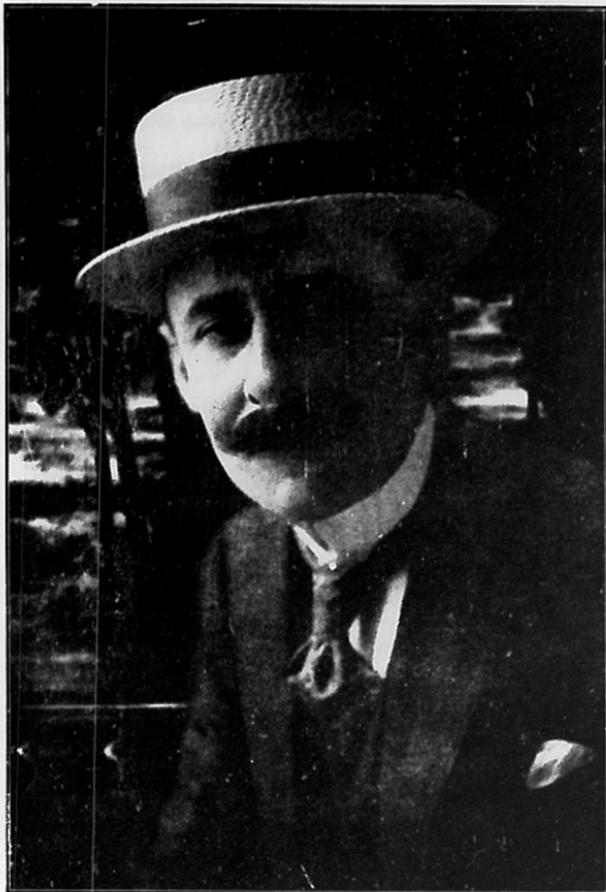
Depois de tudo, pôde operar ferozmente a chimica dos elementos; podem esphacelar-se as corôas funebres, podem rasgar-se os crepes sombrios, pôde desconjuntar-se a urna funeraria, desmantelar-se a jazida de marmore, e apagar-se o epitaphio de ouro, porque, acima de tudo isto, que é ephemero, que se pulverisa e desaparece, ficarão eternamente a brilhar, como faches e como diamantes, as fulgencias dos meritos, e os esplendores das virtudes daquella que em vida foi uma grande dama e uma grande christã, e que se chamou d. Virgínia de Souza Salles.

Distenda-se a paz sobre o seu tumulo orvalhado de lagrimas! E distenda-se a luz sobre a sua memoria unjada de saudades!

Alma de anjo repousa ao murmurio das nossas preces!

Espirito gentil descança entre os brilhos imperciveis da gloria eterna — In pace...

Paulo de Chazso.



Sr. João Salles, director-proprietario da "Revista Feminina" e solido cooperador de d. Virgínia em todos seus feruents iniciativas.

REMEMORANDO...

Corria o anno de 1905.

Os sinos das igrejas alegremente festejavam o mez de Maio que entrava na cadeia do anno por entre as magnificencias de uma esplendida primavera. Todos os templos da Capital celebravam á paria as glorias de Maria.

Todo o amor da terra filtrado através do perfume das flores, o cantico dos fieis e o cheiro dos incensos, se concentrára no ambiente das igrejas, e ahi prostrada aos pés da Virgem a turba-multa dos necessitados cantava os seus louvores.

D'entre todos esses templos um havia que pelo esmero com que executava as ceremonias mariannas, sobressaia num toque de singular attracção. Era a igreja da V. O. T do Carmo.

Como tudo isto se me aviva na lembrança, apesar dos annos volvidos! Aquellas musicas tão ternas... aquellas ladainhas que se devolviam pela nave como uma supplica insistente da multidão... e o zeloso e prestante Monsenhor officando no altar com tanta piedade... e, no meio desta magia de festa, os saracoteios da bulhosa renque dos coroinhas...

Coroinhas? Oh, bem me lembra! D'entre elles um se descolou pallido, esquelético, meditativo a fazer timbre de bem cantar as respostas da ladainha. Chamavam-no o menino de voz *sympathica*, e muita vez no côro do Gymnasio foi sorteado para cantar uns solos de soprano.

Antemanhã, desafiando a cetrada neldina ia postar-se ao portão de entrada da sacristia para ajudar a primeira missa que houvesse.

Durante o dia, furtando lazer ás occupações domesticas, ia em piedosa romaria á igreja, onde, de altar a altar corria numa postura supplicante a apostar primazia aos anjos e beatos do côo.

Voltando a casa, levava horas a repetir de oitava ladainhas, *Domnus eubicum e versos* do Prelacio. Tal era a importancia do piedoso cantor que sua debil voz subindo ondulante para o alto chamou a attenção aos moradores do solar que ficava em cima.

Certo dia chamado lá para cima, eis se lhe deparou uma senhora de captivante presença, olhos scintillantes a revelarem uma alma intelligente, que (observadora perspicaz das cousas do côo) para logo lhe foi dizendo que ia dar passos para formal-o padre.

O pequeno, a cujos ouvidos jamais soára idéntica affirmação, entre astustado e satisfeito foi annunciar aos de casa o resultado da entrealra.

Verificada a sua disposição, andou a boa senhora em diligencias por metter o seu predestinado no Seminario, até que um dia lhe veiu comunicar as alvicas da sua admisso.

Entou no Seminario. Luctou. Quem o vio na faina intensa de pedir á caridade o que faltava á mal amaneada bolsa de seus paes, poderá attesta toda a prosperidade desse *luctu*.

Para animal-o nos fortuissos decraimentos de sua coragem, tinha no côo a sempre desperta Providencia, e na terra além dos Superiores e dos anjos do seu lar, a figura cheia de fé daquella bonissima senhora. E assim, baldos de neços terrenos, se lhe escoaram lições aos annos de seu tirocinio seminariano.

Chevou lhe o suspirado dia da ordenação! Viu dobrar-se sobre sua fronte indigna uma corôa do sacerdotio. Agora, a primeira missa! A heira dos degraus daquelle mesmo altar de cujos flancos saíra cheio de esperanças caminho do Santuario; elle ouviu na confusão das preces da assistência muito suspiro, muito soluço de commoção! E ella, a boa senhora tambem suspirou por elle...

Esse padre, pauperrimo de dotes mas opulentissimo de sentimentos de gratidão é o humilde signatario destas linhas, flores vivazes esfolhadas por sobre a campã de sua mãe adoptiva.

Costumava chamar-o o seu filho mais velho... Pois bem, D. Virgínia! O seu filho mais velho vem prestar-lhe a homenagem de gratidão e de sua saudade. Muito vos sabem grande lutadora em prol dos interesses de vosso sexo; muitos vos admiram a multiplicação da pessoa nos variados misteres de vossa operacidade, mas poucos, mui poucos sabem que encheis a medida de vossa grandeza, cooperando na formação de um sacerdotio.

A vossa memoria viverá em mim como uma benção perenne «cujus memoria in benedictione est». Deixae-me entretanto que, á beira de vosso tumulo, meditando no quanto vos devo, derrame a flux sobre vós os meritos infinitos do Santo Sacrificio, que celebrei entre lagrimas quentes de gratidão e humidas de saudade!

Padre Genesio Nogueira Lopes.

Santos, 27 de Junho de 1918.

Meu querido Amigo João Salles:

Vim á "Revista Feminina" para trazer-te, pessoalmente o meu doloroso abraço. Cré que eu e minha mulher profundamente sentimos a morte de tua boa companheira.

Sã forte. Tem coragem. em fé.

Amalhão irei a tua casa renovar este meu sentimento de pesar. Como sabes estou vivendo temporariamente em Santo Amaro. No dia do fallecimento da saudosa D. Virgínia não me achava em S. Paulo, razão pela qual não compareci ao enterro.

Perdoe-me. Eu beijo os teus filhinhos e eu te envio, com o coração, o meu abraço amig.

Teu, do coração,

Cyro Costa

S. Paulo, 3-6-1918.

Amigo João Salles

Ha mais tempo devia eu dar-te, não por escripto, mas pessoalmente, os meus pezaes pela morte da tua querida e virtuosa esposa e nossa meiga e intelligente companheira de trabalho. Basta,

porém, que saibas que a morte de d. Virgínia me doeu tanto e tão fundo, que, ainda neste momento, não me refiz da minha dolorosa turpiza.

Comprelendo, Amigo, a tua dor, porque sei que a amavas.

Alra-te o amigo e companheiro
Julio Cesar da Silva

S. Paulo, Junho, 1, 1918

Ha pouco mais de um anno, de passagem por São Paulo, conheci d. Virgínia de Souza Salles. E: immediatamente, me impressionou a direcção de sua poderosa e intelligente vontade, superiormente consagrada á "Revista Feminina", de molde a justificar plenamente a larga divulgação, por todo o Brazil, dessa interessante publicação.

E era "Revista Feminina", á qual ella dedicou o melhor das suas energias e dos seus carinhos intellectuaes, perdurará como o mais eloquente dos monumentos á sua memoria.

E sejam estas rapidas, tocas, despretenciosas linhas como um ramo de perpetuas rosas, depositado sobre o tumulo que lhe guarda os despojos intierias.

Leocínio Correia

Recebemos ainda telegrammas curtos ou cartões das seguintes pessoas amigas e de collegas de imprensa:

«A Vida Moderna»: «O Echo»: Fernando Frick e sua: J. Machado; Guíño e familia; Azarias e familia (Rio); Matoquinhas Silva (Goyaz); Ele Gravestine Borges de Moraes e Odilon D. Ribeiro de Moraes (Santos); Maria Junqueira da Luz (S. Gonçalo do Sapucahy-Minas); Antonieta Botelho Prado (Estação da Batalha); Martin Damsy; Gustavo Figue; Coriolano de Mattos e sua; dr. Alvaro Guíño (Campinas); Francisco Escobar (Poços de Caldas); dr. Tapajós Gomes (Rio); Elvina Guíño; Tota Franco da Rocha (Santos); Padre Deudedit de Araújo, representando o sr. arcebispo Metropolitanano; d. Maria Isabel Paim Vieira, d. Albertina Blom, d. Joanna de Mesquita, por si e representando as Damas de Caridade da Bella Vista; Laura Corines, d. Theozeta de Lima, d. Maria do Carmo Muniz de Mello, d. Maria Ribeiro Saloya, d. Joaquina Candida Ribeiro, d. Maria da Puzera M. de Mello, d. Constança M. Dias, Antonio Brachini, Alfredo dos Santos Diniz, d. Carmen Fiori e familia, d. Joaquina Augusta de Sá, João de Sá, Raul P. Machado, por si e pelos auxiliares da "Revista Feminina"; Arlinda Aymurê Martins, J. Guarim Barbosa, José Maria Machado, d. Maria Angelina de S. Ferreira, Benedicto Gomes Nogueira, d. Adeline Lima de Lemos, d. Augusta Ribeiro Dantas, Bruno Grobel da Silva, d. Elina Alamberti, dr. Raul Monteiro, José Antonio de Lima Vieira, Jo.ana Pentecost de Campos, Barbosa Cruz, por si e pelas Damas de Caridade de S. José do Belém; Francisco Eugenio do Amaral, d. Amelia Peak, Gabriel Mourão, Viriato Camargo, dr. Paulo Passalacqua, Leão Araujo Novaes, Julio Ferreira de Mesquita, d. Edelburga Fontes, Manoel Antonio de Queiroz, João Maximiano da Silva, pela Fabrica Castellões; d. Anna Fausta de Sant'Anna, d. Ignez Moretzson, d. Maria de Araújo Macedo, Antonio José Vieira, d. Emergenda P. Loureiro, d. Margarida Loureiro, d. Lurilia O. de Castro, por si e pelas Damas de Caridade do Braz; Bráulio M. R. da Cunha, Miguel Pereira Lemos, dr. Julio Cesar da Silva, familia Bernardo de Campos, Joaquim José Loureiro, Virgínia Madureira, Raphael Alamberti, Antonio Maffei, Fabio de Souza Guimarães, dr. Javert Madureira, d. Emeraldia de Oliveira, d. Lydia Silva Pinto, por si e representando as Damas de Caridade de Santa Cecilia; d. Maria Luiza Machado, d. Annita Soares, por si e representando d. Anna Rosa Soares Raposo; d. Olga Vieira, d. Cyriña Passos, d. Maria Antonia Moratti, Luiz G. da Silva Leme, d. Isabel Rocha, por si e representando o Conselho das Damas de São Vicente, de Santa Ephigenia; d. Maria Apresentação Salles, d. Engracia Josephina Vieira, d. Maria Passalacqua, por si e representando monsenhor Canillo Passalacqua; Antonio José de Arruda, dr. José Leite de Arruda, d. Brasília Dias Leite, por si e representando as Damas de Caridade da Consolação; d. Julia Prestes Baptista, José Francisco Franco e senhora, Felício de Campos Cintra e senhora, dr. A. Medeiros, Conde de Lara e senhora, Marietta Dias, dr. Edward Carmillo, d. Hypolita A. de Souza, Antonio Gonçalves de Campos, Manoel Arthur dos Santos, d. Maria Candida Guimarães dos Reis, por si e por Virgilio dos Reis e filhos; Pedro Seppi, dr. Cyro Costa e senhora.

(Não foi possível recolher neste numero todas as delicadas e multas mensagens de pesar que tão sinceramente nos honharam. Deixamos outras muitas, para o numero proximo.)



O ultimo numero da Revista Feminina, de Junho, que a sra. d. Virgínia tão carinhosa e inteligentemente ajudou a confeccionar e que deve ser por isso mesmo guardado como uma reliquia da veneravel querida senhora.

Desse numero, por um processo original de reclame que sartiua o melhor efeito de publicidade, tiramos 25 mil exemplares, edição actual da Revista, expondo-os em pleno centro de S. Paulo, na Praça Antonio Prado. Achamos interessante publicar esta documentação insofismavel da enorme expansão da «Revista Feminina» em todo o Brasil.

KOLĀ SOEL - Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago.
 Util no crescimento das creanças.

Um lindo serviço de mesa

ESTE trabalho, queridas leitoras, é de fácil execução e de um aspecto encantador. Elle dará á vossa mesa de chá um tom elegante e mostrará o cuidado e a dedicação que tendes com o vosso lar.

Compõe-se este serviço das seguintes peças: toalha para mesa, guardanapos, abafador de chá, sacolla para ovos e sacco para pôr os guardanapos.

A sacolla para ovos é feita de um rectângulo de linho de 37 centímetros quadrados, tendo os quatro cantos dobrados e unidos ao centro. Elle mede, depois de armado, 25 centímetros quadrados. O bordado é á Ingleza e tem uma sombra de setim cõr de ouro velho e interiormente é forrado com flanela branca afim de conservar o calor. Uma ponta de "Cluny" ou um bico de crochet contorna a os angulos da sacolla.

O guardanapo, feito com uma linda ornamentação, mede 80 centímetros quadrados. Poderéis vêr distinctamente na gravura, as partes bordadas em Richelieu e as que são bordadas á Ingleza com grades. Volvei especialmente vossa attenção para o festão cujo relevo, feito com um grande enchimento, dará mais graça ao trabalho.

Os guardanapos são simples, medem 85 centímetros quadrados e só têm um angulo bordado, metade á Ingleza e metade á Richelieu.

No portaguardanapos os bordados á Ingleza são suprimidos. No meio leva uma applicação de Venezia e aos cantos enfeites de Richelieu semeados com bolinhas em relevo. Aqui tambem o festão deve ser bem cheio.

Póde-se forrar o portaguardanapos com setim ouro velho, mas isto não é indispensavel.

Fica ao gosto das leitoras. O abafador, que mede 32 centímetros, na sua parte mais larga e 25 centímetros de altura, é volteado por um

bico de "Cluny" ou crochet e forrado com setim ouro velho. Os dois lados são igualmente bordados.

Para a toalha nós só damos a decoração do centro, de modo, que vos seja possível dar-lhe as dimensões que desejardes, aumentando nas margens e unindo o motivo central. Isto é uma novidade que certamente será bem acolhida, pois offerece uma grande vantagem na pratica. É inutil bordar as margens da toalha, pois ellas desaparecem completamente aos olhos dos convidados que se sentam á vossa mesa. Uma bainha a olho é o sufficiente, si as leitoras preferirem ao desenho que damos.

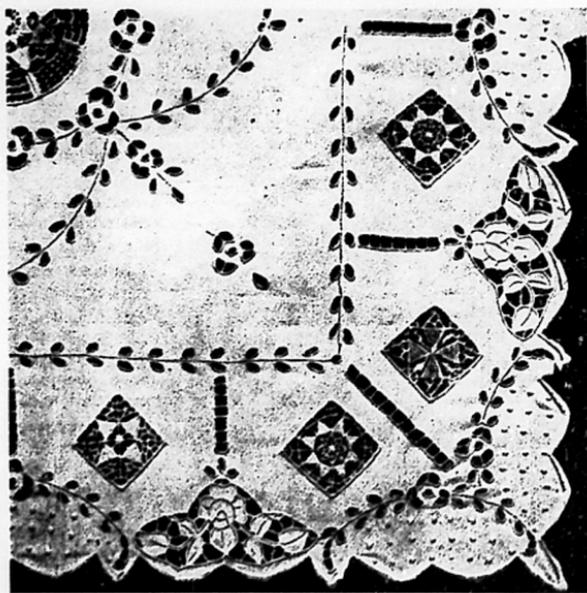
Os guardanapos podem igualmente ter uma bainha a olho ou um festão. Elles são feitos com um bordado á Ingleza e motivos de Richelieu. Entre a bainha e os motivos bordados ha uma certa quantidade de bolinhas cheias.

Para facilitar o trabalho que exigem certas peças desse serviço, vou dar-vos aqui alguns detalhes.

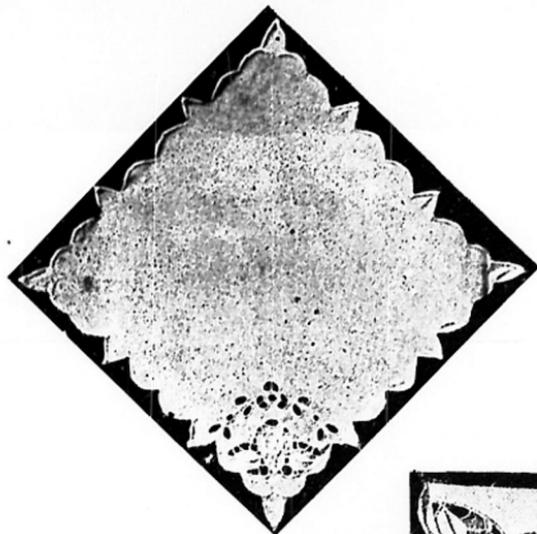
Vejamos em primeiro lugar, a sacolla para ovos. Cortae um rectângulo que tenha a mesma dimensão que o de vosso linho bordado. Em seguida cortae um outro de flanela que tenha a mesma dimensão. Collocae a flanela no avesso do setim e juntae os dois com um ponto bem firme fazendo um debrum de 2 ou 3 milímetros. Feito isto, cercae vosso rectângulo bordado com um bico de "Cluny" ou crochet, pregado com um ponto de cordão, depois collocae a almofadinha que acabastes de



Sacolla para ovos. Modelo postico e interessante.



Linha Toalha para chá, em Richelieu e bordado ingles.



Modelo dos guardanapos que completam o magnífico serviço.

fazer, de modo que o direito do selim fique com avesso do bordado para formar um transparente. Dobre depois os quatro cantos para o meio e prenda tres somente, a fim de deixar um livre para formar a saccola. Este ultimo deverá ter uma alicha que se unirá aos outros tres por meio de um botão.

Para o abafador não ha tanta complicação. Primeiramente é preciso cortar 4 pedaços de selim que tenham a mesma forma do bordado. Em seguida juntee dois a dois os pedaços do forro, collocando-os avesso com avesso e intercalando entre os dois uma ligeira camada de algodão. Reuni em seguida os dois acolchoados com ponto de chulear, deixando livre a parte inferior e depois volteae com um bico de "Cluny" ou crochê.

Uma vez que vimos peça por peça esta collecção. acho tambem conveniente vermos tambem algumas indicações relativas ás applicações de Veneza, porque vós não ignoreis que, para que este serviço seja bonito é preciso não nos afastarmos do modelo, que, embora pareça ser de grande simplicidade, pede muita attenção.

Eis pois a marcha a seguir: alinhavae cuidadosamente o motivo sobre o lugar marcado tendo muito cuidado que os angulos fiquem perfeitamente nítidos quando a applicação for um rectangulo e bem regular quando ella fór redonda.

Quando tudo estiver no lugar, com o auxilio da linha de

bordar, seguraa todos os contornos [do motivo com ponto de festão bem regular, prendendo ao mesmo tempo o bordo do motivo e da fazenda. Quando tiverdes terminada este festão cortareis a fazenda para que a renda fique transparente.

Escusamos salientar a opulenta belleza deste serviço, um estylo tão sobrio e ao mesmo tempo tão decorativo. Nelle se fundou duas das mais suggestivas rendas, a Richelieu e a Ingeza, ambas apropriadas mais do que nenhuma para os effeitos de fidalga distincção.

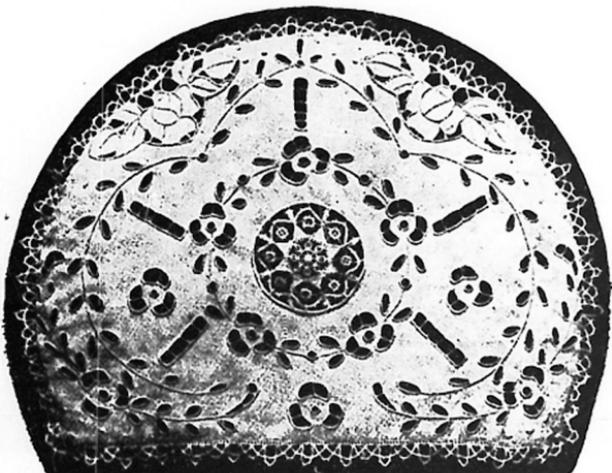
Acresce ainda que os modelos que nestas paginas damos são de uma grande simplicidade. Com um pouco de esforço é muito facil reproduzi-los de maneira que se ficará, a custo de pouco trabalho, com um serviço positivamente muito rico e muito bello.

Aconselhamos vivamente estes desenhos ao natural bom gosto das nossas gentilissimas leitoras.

Pela quantia de Rs. 12\$000 enviamos registrado pelo correio, a quem nos sollicitar todos os collecções de rixos em tamanho natural desta linda collecção.



Um do desenho de porta guardanapos, em um dos estylos.



Abafador para chá, de um opulento effeito decorativo.

A INTIMIDADE DO LAR

NO nosso clima vive-se muito fóra de casa. A maior parte do tempo corre fóra do lar, na rua, no escriptorio, no armazem, no theatro, no cinema. Ha pouca vida de familia. Porisso laxam-se os vinculos de intimidade que devem apertar os membros dessa pequena unidade celular que é a base de todas as outras.

Em grande parte o clima é responsavel por essa dissipação que faz esquecer a muitos deveres essenciaes e nos priva quasi todos das alegrias familiares que são as mais santas, as mais reaes e as mais affectivas. Dir-se-ia que o nosso lar não foi feito para nós, que nós é estranho, que é ficticio.

Isto explica tambem a mudança constante de casa em casa, com a traquitana dos moveis, expondo intimidades, desrespeitando pequenas coisas sagradas que são segredos e segredos que são pequenas coisas sagradas.

Não ha nada mais lastimavel do que essa mania de lohemios, de caracacs arrastando o castulo, de irriquetos procurando a linha pendular do repouso, malbaratando a sua vida par todos os cantos, não deixando em parte nenhuma florescer as mais recuadas flores das suas recordações.

E' lastimavel porque denota a falta de vida de familia e sem a vida de familia não ha sociedade e não ha patria.

Não são assim os povos do Norte, o inglez, por exemplo. Esse tem acima de tudo o culto do seu "home" e transporta consigo esse culto para qualquer parte aonde o destino o leve. O tempo que passa-o em sua casa, junto dos seus, no doce convívio amoroso do lar. E' ali que elle "vive", enquanto que os outros se illudem a viver.

Porque tão flagrante differença de hábitos? Porque tão diversa maneira de comprehender e encarar a vida?

Talvez o segredo esteja no carinho com que a mulher ingleza sabe dispor a sua casa, de molde a convertê-la num fólo ninho de innocente prazer, de captivante bem estar.

Tudo ella faz para arranjar o melhor possivel o seu "home", distribuindo as coisas que o compõem com uma arte admiravel. Alem do asseio absoluto, meticuloso, atrahente, ella sabe rodear os seus do maximo conforto. E' um processo de prender as tentações que vêm de fóra, de reter em casa os que procuram o repouso, a distracção, o esquecimento da tarefa de cada dia, e que, se não se sentissem bem de portas a dentro, iriam dispersar nos clubs ou na rua o transbordamento da sua expansão de affectuosidade.

E' interessante e frisanté esse habito britannico da vida familiar tão arraigada e tão intelligentemente cumprida.

Toda a vida ingleza, no que ella tem de mais peculiar e original é assim uma vida de intimidade caseira.

E' que no "home" — a primeira ambição de propriedade no inglez — a vida é agradável e seductora.

O mobiliario é abundante, commodo, luxuoso quasi sempre. Ha tapeçarias, pelos muros, pelas portas, pelo chão; "mapples" regalados pelos cantos; columnas com vasos cheios de flores; bronzes e estatuas sobre as mesas; quadros de tintas fortes e paizagens campezinas ou maritimas, pelas paredes; candelieiros que derramam uma luz discreta, tamisada, pelas salas, convidando ao "bridge" ou ás longas palestras de intimidade e carinho em que o tempo corre ligeiro na communicacão effectuosa dos corações que se amam.

Todo esse asseio, todo esse conforto, toda essa arte vão da porta de entrada ao mais recatado aposento, passando pelo jardim e

pela cozinha, de maneira que tudo atrae, tudo sorri e tudo convida a ficar, a viver alli nesse pequenino paraizo de intimidade e carinho.

Essa vida resalta de todos os quadros dos pintores e de todos os livros dos romancistas inglezes, de toda a arte, de toda a actividade, em que ha muito de biblica affeição familiar e muito da verdadeira vida como todos nós a sonhamos.

Na maneira de adonar e dispor uma casa é inimitavel a mulher britannica. E' inimitavel tambem tudo quanto da Gran-Bretanha nos vem nesse sentido.

Porisso é que a casa Mappin Stores tem entre nós quasi o exclusivo privilegio de fornecer mobiliarios, "abat-jours", columnas, formas etc. que enriquecem e tornam uma casa interessante.

A harmonia do mobiliario de uma sala depende da disposicão das pequenas cousas e muito talvez do contraste das côres.

Um vaso com flores, um "abat-jour", uma jardineira, são o complemento indispensavel para o bom e bello conjunto de um interior.

O "abat-jour" alem de ser um lindo enfeite, é um objecto de real utilidade; amortece o brilho excessivo e fatigante das lampadas electricas que offendem a vista e espalha uma claridade equal, convidativa ao silencio carinhoso das intimidades.

As almofadas são outras tantas cousas de valor para a attracção do "home" e alem de ornamento são utilidades preciosas.

Ora Mappin Stores possui um variadissimo stock de todos estes e outros artigos de ornamentação e conforto caseiros e constantemente estuda novos modelos de "abat-jour" e columnas.

As combinações de côres são tambem objecto de sollicita attenção por parte da secção de tapeçarias desse importante estabelecimento, tendo já realizado bellissimos contrastes em formatos e côres.

O seu stock de almofadas e almofadas é inconfundivel de belleza e bom gosto. Sedas de primeira qualidade e finissimas plumas são empregadas em detenhos muito originaes dos mais interessantes estylos.

Em summa Mappin Stores possui como nenhuma outra casa todas essas cousas que ornamentam uma habitação e estreitam mais intimamente a vida de familia. A gravura que acompanha esta nota dá uma ideia de bizarras e lindas combinações no arranjo de uma sala.

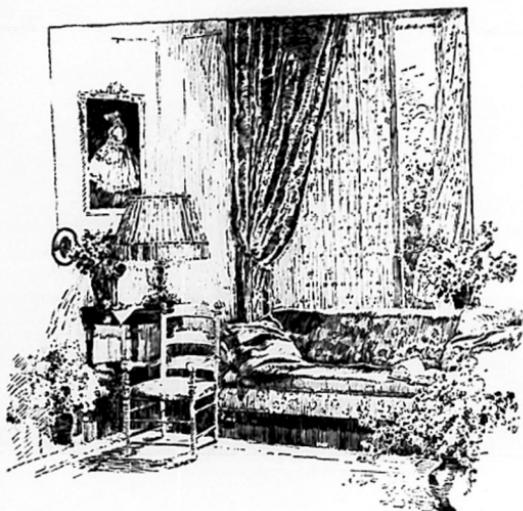
Assim com todo o conforto, com todo o fólo carinho que envolve, a gente sente-se bem dentro de casa, viverá mais para si e para os seus, gozará mais essa vida de familia, com os entes queridos, sem as tentações da rua, do club ou do cinema, onde o coração se desperdiça e tantas vezes se perde.

A mulher brasileira precisa de realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos. Não é necessario muito para isso. Alem de ser affectuosa e bom cumpre-lhe adonar o seu lar e tornal-o um pequeno ou grande ninho de verdadeiro aconhego e de verdadeira felicidade.

Não é preciso gastar muito para isso. Ninguém exige o luxo opulento; quer-se apenas o bom gosto e modica despezça. Ora Mappin Stores possuem, no seu stock de objectos familiares e mobiliarios, lindas e artisticas coisas, a preços muito razoaveis.

E não é só para as casas da cidade que essas coisas todas são preciasas. Na fazenda é necessario tambem enfiar a casa, tornar agradável a vida em familia.

MARINETTE.



TOLUOL

TOSSES BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA. ■■■■■

VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS. ■■■■■

TRABALHOS FEMININOS

Sacco para lenços

Eis um encantador porta-lenços, que, certamente o executareis com prazer, principalmente quando souberdes, queridas leitoras, que, mais adiante encontrareis um sacco igual para luvas, ficando assim com dois lindos trabalhos semelhantes.

Compõe-se elle de um rectangulo de linho fino, medindo vinte e cinco centímetros quadrados e cercado por um entre-mecio de renda Valencianna de 3 centímetros de largura e depois colloca-se sobre outro rectangulo de setim rosa, porem mais largo que o primeiro, que tenha 33 centímetros quadrados, de modo que fique em volta da renda sobre uma tira de setim. Sobre esta colloca-se um fôfo de seda rosa.

O bordado é feito á Inglesa, com ponto de cordão e enfeitado com pequenas applicações de Veneza, tendo cada uma o diametro de 3 centímetros. A um canto faz-se um artistico laço de fita rosa claro



SACCO PARA LENÇOS

O desenho em tamanho natural enviamos registrado por 38000.

o qual dará ao porta-lenços um aspecto encantador.

Porta-luvas

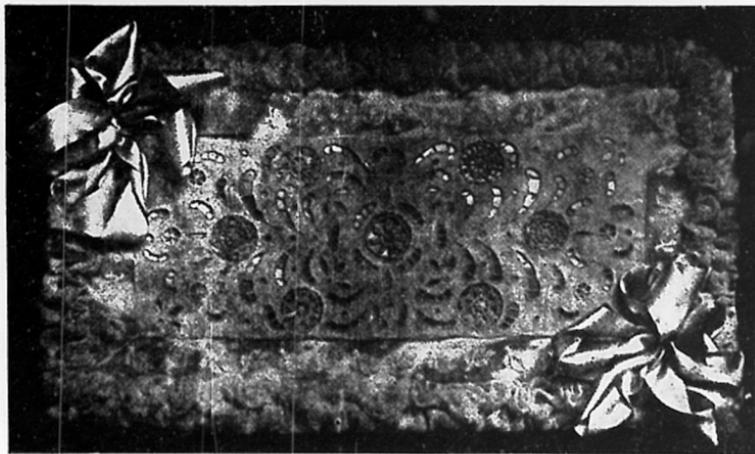
Este, queridas leitoras, differo do anterior sómente nas dimensões, que são de 44 centímetros de comprimento por 35 de largura.

O bordado e incrustações de Veneza são iguaes ás primeiras, assim como tambem são iguaes a côr do setim, seda e da fita.

O rectangulo de linho para o bordado, mede 13 centímetros de largura por 32 de comprimento. É tambem rodeado por um entre-mecio de renda Valencianna, da mesma largura

que a do porta-lenços, deixando tambem, em toda a volta uma margem de setim rosa sobre a qual se colloca um fôfo de musselina de seda e nos dois cantos extremos põem-se dois ricos laços de fita rosa.

Ahi tendes, amaveis leitoras, dois artisticos trabalhos que darão muita graça ao tocador.



PORTA-LUVAS

O desenho em tamanho natural enviamos registrado por 38000.

O MENU' DE MEU MARIDO

Creme de laranjas

Batem-se 12 ovos com 500 grammas de assucar até ficar bem grosso, mistura-se um copo de caldo de laranja e coa-se numa peneira fina. Assa-se em banho-maria em forma untada de calda grossa e um pouco queimada. Depois de frio tira-se cuidadosamente da forma. Amanhecido é melhor.

Broinhas de côco

A 500 grammas de assucar em ponto de juntar, mistura-se um coco ralado e 14 gemmas mexendo-se sempre no fogo até que possa enrolar nas mãos; tira-se do fogo para esfriar. Forra-se as mãos com farinha de trigo, fazem-se as bolinhas e vão assar em forno bem quente. Assadeiras untadas de manteiga e peneirada de farinha de trigo.

Biscoutos de mandioca

2 pratos de mandioca cozida; tira-se os fios e soca-se com um pires de polvilho azedo, um prato de fubá mimoso; junta-se 500 grammas de banha, 1 colher de manteiga, 12 ovos, um pouco de assucar, herva-doce e amassa-se com leite. Forno quente.

Biscoutos sicilianos

550 grammas de fubá de arroz, 500 grammas de araruta, 500 grammas de assucar, 250 grammas de manteiga, 4 ovos bem batidos; sova-se bem e vão em assadeiras ao forno quente.

Pudim que dura um mez

250 grammas de rosca socada, posta de molho em uma garrafa de leite, 12 ovos sendo seis sem as claras, 250 grammas de assucar, a quarta parte de um queijo duro ralado, 250 grammas de manteiga, cravo, canella, noz-moscada em pó e cidrao cortado em pedacinhos. Batem-se os ovos com o assucar como para pão de Lot, misturam-se logo todos os ingredientes e vai ao forno regular em forma untada de manteiga.

O que diz o Dr. Fournier sobre as pessoas fracas, nervosas e doentias.

A maior parte das doenças da humanidade disse o Dr. Fournier, grande clinico francez, são devidas á deficiência gastrico-assimilante dos órgãos digestivos. De cada dez pessoas ha pelo menos oito que não tiram dos alimentos que ingerem a nutrição que seu organismo requer. E assim se explica, prosequer o reputado clinico, como existem tantas pessoas fracas, debeis e doentias, embora muito bem alimentadas. A razão é simples, os alimentos que estas pessoas tomam passam pelo seu organismo como um liquido por um tamis, deixando apenas a nutrição indispensavel para conservar a vida, embora não a saude. Para taes pessoas aconselho o COMPOSTO RIBOTT (phosphato - ferruginoso-organico), que é o tonico assimilativo e anti-dyspeptico mais eficaz, do que dispõe a therapeutica moderna. O COMPOSTO RIBOTT é um producto a base de ferro organico phosphatado, que tendo o ferro mais assimilavel conhecido contribue poderosamente para umgen-

tar a força de resistencia e energias do paciente e fortificar o systema a medida que vai se enriquecendo o sangue o tonificado o systema nervoso. O phosphoro que entra no COMPOSTO RIBOTT é o melhor que a sciencia conhece para nutrir, dar vigor e tonificar os nervos. Tambem entra no COMPOSTO RIBOTT o extr. de noz vomica, cuja acção de grande tonico estomacal e anti-dyspeptico não é necessario descrever. Aconselho pois, a todas as pessoas fracas, nervosas e dyspepticas, tomarem por algum tempo com as refeições o COMPOSTO RIBOTT, de cujos resultados estou certo ficarão satisfeitos.

O COMPOSTO RIBOTT a que alude o Dr. Fournier, acha-se já á venda em todas as boas pharmacies e drogarias do Brazil. O depositario remetterá amostra gratis a quem solicitar preços, e remetta 400 rs. em sellos do correio para pagar o porte etc. Unico depositario: B. Nieva, Caixa Postal, 979, Rio de Janeiro.

Pombos com champignons

Depois de limpos e temperados alguns pombos, deita-se os mesmos numa cassarola com manteiga quente ou gordura e deixa-se alourar, juntamente com uma fatia de toucinho inglez. Quando estiverem corados, tira-se. Corta-se umas rodellas de tomates, umas de cebolas, u.n bouquet de cheiros e deita-se tudo na manteiga em que foram corados os pombos e o toucinho. Deixa-se corar tudo muito bem e junta-se-lhes dois copos de caldo de carne ou agua. Por fim deita-se na cassarola os pombos e uma duzia de cebolas pequeninas,

cara e meia de leite, um pouco de sal fino, um pouco de pimentado reino, e por fim os seis ovos que já devem estar bem desmanchados. Vai a cassarola ao fogo, batendo-se os ovos com um garfo e depressa. Assim que comecem a endurecer, tira-se a cassarola do fogo, põe-se uma colher de salsa picada e mexe-se durante dois minutos. É preciso ter cuidado de não cosinhar os ovos de mais, senão ficam duros e em pedaços; devem ficar molles e ligados. Serve-se sobre fatias de pão, torradas e fritas na manteiga.

Bacalhau à milaneza

Vão ao fogo em cassarola com agua fria, uns pedaços de bacalhau; quando começar a ferver escuma-se. Quando estiver meio cozido, isto é, que se não desfaga, tira-se do fogo, escorre-se a agua e tira-se-lhe as espinhas, tendo o cuidado de não quebrar os pedaços. Passa-se cada um delles em massa de fritar, em seguida frege-se em azeite ou gordura. Vai ao fogo numa cassarola, uma chicara com azeite, e quando este estiver bem quente junta-se-lhe uma cebola grande, cortada em rodellas, bastantes tomates grandes, sem pelles, uma folha de louro e pimenta. Deixa-se tudo isto frigar um pouco e em seguida junta-se-lhe os pedaços de bacalhau, umas batatas, cozidas e cortadas em rodellas grossas e azeitonas. Tampase a cassarola e deixa-se cosinhar o bacalhau lentamente em pouco fogo.

filby.

— CAFÉ GUILHERME —

Assucar, Café, Fubá, Canjica
RUA ANHANGABAHU' 35 — S. PAULO
TELEPHONE 389 CIDADE

inteiras, o toucinho e um copo de leite. Cobre-se a cassarola e deixa-se cosinhar lentamente. Um pouco antes de ir para a meza deita-se-lhes alguns champignons. Enfeita-se o prato com pão torrado e azeitonas. Si o molho ficar ralo arruma-se primeiro os pombos no prato e depois se engrossa o molho com um pouco de farinha de trigo e despeja-se por cima.

Ovos queimados com salsa fina

Quebra-se e desmancha-se em um prato, seis ovos frescos. Em uma cassarola põe-se duas colheres bem cheias de manteiga fresca, uma chi-

Leitaria Campo Bello

BAR ESPECIAL PARA FAMILIAS — RUA S. BENTO, 14-B. —
MANTIGA "CAMPO BELLO" — A MELHOR DO COMERCADO —
ENTREGAS A DOMICILIO — TELEPHONE CENTRAL, 244

sobre um bocado de tecido, se elle não estivesse bem extendido; deve ficar fixo assim até que o trabalho esteja completamente terminado e a pintura inteiramente secca.

Para obter uma tensão regular sobre o caixilho, estende-se bem a folha para o outro lado, e ahi se fixa uma outra *punaise*.

Renova-se esta operação extendendo cada angulo, depois ajuntam-se outras *punaises* deixando entre si uma distancia de dois centimetros, de maneira a obter uma superficie bem unida.

Os leques compostos de medalhões rodeados de ornamentos arredondados offerecem uma maior difficuldade para se extenderem (esta tensão faz-se sobre um cartão).

Certas precauções são indispensaveis se se quer evitar que se rasgue a renda.

Basta cortar pequenos bocados de cartão do tamanho d'um centimetro quadrado, collocal-os no lugar em que se devem pôr as *punaises* e fixar estas por cima.

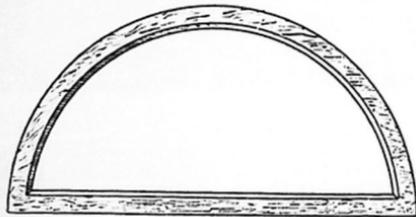


Fig. 12. — Caixa para leque para extender os tecidos

TECIDOS EMPREGADOS

Os tecidos sobre os quaes se faz a decoração dos leques são: a seda, o setim, o crepe da China, o tulie e a gaze.

A maneira de pintar sobre estes estofos não differe quasi nada da aquarella, quanto ao manejamento do pincel; todavia, os tecidos não devendo apparecer sobre a côr, esta deve ser empregada de maneira a cobri-lo inteiramente.

As luzes não sendo reservadas são obtidas por meio da aguada.

Antes de executar um motivo decorativo sobre a seda de côr, deve-se cobrir inteiramente o desenho com uma camada de côr mais aguada, de tom médio ao que se quer obter.

Esta é a tinta de fundo sobre a qual se poderá em seguida ajuntar os valores das sombras e da luz.

Molhar primeiro o papel onde se quer dar a tinta, para obter uma superficie bem unida, depois de deixar seccal-o bem, antes de começar a pintar de novo com a gamma das côres escolhidas.

O setim apresenta algumas difficuldades para a execução do motivo decorativo, porque sendo cheio de pellos, o pincel levanta este leve velludo que impede que a côr adhira e que se obtenham tintas bem francas.

Remedia-se esse inconveniente por meio do alcool ou com uma ponta de fel para o colorido que, prolongado com a aguada torna mais flexivel e adherente.



Fig. 11. — Calca de um leque

Este fel vende-se já preparado nas drogarias; não se emprega senão quando o motivo está já traçado em côr para o esbater sómente.

O crepe da China exige grandes cuidados e grandes precauções.

Quando se quer empregar, deve-se evitar de apoiar, em cima e muito fortemente o dedo, o que faria com que se desingisse logo e não poderia retomar a sua fôrma.

Fazer o possivel para que esteja sempre muito bem extendido.

A gaze demanda que o assumpto que a deve decorar seja traçado á aguada, depois inteiramente esbatido com uma outra camada leve que possa cobrir os pequenos quadrados formados pelo tecido.

Depois de a ter deixado seccar, torna-se a desenhar o assumpto antes de ahi applicar as outras côres.

Sobre certos tecidos, a decoração pôde ser igualmente obtida por meio de estampilhas. (figs. 13, 14, 15 e 16.)

LEQUES EM PELLE

Além dos tecidos que acabamos de citar deve-se ainda mencionar a pelle.

O leque, que em todos os tempos, foi mais procurado e sobre o qual maravilhas se pintaram, eram substituidos por uma folha de pelle.

Sobre esta materia pôde-se, com effeito, melhor que em outro qualquer tecido, obter a realisação d'uma verdadeira obra de arte.



Fig. 13. — Leque á estampilha — trichideas

Emprega-se para este genero de decoração a pelle de velino. Vende-se já preparada e collada sobre um papel muito fino.

A maneira de a tingir é differente da indicada para os tecidos.

Eis aqui o nos-
so processo :

Colocar a pla-
na sobre uma su-
perficie lisa a folha
de pelle destinada
ao leque, notando
que o papel deve
estar por cima.

Depois, sobre a
parte do papel que
sahe para fóra, tra-
çar um traço em to-
do o redor com a
ponta que serve
para decalcar, de
maneira que fique
bem nítido afim de
formar um ligeiro
cavado permitindo
que se levante esta parte do papel.

Este traço deverá estar a cerca de um meio-centí-
metro do bordo.

Pegar n'uma pequena esponja, muito fina e muito
limpa, imbebida em agua, sem ser em excesso, e pas-
sal-a em toda a superficie do leque comprehendida entre
os traços que te-
nhamos traçado.

Depois d'esta
operação, o papel
formará e cavados
produzidos por esta
humidade; deve-
se então ter cuida-
do, para que a agu-
da não fique nestas
partes.

O bordo da fo-
lha tendo sido re-
servado é em se-
guida, com o auxí-
lio d'um pincel, im-
bebido em gomma
arabica bastante es-
pessa.

Para applicar a
folha sobre o car-
tão que lhe servirá
de supporte, e extendê-la, deve-se
segural-a pelos cantos de baixo e volta-a.

Isto necessita grandes precauções; deve-se evitar
que os bordos gommados não toquem no cartão. Se assim
succedesse, a folha poderia ahí adherir em certos sitios
e, quando se quizesse destacad-a, logo que a pintura

estivesse termina-
da, não se poderia
conseguir sem es-
tragar o trabalho.

Para que a goma
adhira, d'uma
maneira perfeita ao
cartão e para que
a pelle esteja bem
extendida, pegar
n'um panno muito
fino e secco, e, de-
pois de fazer uma
pequena rodilha,
apoiar muito for-
temente sobre o
meio da orla, co-
meçando por baixo.

Com a mão es-
querda, puxar muito
levemente a fo-
lha para cima, e apoiar com a rodilha para fazer adhe-
rir a gomma ao cartão.

Feito isto, renova-se a operação em baixo, mas des-
ta vez escorrendo-se a rodilha sobre toda a mar-
gem da pelle (sempre partindo do meio).



Fig. 14. — Leque à estampilha — *Daboletos e caniços*

qualquer gordura que tenha; sem esta precaução, a cor
não ficaria, e seria impossível pintar fosse o que fosse.

Desengordura-se esfregando-a ligeiramente, com os
dedos e com pó de pedra pomes ou passando-lhe a
superficie com vinagre ou alcool.

O COLORIDO

Começa-se o es-
batido procedendo
por camadas e dan-
do um tom geral
sobre toda a super-
ficie do desenho.

Depois põe-se
o trabalho nos seus
valores, proceden-
do da mesma ma-
neira, mas obser-
vando o modelado
das fórm. (figs.
17 e 18).

Quando se ob-
teve o effeito dese-
jado, retocam-se to-
dos os tons, mode-
lando-os juntamen-
te e fundindo todas as tintas umas nas outras.

Para isso, por meio d'um pincel fino, collocam-se
ao lado umas das outras, pontos, no sentido do modela-
do, dando-lhe mais ou menos vigor, segundo se ap-
roximam da sombra ou da luz.

Ter cuidado em fazer os pontos

todos iguaes e com
o mesmo valor, afim
de que não se pro-
duzam manchas, o
que succederia se
se fizessem de gran-
dezas diferentes.

Termina-se pon-
do os vogores nos
sitios indicados pe-
lo esboço e ajun-
tando a luz.

Os toques d'ou-
ro e de prata ap-
plicam-se quando a
aquarella está ter-
minada.

Para obter um
conjuncto harmo-
nioso, uma decora-
ção agradável e va-
porosa deve-se es-
pessa.

forçar por procurar a coloração, fazendo valer as cores uma
pelas outras e evitando com cuidado empregar tons ber-
rantes.

ARMAÇÃO DO LEQUE

Acabamos de nos occupar da maneira de pintar a



Fig. 15. — Leque à estampilha — *Lyrios e libellulas*



Fig. 16. — Leque à estampilha — *Accacia*



Fig. 17 -- Centauro



Fig. 18. -- Cevanon

folha do leque, vamos agora falar da armação. Esta é, segundo a sua riqueza, constituída de pequenas laminas

Faviamos em tamanho natural. Todos os desenhos do leque aqui estampados e em nosso numero anterior pelo preço de 1-000 cada um.

Estas são cortadas mecanicamente e esculpidas em seguida.

FIM.

de conchas, de nacar, de marfim ou de madeira.

São independentes da folha e têm tres denominações. (fig. 19.)

A parte de baixo chama-se cabeça, a compreendida entre a folha de leque e a extremidade de baixo chama-se haste, e o prolongamento destas, que constitue a parte flexível sobre a qual se faz adherir a folha de leque, chama-se flexa.

Todas estas hastesinhas ou laminas estão presas por um anel colocado no meio da cabeça e o seu conjunto forma a garganta.

Esta armação está comprehendida entre dois ramos exteriores chamados pennachos; são muito mais largos no sitio das flexas, a fim de poderem cobrir completamente e proteger a folha quando o leque está fechado.

A cidade de Dieppe e o departamento de Oise trabalham a marfim e fornecem uma parte destas armações.

Fig. 19. -- A, cabeça; B, haste; C, flexa.



Cunha, tambem medico e director do Horto Florestal, e d. Elsie Florence Dyer.

Deixa os seguintes sobrinhos: srs. cav. Braz Altieri, gerente da Companhia Mechanica; dr. Heribaldo Siciliano engenheiro e vereador municipal; José, Raphael Braz e Francisco Perrone.

No dia 28 do mez de Maio falleceu nesta Capital a distincta Condessa Laura de Mello Siciliano. A illustre extincta era uma das senhoras mais conhecidas e respeitaveis da sociedade paulistana. A' sua finissima educação, ás suas acrisoladas virtudes domesticas, alliaua ella uma bondade extrema e um espirito de piedade, que formavam em torno do seu nome e da sua pessoa um ambiente de sympathia e dedicações. A condessa Siciliano era dotada de uma extrema sensibilidade, e por isso dor, as vicissitudes e os soffrimentos alheios sensibilizavam-na até á lagrima. Nunca uma dor a visitou que não sahisse consolada. nunca uma necessidade lhe bateu á porta que se não retirasse satisfeita. A sua caridade, porém, não se exercia á luz da publicidade senão excepcionalmente, para imitar um exemplo ou secundar um movimento philanthropico iniciado por outras pessoas. Os seus melhores gestos de caridade eram feitos na sombra, a occultas de todos. Nisso residia, sobretudo, o segredo das dedicações sinceras e das sympathias ardentes que inspirava. Na nossa fina sociedade, de que era um dos mais preciosos ornamentos ella impunha-se pelo seu brilho e pela sua distincção pessoal.

Ao seu digno esposo, sr. conde Siciliano e á sua exma. familia A "Revista Feminina" apresenta nesta pagina, os seus sentidos pezames, associando-se á sua dor.

A condessa Laura de Mello Siciliano era filha do sr. cel. João Fructuoso Coelho e d. Maria Ferraz de Mello Coelho, lavradores em Piracicaba; irmã dos srs. revmo. padre salesiano Theophilo de Mello Coelho, Fructuoso de Mello Coelho, Osorio de Mello Coelho, major João Fructuoso Coelho Filho, Melchior de Mello Coelho e d. Maria de Mello Botelho.

Deixa os seguintes filhos: dr. Alexandre Siciliano Junior, conhecido engenheiro-technico da Companhia Mechanica; dr. Paulo Siciliano, tambem engenheiro e residente em Londres; baronessa Anna Thereza Smith de Vasconcellos, d. Violeta Carneiro da Cunha, sogra dos srs. barão dr. Jayme Smith de Vasconcellos, distincto medico no Rio de Janeiro; dr. José Mariano Carneiro da



CONDESSA SICILIANO

UMA ALDEIA DE MULHERES

Não creiam as nossas leitoras que a aldeia de que vou tratar esteja na tão formosa quão imaginária ilha de São Balandran, onde, segundo conta a fabula, que não a historia, governavam as mulheres, muitissimo antes

Costumes interessantes. Cargos de responsabilidade e resistencia exercidos por mulheres. A mulher-carreiro, a mulher guarda-agulha, a mulher chefe de estação, a mulher-barbeiro. Precursoras do feminismo.

tes a um enxame de abelhas, dá abundante e propicia materia á ficção dos novellistas e á exaggeração dos viajantes, fiados em que ninguém lhes vae seguir os passos por tão remotas e estranhas terras.

A aldeia de mulheres, que serve de thema á presente informação, está, como quem diz, ao virar da esquina, a poucos dias da nossa propria casa. Pode-se lá ir facilmente por um dos ordinarios systemas de locomoção marítima, bastando tomar um paquete da Mala Real Inglesa e fazer mais algumas caminhadas em trem de ferro. Mais rapidamente se póde chegar lá se se tomar um aeroplano, cuja velocidade não necessita ultrapassar de duzentos kilometros á hora. A viagem, actualmente é perigosa, quer por mar, que pelos ares. Perigosa e dispendiosa. Por mar, ha o espantalho dos submarinos tudescos, cujo periscopio, á flor d'agua, está dando conta de tudo o que se passa na superficie dos mares. Pelos ares, ha o espantalho



A chefe da estação dando, por meio de um silvo, o signal da partida do trem. Essa senhora exerce esse cargo, de tanta responsabilidade, com uma excepcional competência, sendo, porisso, muito prezada pela directoria da via ferrée.

que o moderno feminismo houvesse dos amenisado e divertido a vida masculina com a irriquieta e pernóstica coohorte de suffragistas, cujos excessos, seja dito de passagem, compromettem, senão afogam, a sympathica causa da emancipação da mulhier.

A aldeia a que se refere a epigraphie não assenta no movedição campo da phantasia novelesca, nem é um desses sitios geographicos que o explorador não encontra no mappa. Pelo contrario, a aldeia das mulheres é um sitio da superficie povoada do planeta; não está nos antipodas nem sequer na Micronesia, cuja multidão de ilhas, semelhan-

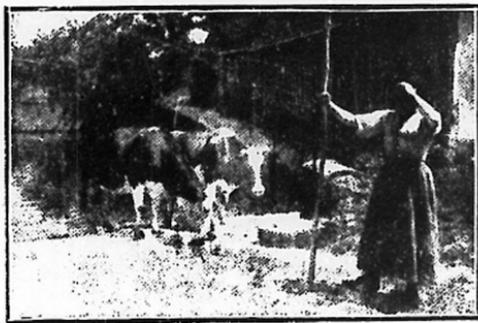
mente, a viagem é perigosa, depois da guerra ella será facilima. Dezoito dias de percurso, parte por mar, parte por terra. Coisa facil, como vêm...

Mas nós queremos ser agradaveis ás nossas gentis leitoras. Não lhes



A guarda-agulhas da via ferrée, no acta de dar entrada ao trem na estação. Esse cargo que requer força physica, resistencia e vigilancia é exercido superiormente por essa mulhier.

“tauben”, igualmente tudescos, dão conta de tudo o que se passa no horizonte, quer acima, quer abaixo das nuvens. Mas, se, actual-



Uma vacqueira da Frois-y conduzindo o gado ao bebedouro. Essa mulhier exercita as funções de pastora e lalleiro, o que quer dizer que, com a mesma mão com que empunha o cojudo para guiar o rebanho, empunha também a navalha para esbanhar o queixo dos atleidos.

viagem. Feita por mar, ha sempre perigos a temer: ha as tempestades, os incendios a bordo, os erros de manobra, que podem desviar a rota do navio e guial-o para portos afastados, os bancos de areia, a explosão das caldeiras e outros mais, sem contar o preço da passagem, o enjôo... Feita pelos ares, os perigos ainda são, a despeito dos progressos da aviação, maiores: ha as “pannes” do motor, as rupturas da hélice, o exgottamento da essencia que acciona os motores, as correntes aereas, as

tempestades e outros perigos igualmente temerosos... Evitamos todos esses perigos às nossas tímidas e assustadiças leitoras, apresentando-lhes a ilha nestas paginas, tal como ella é. A leitora sedentaria pôde, da cadeira em que está commodamente sentada, pervagar os lindos olhos por estas columnas, o que equivale a fazer a viagem.

Mas até agora eu ainda não disse como se chama essa aldeia de mulheres nem por que se appella desse modo. Forçoso é, pois, não passar adiante sem dar ás boas e amáveis leitoras as informações que lhes devemos para satisfazer a sua natural curiosidade. Saibam, antes de tudo, que essa aldeia está indicada no

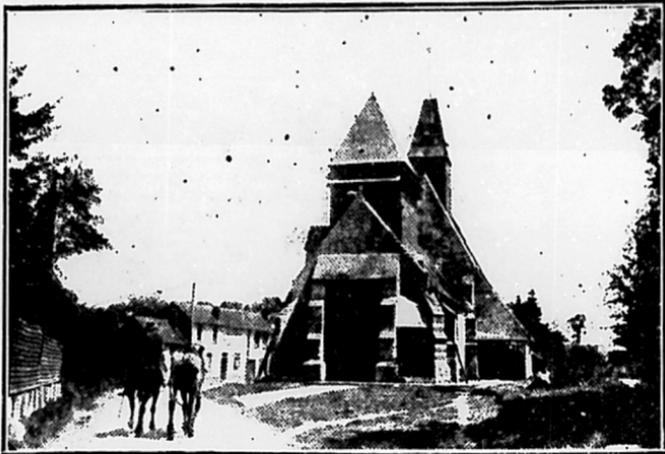
guia dos viajantes e tem por nome estreitos laços de parentesco. Nem Froissy. Nome poetico, sem duvida, podia ser de outra fórma. Essa aldeia e que calha, ás mil maravilhas, á arcádica felicidade dos seus 553 habitantes, entre mulheres, creanças e alguns homens. E' bem de ver que, vivendo todos em tão estreita vizinhança, devem estar ligados pelos mais

logicamente pensando, mais ou me-

nos parentes.

O aspecto de Froissy não differe do de muitissimas aldeias pittorescas que recamam os campos da Europa latina. No alto de uma colina, esfumando-se na linha azulada do horizonte e destacando-se do casario em torno, branqueja a torre esguia de uma capellinha, de construção humilde, mas cuja evangelica simplicidade commove mais gratamente a alma que as soberbas cathedraes que se vêm nas cidades ricas e populosas. Para cinco centenas de habitantes poucas vivendas bastam, e não são com certeza muitas as que, agrupadas em exponentes mas graciosas desordem, formam o corpo physico, por assim dizer, da minuscula aldeia.

Mas, que ha nella de curioso e extranho, para atrahir o interesse do forasteiro, prendendo-lhe a attenção?



Vista geral de Froissy com sua igreja de construção typica. A architectura da igreja e de todas as habitações, é, como se vê, bastante primitiva, o que não obsta a que a população feminina da aldeia tenha realisado um surprehendente progresso, dando o mais flagrant exemplo do feminismo pratico.



A mulher-carreiro da aldeia, recolhendo a mala da ambulancia do carro de ferro. Ella incuêr-se da distribuição por todas as aldeias circumvizinhas.



A ortogenaria mme. Druhon-Marchandín, pregoeira de Froissy, numa rua da aldeia. Como nessa aldeia não ha jornaes, ella se incumbê de dar noticias reunindo o povo ao toque do seu bombo.



A barbeira da aldeia no exercicio das suas funções. Esta barbeira não tem o seu "subio" porque trabalha ao ar livre, mas escanhou um queiro como um verdadeira Figuro.

o feminismo positivo, laborioso, pratico, que faz propaganda com o exemplo e está dando provas concludentes de que a mulher pôde exercer, com galhardia e vantagem, todos os officios e misteres adstrictos ao sexo forte.

Com effeito, a aldeia de Froissy dá a idéa de um laboratorio sociologico em que experimentalmente se ensaiam as aptidões das mulheres para as tarefas que tradicionalmente estão a cargo dos homens. Não se cuida, entretanto, que exista tal laboratorio sociologico no sentido de instituição propositalmente estabelecida; mas, para olhos sagazes e para as pessoas dotadas de fina observação, offerece ella um campo vasto de estudos, porque nessa aldeia, por expanção e tacito consentimento, estão desempenhados por mulheres os serviços a que podemos chamar municipaes ou collectivos.

A despeito do seu escasso perimetro, das suas poucas habitações e insignificante população, Froissy tem uma estação de via ferrea, e esta circumstancia concorreu para que o seu renome se espalhasse pelo mundo. Já se vê que a sua estação não é de primeira classe, nem nella se detem os rapidos e expressos; mas, apesar d'isso, é nessa minuscula estação que mais se fixa a attenção dos viajantes desejosos de conhecer a chefe, a senhora de Taillefer, cujo esposo occupa na mesma linha o cargo de chefe de trem, o qual, segundo exige a disciplina ferroviaria, está sujeito ás ordens de sua mulher.

O apóstolo S. Paulo, numa das suas episto-

las, dirigida, não sei se aos ephesos, se aos corinthios, diz que a mulher deve ficar, em todos os actos da sua vida, sujeita ao marido. Em Froissy parece que a coisa se dá ao contrario. Mas é provavel que os seus habitantes nunca tenham lido as epistolas do apóstolo Paulo.

A senhora Taillefer, como é notorio, desempenha as suas funções com tal diligencia, com tal zelo, com tal escrupulo, que os aldeãos não têm memoria de nenhum accidente occorrido, naquella linha, por culpa da chefe da estação. Os aldeãos ficariam por certo, aborrecidissimos, se a companhia resolvesse remover a sua chefe para outra estação, embora com accesso. E o que é mais curioso é que a chefatura feminina da estação de Froissy é um caso excepcional na jerarchia dos empregados ferroviarios.

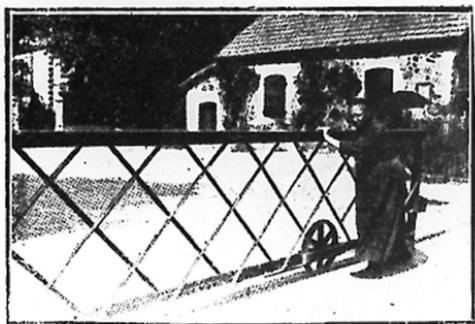
Por ahí se vê, em que pese á opinião de certos sociologos que teimam em negar á mulher estas faculdades cerebraes, que a mulher é apta para quaesquer cargos de responsabilidade, como o da chefatura de uma estação ferroviaria, que é, mais que qualquer outro, delicado e penoso.

A' hora da partida do trem, é de ver a attitude segura e o gesto enérgico da senhora Taillefer quando põe o apito nos labios para o signal de aviso e de partida. O silvo daquelle apito parece uma vaia feita a certos homens que só incumbem á mulher o officio da agulha e do dedal.

Mas não é só a senhora Taillefer que, nessa aldeia, exerce, com tão superior cri-



A telegraphista de Froissy a transmitir um telegramma. É uma excellente telegraphista, a que nenhum profissional do sexo opposto leva vantagem.



A guarda-barreira da via ferrea no desempenho das suas altas funções. A despeito da sua idade, ella está sempre vigilante á passagem dos comboios.

terio e admirável energia, um cargo de homem. Ha outras tambem. Entre ellas ha uma para a qual chamamos a atenção das nossas curiosas leitoras: é a senhora Lesobre, que exerce em Froissy e nas aldeias circunvizinhas o delicadissimo cargo de carteiro, e, como tal, recebe diariamente a mala da correspondencia dirigida a todos aquelles aldeãos, fazendo, de casa em casa, a entrega das cartas. Esta tarefa é bastante pesada, porque ella é obrigada diariamente a pamilhar, de sol a sol, alguns kilometros de estradas e atalhos. A responsabilidade deste cargo e a fidelidade com que a desempenha senhora o cumpre, poem-n'a numa posição de destaque, entre aquellas populações aldeãs. Se é verdade que a mulher é um sér eminentemente curioso, não é menos verdade que a senhora Lesobre, como carteiro, guarda grandes segredos cuja violação poderia levar a muitos lares domesticos.

Eu não sei se a administração dos correios em França é tumultosa como a administração dos nossos correios; não sei se lá, tanto como aqui, chovem reclamações contra o extravio de correspondencias; o que sei e posso garantir ás leitoras é que nunca houve contra a agencia postal de Froissy, e muito menos contra a honrada e deligente mulher-carteiro, nenhuma reclamação.

Em Froissy, como é de ver, não ha jornal local. Ora, um povo, por mais humilde que seja, não pôde prescindir de saber as noticias, os acontecimentos e demais factos que lhe interessam. Um casamento, uma morte, a venda de um terreno ou de uma vacca, uma proposta de arrendamento ou de aluguel, a mudança do horario do comboio, a criação de uma escola, são factos que só podem ser do dominio publico quando vêm noticiados nos jornaes. Ora, Froissy não possui jornal. Essa lacuna é preenchida pela senhora Druhon-Machardin, que faz as vezes de jornal ambulante. Ella tem oitenta annos;

e, a despeito da sua idade, das suas rugas, do seu peso e da sua falta de dentes, é de vel-a, de bombo apoiado ao ventre, anunciar aos aldeãos as novidades do dia. De rua em rua, de esquina em esquina, rufando o bombo para attrahir a atenção das gentes, a senhora Druhon faz o pergo

em empregos que os homens não desempenhariam depois de passada a idade de aposentadoria.

Das noticias ruidosas passamos ás de mysterio e sigillo, que são as que, ás occultas, transmitem os fios telegraphicos. Veremos então, na humilissima aldeia de Froissy, precursora do feminismo, a figura alta e elegante da telegraphista. Esta é moça, e, o que mais é, solteira. Como a estação telegraphica não é permanente, nem ha necessidade de que o seja, em vista das poucas coisas que os vizinhos de Froissy têm de comunicar urgentemente ao resto do mundo, ella não se encontra sempre em seu gabinete de transmissão, nem necessita que, na sua ausencia, a substituam nas suas funções.

São tambem mulheres as occupantes dos modestos, porém, importantes cargos de guarda-barreira e de guarda-agulha da estação de Froissy. Pelo que toca ao primeiro desses empregos, não é novidade vel-o desempenhado por uma mulher, pois a maior parte das pessoas que occupam este cargo são mulheres; mas o mesmo não succede com relação ao guarda-agulhas, em cujas mãos está, de continuo, a vida dos passageiros. É porisso que a pessoa a quem se entrega esta tarefa, precisa reunir as devidas condições de probidade, deligencia, percepção aguda e resistencia physica. A guarda-agulha de Froissy nenhum homem leva vantagem no stricto cumprimento do dever, apesar de ter ao seu cargo quatro agulhas desviadoras.

Nunca, em nenhum paiz, se incumbiu á mulher a pesada tarefa de limpador de estradas e ruas, pois esta tarefa não parece occupação propria de mãos femininas. Entretanto, a mulher empregada nesse penoso officio cumpre gallardamente o seu emprego, trazendo sempre limpas as estradas, as ruas e atalhos, para que não corram perigo os carros e deligencias.

E que diremos das vaqueiras de Froissy? O espectáculo de uma mu-



Esta mulher está incumbida, pela camara local, de limpar as ruas, os atalhos e as estradas, trazendo-as sempre limpas para a facilidade do transitio.

de um casamento, lança uma nota sensacional, conta um episodio de guerra, reclama contra o abuso do fisco, etc. Dessa fórma, os pobres aldeãos vivem ao par do que se passa no

tissimos cargos de guarda-barreira e de guarda-agulha da estação de Froissy. Pelo que toca ao primeiro desses empregos, não é novidade vel-o desempenhado por uma mulher, pois



Um transeunte recebendo a correspondencia das mãos da mulher carteiro, que é uma sollicita funcionaria da republica.

mundo e nos reconcavos mais afastada sua aldeia.

Esta senhora octogenaria é o jornal vivo, ambulante e resoante da aldeia. Ella tem sobre o jornal impresso uma vantagem flagrante: este lança as suas noticias silenciosamente enquanto a senhora Druhon lança as suas aos berros e ao tamborilar das vaquetas freneticas. Por aqui se vê que nem os annos nem os achanques entorpecem a acção da mulher

velava, na rebeldia aos decretos da metropole, completo divorcio com aquellos lutadores».

Os elementos naturaes formaram lher apascentando o seu rebanho de bois não é coisa nova, sobretudo nas comarcas agricolas da Europa meridional. E' notoria a habilidade das robustas campesinas gallegas no cuidado e no trato dos rebanhos bovinos. Mas a a pastora de Froissy, senhorita Jeanne Marchandin, accumulou dois empregos: com a mesma mão com que empunha o alto cajado para guiar os bois, empunha tambem a navalha para escañoar o queixo dos seus comarcãos. O seu "salão" de barbeira é frequentado pela melhor clientela aldeã. E' uma verdadeira artista na sua profissão.

Não é improvavel que, por estas alturas, as curiosas e intelligentes leitoras perguntem o que fazem os homens de Froissy... E' de suppor que, adjudicando elles ás suas mulheres e filhas os trabalhos que exigem força, probidade, responsabilidade e intelligencia, reservem para si as tarefas mais suaves, como sejam a cozinha, a costura, a lavagem da roupa e outras funções domesticas. E' o que parece. Mas, não. Elles, trabalham tambem, exercem outras actividades. Mas o que parece assente, entre aquellos bons e intelligentes aldeãos, é que muitos dos cargos que tradicionalmente são desempenhados por homens se accommodam mais vantajosamente com a indole feminina, porque a mulher tem, mais que o homem, delicancia, augeza, presença de espirito, e delicadeza de acção. Assim pensam os homens de Froissy, e parece que pensam bem.

NORTE E SUL

(Continuação do n.º anterior).

III

Terminamos o nosso ultimo artigo, indicando que a profunda analyse de Euclydes da Cunha, affirmava haver no paiz, «regiões de todo oppostas, creando oppostas condições á vida».

No tentamos assombroso das em tradas que o Paulista chamou *bandeiras*, o homem do norte não conseguiu superar a travessia das caatingas adustas e que constituíram, no dizer do sertanista emerito, um obstaculo mais serio que a rota agitada dos mares e das montanhas, e conclue: «o mallogio da expansão bahiana que entretanto precedera a Paulista no devassor dos recessos do paiz, é exemplo frizante».

Para o homem que povoou o sul a fortuna foi mais propicia. Lá a terra não lhe foi adversa e a propria Natureza amparou-o, protegeu-o. Não lhe foi preciso «dispersar-se em adaptações dificeis e a propria disposição orographica, libertava-o da preocupação de defender o litoral, onde approva a cubica do estrangeiro».

E foi firmado na veracidade d'essa asserção que Euclydes da Cunha affirmou: «a Serra do Mar tem um notavel perfil em nossa historia. De encontro ás suas escarpas embatia fragilima a ancia guerreira dos Cavendish e dos Fenton».

Na segurança d'esses dizeres, estamos vendo como o homem ao sul foi amparado pelos elementos naturaes, até contra a invasão audaciosa do estrangeiro cubiçoso.

Além disso, phenomeno curioso e importante, na Serra do Mar os rios de suas vertentes correm para o sertão e d'ahi dizer o escriptor que allí: «a terra attrae o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosissimo; arrebatava-o afinal irresistivelmente, na correnteza dos rios».

Constata-se já da propria epocha remota da colonisação, essa maior facilidade de adaptação e portanto mais capacidade de progresso e maiores probabilidades de civilisação, agora cada vez mais accentuadas nas regiões do sul do Brasil.

N'essa evolução progressista, marcha na frente, S. Paulo, lá onde a Natureza é mais propicia e melhor formou o homem.

Não deixemos porém de assignalar que essa formação vae sendo adulterada por um phenomeno social—a imigração.

Ao norte, o homem adaptou-se e firmou-se no seu *habitat*, em lucta continuada, porque nunca lhe faltou um adversario, na propria Natureza ou no invasor estrangeiro. Foi sempre assim: emquanto ao Norte a reacção contra a tenacidade guerreira do invasor, reclamava, do natural, o dispêndio de todas as energias, em recintos sangrentos, o sulista, absolutamente alheio áquella agitação, re-

porém um adversario mais tenaz que tem detido ao Norte, as mais justas aspirações de progresso.

Temos assim com elementos tão diversos, formações tão diferentes.

Não ha portanto brazileiros do Norte e do Sul: ha apenas o homem que habitou uma região propicia, de natureza fecunda e prodiga e aquella que enfrentou uma natureza adversa para uma lucta porfiada e ingrata, que lhe tem modificado o caracter, o gosto, as tendencias e quiçá a propria compleição physica.

IV

Reduzindo as nossas rapidas observações apenas aos factores de ordem physica que concorrem poderosamente na formação differente das populações de norte e sul do paiz, temos desprezado uma resultante das mais poderosas e actuando parallelamente. Esta resultante deriva da influencia ethnica, das tradições e das leis do atavismo.

Ethnicamente derivamos de tres raças e no dizer de Gustavo Barroso, «cada qual com diversa natureza moral e physica, com expansões differentes e manifestações contrarias».

Baste-nos porem para estabelecer as primeiras noções sobre as verdadeiras determinantes da differença, e não divergencia, entre populações do norte e sul do paiz, as causas propriamente physicas.

Para podermos garantir que uma tal differença não pode jamais comprometer a unidade da raça, baste-nos apenas apontar o exemplo recente da Belgica.

A Belgica é um paiz habitado por duas raças que muito se differenciam.

Falla-se em Gand e Anvers uma lingua que não é comprehendida em Liège e Namur e lá, já o sabio professor Honz constatou as profundas differenças da anthropologia entre o homem de origem germanica que habita o norte, e o sub-brachycephalo moreno de origem celtica que habita o sul. Estas raças, entretanto, formaram o unificado povo que fez pela patria o sacrificio extremo aos embates d'uma guerra, violenta, desigual e barbara.

Os feitos de 914, explicaram essa verdade que Henri Davignon havia escripto em um de seus romances:

«Si comme en Belgique, deux races s'emploient à personifier la nation, deux sensibilites à l'exprimer, leur fusion est utile et peu-être nécessaire».

No Brazil a differença é sem duvida menos profunda e implicitamente sua fusão será mais prompta, mais expedita e, por isso mesmo, talvez tanto ou mais perfeita que a operada entre os belgas, no momento supremo em que foi preciso ligar seus destinos.

Ao brasileiro não faltará tambem essa capacidade de unificação, para tudo em que esteja interessada a propria nacionalidade e ainda mais, para o caso extremo em que se faz preciso matar para não morrer. FIM.

Recife, Março, 918.

Louro Borba.



Emulsão de Scott

Não contem drogas nocivas
Não contem oleo adulterado
Não contem alcool

Mais sim contem, todos
os elementos necessarios
para dar saúde e robustez

A PRIMEIRA VALSA

(Conto original de Margarida Astray de Caneda, submettido a um concurso literario realizado em Madr.-d. Illustrações de Mariano Miguel.)

Naquelle manhã uma alegria louca enchia a alma de Branca. Em seu elegante toucador contemplava, embevecida, a sua nova «toilette». Aquella «toilette» branca, guarnecida de finissimas rendas, era simples, vaporosa e transparente como a sua almasinha de virgem.

Sua mãe, mulher dotada de gosto delicado, e cheia da mais

elevada adoração pela sua unica filha, não tinha esquecido nenhum pormenor.

Branca Fernão de Lys saltava de alegria, dando palmadinhas, e olhava a marqueza com seus olhos azues onde um extranho brilho delirava.

— Sim, mãe, dizia ella, hoje vou usar o meu primeiro vestido de mulher. Como me sinto contente por não ter de voltar para o collegio! Agora sou uma mulherzinha, não é verdade? Vou viver sempre ao teu lado.

E ao dizer isto, arrojou-se aos braços da mãe. Ambas choravam, abraçadas, deixando que se confundissem as suas lagrimas.

Durante o almoço, não se falou mais do acontecimento daquella noite. A marqueza Ivonne, acompanhada da sua filha, cruzava os amplos salões, dando ordens aos criados. Mãe e filha julgavam-se ditosas, beijavam-se.

A marqueza Ivonne Fernão de Lys, viuva desde muito jovem, não contava mais de trinta e cinco annos. Dizia-se que, em sua primeira juventude, fôra uma mulher esplendidamente bella, e juntava á sua elevada posição uma grande cultura e uma fortuna consideravel. Ella não tinha perdido nenhum dos seus encantos. Sua tez pallida conservava-se fresca, de uma suavidade deliciosa, o que contrastava com a expressão profunda dos seus olhos verdes. Desde a morte do sr. Fernão de Lys, seu esposo, que a adorava, homem fino, amante enternecido, que lhe comprehendia o amor e sabia retribuir-lhe os carinhos, uma grande dor installou-se em sua alma. Durante quatro annos de luto pesado, o palacio de Fernão de Lys trouxe cerradas as suas portas á sociedade e ao mundo.

A unica herdeira era uma menina de oito annos, Branca, herdeira da fortuna e dos velhos titulos de nobreza. A marqueza, não obstante a sua dor e a solidão em que vivia, procurou dar á sua filha a educação que a sua nobreza reclamava.

Uma manhã de outomno, fria e triste como a sua alma, a marqueza levava a sua filha para o collegio da Rue Planche, em Neuilly. Alli fazia ella os seus estudos, e, como premio, recebia semanalmente a visita da mãe.

A marqueza, só muito tempo depois, e de longe em longe, é que se mostrava em sociedade. Fazia uma vida reatada, mas a agradável em meio á sua solidão. Para os espiritos que, como ella, se alimentam de ideias, não é desagradavel viver em solidão. Depois de 9 annos de separação, chegava, enfim, o dia venturoso.

Terminada a educação de Branca, ia ella, enfim, ser aprendizada no grande mundo, a que, pela sua posição, fortuna, cultura e realleza, pertencia.

— Então? falou a marqueza á sua filha, não fazes hoje o teu passeiozinho do costume?

— Não queria separar-me de ti, respondeu Branca. Mas, enfim, como parece que tens alguma coisa a fazer, vou sahir.

Deu ordens á creada de quarto: — Preparem o automovel e avise e miss que nós vamos sahir.

Meia hora depois, Branca, no automovel, agitava no ar o seu lençinho de seda, despedindo-se da mãe; esta, de pé, num dos balcões do palacio, sorria, enviando-lhe um beijo com a ponta dos dedos.

Durante o passeio pelo parque de Vincennes falavam em inglez. O thema que preoccupava Branca era sempre o mesmo, o baile, o vestido branco...

Uma nova surpresa estava reservada para a formosa e loura herdeira.

A marqueza Ivonne, logo que Branca voltou, aproximou-se-lhe para lhe communicar uma noticia muito interessante.

No toucador, ao lado do vestido branco, estava um lindo estojo de orludas carmesim onde brilhavam as orladuras de ouro.

Branca tomou-o entre os dedos. Seus olhos, encantados, viram um cartão onde havia estas dizeses: «Diogo d'Artois tem a honra de pedir-lhe a primeira valsa. Sob o cartão, collocado ao longo do estojo, via-se um lequinhão, verdadeiro primor de riqueza e gosto artistico.

O pintor, pois Diogo d'Artois era conhecido pelos seus muitos quadros premiados em diversas exposições, não havia omitido ne-



Em seu elegante toucador contemplava, embevecida, a sua nova «toilette».

nhum detalhe de delicadeza ao destinar aquella a leque Branca, como homenagem á sua entrada na sociedade. Aquellas voretas de nácar, com incrustações minúsculas de ouro, eram dignas, na verdade, de uma rainha. A paizagem desenhada na finíssima renda de flandea era um primor de finura e minúcia. A um angulo do leque, as ondas de um mar de prata, iluminado do luar, em tremulinas, serviam de fundo a uma visão de mulher, suave e branca, cujos cabellos tolios pareciam misturar-se ás aguas e cujos labios pareciam sorrir de amor.

Branca ficou pensativa. De repente, como despertando do seu extase, exclamou:

— E' divino, é delicioso isto!

Mas, reprimindo-te, numa attitude muito honesta:

— E', de facto, um lindo presente. Mas, sem a tua permisso, não posso acceital-o. Tu mesmo me disseste que as moças não devem receber presentes.

— E' verdade, filha, isto é verdade. Mas o teu caso é bem diferente. Trata-se aqui de uma oportunidade excepcional, de um pedido, ou, mais do que isso, de uma originalidade de artista. Devemos sempre render culto á arte.

Branca imprimiu um beijo no angulo do leque. Nas almas ternas qualquer coisa basta para avivar uma lembrança ou despertar uma emoção.

A «toilette» de Branca estava quasi terminada. Fallavam apenas uns retoques. Branca estava bella, de uma belleza que parecia immortal. A marqueza contemplava a filha, orgulhosa e satisfeita. Branca Fernão de Lys possuia o encanto que só a alegria dos primeiros annos possui, essa alegria intensa e pura que todos sentimos quando a nossa vida ainda não foi amargada pelos soffrimentos. Seus olhos, de um azul claro e transparente, eram muito doces; seus cabellos louros, de um tom macio, cahiam sobre os seus hombros, presos na nuca por um nastro azul, o que dava á sua innocencia uma candidez quasi infantil.

Esta belleza em botão, vivaz e fresca, contrastava com a belleza outonica da mãe.

Alta, esbelta, de fórmas esculpturadas, Ivonne Fernão de Lys possuia um encanto irresistivel. Apresentava-se sempre de lucto, e este lucto fazia ainda sobresahir a languidez fascinadora dos seus grandes olhos cõr de esmeralda.

Sua «toilette», simples e severa, era de uma distincção empolgante. Como unica joia, trazia um collar de perolas.

* * *

A festa estava em pleno apogeo. A orchestra rompera os accordes da primeira valsa.

Branca achava-se rodeada de um circulo de amigas, que a felicitavam. A conversação, que ia animada, interrompeu-se por alguns instantes. Diogo d'Artois inclinou-se elegantemente ante a jovem herdeira. Brilhava na lapella da sua casaca a roseta da Legião de Honra.

Era um homem de trinta annos, de estatura elevada e de attitudes aristocraticas.

Sua tez, de um moreno accentuado, dava-lhe um certo ar de soffrimento; e os seus olhos, de reflexos pardos, completavam o teu typo encantador.

— Mademoiselle, rogo acceitar os meus respeito e admiração...

Branca apoiou-se ao braço do pintor, e, momentos depois, aos rythmos da orchestra, velada entre palmeiras, desapareciam, arrebatados...

Já era quasi manhã quando os ultimos compassos do «pas de quatre» punham fim á memoravel festa.

Quando, no dia seguinte, a marqueza entrou na alcova de Branca, pousou docemente um beijo em seus labios, e ia afastar-se para não interromper o seu sonho. Mas os olhos da menina entreabriram-se lentamente e, como se continuasse um sonho ainda não interrompido, murmurou um nome que a marqueza não percebeu.

— Ah! és tu, mamiesinha? disse, arranjando-se melhor entre os lençóis. Dá-me outro beijo. Como és bonita! E como eu sou feliz! Sinto-me mais feliz ainda, desde a noite de hontem.

A marqueza tomou as mãos da menina e disse-lhe:

— Pois eu vim cá para trocar impressões contigo a propósito do baile. Sonhaste com a festa de hontem?

— Sim, tonhei, tonhei coisas doces e deliciosas, que pareciam a continuação do baile.

Ivonne propoz á filha um passeio até ás montanhas.

— Que te parece a idéa?

— Encantadora, como tudo o que pensas. Irão todos os convidados de hontem? Quando será? O sr. d'Artois communicou-me que talvez tenha de ausentar-se por algumas semanas. Elle pretende ir á Italia. Quer apresentar uns trabalhos na proxima exposição de Milão.

— Agrada-te o sr. d'Artois?

— Muito, exclamou Branca. Há em seus olhos uma luz e em seu olhar não sei quê de atrahente e seductor. Os artistas parece que vivem a sonhar com coisas que os outros não sonham.

— Sim, talvez... Elle soffreu muito, segundo dizem. Soffreu muito na sua primeira mocidade. Ficou orphão aos dezesseis annos, completamente arruinado, porque a seu pae, o conde Sylvio d'Artois, dissipou, além da fortuna propria, tudo o que a sua esposa legou ao filho, ao morrer. O poltreiroinho luctou, luctou tenazmente até conquistar, por meio de sua arte, grande parte de sua fortuna perdida. Acompanhado do seu velho creado João, foi para a Italia. Lá, com extremas difficuldades, estudou a escola flamenga, e, por ultimo, depois de oito annos de privações, venceu. Seu primeiro quadro, premiado no museu de Londres, foi adquirido por uma somma fabulosa. Desde então, continuou a ganhar reputação, e hoje os saltes aristocraticos o recebem e o aclamam. Entretanto, orgulhoso e digno, não quiz usar o titulo de conde, a que teni direito, e vive só, com o seu creado e com a sua arte. A sua arte! Que coisa deliciosa! São deliciosas todas as suas composições.

— Porque não havemos de visitá-lo um dia?

— Sim, minha filha. Avisaremos o sr. Artois com antecedência. Elle receberá com prazer a nossa visita.

Assim transcorreram alguns dias. O pintor era o thema inconsciente das conversas de Branca. Elle visitava frequentemente a marqueza. Era sempre assíduo ao seu «chá». Sempre attento, solícito, gentil, tinha galerias encantadoras para Branca. Seus olhos, de expressão triste, acceitavam, nunca dos seus labios escapou uma phrase, uma palavra que pudesse acalmar a ansiedade que ia na alma de Branca.

* * *

Um dia de sol esplendido e alegre annunciou a esperada excursão aos Alpes.

— Sr. d'Artois, quer acompanhar-nos? Venha conosco. Dever-se um encanto esse pôr do sol sobre os cimos dos Alpes, cobertos de neve. Porque não vem conosco para traduzir na tela um desses aspectos da montanha?

— Com muito gosto e sinto-me lisonjeado pelo convite, mademoiselle Branca. A senhora cumula-me de tantas gentilezas! Tinha



Marças intezas vni contemplando a seu retrato em meu gabinete de estudo

de partir na semana proxima para Milão, mas a senhora suggeriu-me a idéa de ir aos Alpes para gozar da sua companhia. Talvez possa colher, naquelles cimos, uma impressão para um trabalho que tenho projectado. Aceito o convite.

Com effeito, tres dias depois, numa aprazível e deliciosa manhã de primavera, os excursionistas dispunham-se a partir. Estavam no patio do palacio Fernão Lys. Os excursionistas subiram para os autos, que partiram, envolvidos numa nuvem de poeira.

O auto elegante, pardo azulado, de Branca, era occupado por ella e por mais duas, Odette e Adriana. As tres meninas estavam confortadas ao olhar sempre solícito e vigilante de miss Kety, sempre fria e respeitosa.

— Que lindo dia nos aguarda! dizia Adriana, tomando entre as suas a mão de Branca.

Esta ia pensativa, como dominada por uma idéa fixa.

— Que dizes, Branca? Estás com um ar... Não estás contente?

— Ah! como não hei de estar contente se estou em tua companhia?

Adriana contemplou-a um instante.

— Sem embargo, observou Adriana baixinho, noto em teus olhos uma expressão tão triste... Sofres?

Branca, como unica resposta, apertou a mão da amiga.

O pintor d'Artois ia em companhia de sir Charles Sidney, um inglez muito alto, homem culto e fino, que conversava a propósito das suas viagens pela America. Durante a caminhada a conversação recahiu sobre Branca.

— E' linda, linda como um anjo, com o seu corposinho tão bello e tão fragil. Que lhe parece sr. d'Artois?

— Divina, disse o pintor, levantando os olhos para cima, como se a recordação de Branca lhe evocasse um sonho.

— Serei por acaso indiscreto se lhe repetir o que andam murmurando?

— Oh! peço-lhe, exclamou d'Artois. Que é que se murmura? — Escute. Ha quem, ao observar a assiduidade com que o senhor é visto na companhia de Branca, supponha que o senhor está enamorado della. De resto, que ha nisto de estranho? O senhor é joven, bello, rico e livre... Porque não ha de ter direito de aspirar ao amor desse anjinho loiro?

— Nunca, respondeu tristemente d'Artois, nunca me atreviria a pôr os meus olhos nesse anjinho loiro, para usar da graciosa expressão que o senhor empregou. Ainda não puz os olhos nella. Ainda não e nunca os porei. Ha alguma coisa entre nós que nos afasta.

Depois de pronunciar a ultima phrase, abaixou a cabeça e murmurou, como de si para si:

... que nos afasta.

Sidney calou-se, discretamente. Nas palavras de d'Artois entreviu elle um fundo de amargura, adivinhou um mysterio que lhe não competia desvendar. O inglez entrou a pensar tambem na maneira como os artistas sabem render culto á belleza sem nenhum desejo de posse.

— Que homem extraordinario! pensou elle! fosse eu mais joven!...

Na manhã seguinte, descansadas das fadigas da viagem, estavam todos preparados para effectuar a ascensão. Branca, com o seu lindo vestido numa graciosa «toilette» de montanha, simples e elegante, apoiava-se no seu «alpenstock». Vestia uma jaquetinha de

flanella branca, e os seus pézinhos, sob as saias muito curtas, ainda pareciam menores e davam mais fragilidade ao seu corpo.

Gastaram tres horas para fazer a primeira ascensão.

Eran dez da manhã quando, após um curto descanso de quinze minutos, fizeram uma ligeira refeição.

Branca não accitou nada. Seus olhos, como tinha observado Adriana, continuavam tristes, como fatigados de insómnia. A marquezeta, aproximando-se da filha, encarou-a muito e perguntou-lhe:

— Que tens, Branca? Sentes-te mal?

Branca sorriu.

— Não é nada, mamãe. Não te assustes. Um pouco de cansaço...

O pintor d'Artois, que tinha comprehendido as palavras da marquezeta, aproximou-se do grupo:

— Sentes-te mal, mademoiselle?

Como se aquella voz, tão querida para a amorosa menina, fosse um balsamo, sorriu. Sorriu com tal doçura, com tal meiguice, com tal expressão de amor, que o pintor começou a ver claro naquella alma transparente, e a adivinhar quanto a formosa herdeira o amava.

O dia transcorreu assim sem outro incidente. A marquezeta não se separou mais da filha.

Quanto a d'Artois, apartado das senhoras, pensava no modo de fazer esquecer a Branca aquellos sonhos de 17 annos. Pensou que

o meio mais pratico de desviar d'esse amor, seria afastar-se de França, logo no dia seguinte.

— A ausencia e o tempo, pensou o artista, bastam para fazer esquecer.

Ao chegar ao palacio, Branca tinha febre. A marquezeta velou, até madrugada, o somno agitado da menina, cujo espirito adormecido, sob a influencia de uma recordação persistente, ancjava num como delirio. De vez em quando seus labios, avermelhados de febre, murmuravam, suave e docemente, um nome: Diogo! Diogo!

A marquezeta soffria. Seu unico amor na terra, seu unico amor, grande e puro, que era a sua filha, aquella menina boa, meiga, bella, quasi ideal, alli estava a soffrir, alli estava agitada por uma grande tortura, e ella, a pobre mãe, apezar da sua bondade e dedicação, nada podia fazer pela felicidade de Branca. Não estava em suas mãos o remediar aquelle mal.

No dia seguinte, a marquezeta Ivonne levantou-se mais cedo, a despeito da noite mal dormida. Ao tirar a coifa de renda com que se deitara, a creada, que estava a compor-lhe o penteado, notou um fio branco a brilhar em meio á sua vasta cabelleira. Era o signal revelador do occaso da sua belleza. A formosa senhora, a occultada da creada, arrancou aquelle fio branco que a incommodava.

Ergueu-se, magestosa, e dirigiu-se á alcova de Branca.

Branca, desperta, agora mais socegada, continuava deitada. Miss Kety e uma creada rodeavam-lhe o leito com um affecto solícito. Branca atirou-se aos braços da mãe, e disse-lhe ao ouvido:

— Preciso falar contigo, mamãe.

— Miss Kety, pode retirar-se. Sou-lhe muito grata pelos cuidados que tem dispensado á minha filha. A senhora deve estar fatigada. Agora sou eu quem faz companhia a Branca.

As duas mulheres inclinaram-se e retiraram-se. Ivonne aproximou-se do leito.



Como serei feliz contemplando as suas ondas espumosas...

— Branca, minha filha, porque soffres ?
— Ah ! mamãe, tu não podes, nem que o queiras, remediar o mal. Mas não te importes com isso. Queres fazer-me um favor ? Dá-me, d'alli do toucador, aquelle estojo carmesim. Vae busca-lo, sim ?

A marqueza foi busca-lo e trouxe-l'ho. Era a recordação da memoravel noite do baile. O estojo estava dentro de uma bolsa de terciopelo da mesma cor, bordado com um nome : «Diogo».

A marqueza apanhou a bolsa, abriu-a e entregou-a á filha. Branca pegou do lindo estojo, demorou-se um momento a olhal-o, abriu-o e tirou de dentro, com amoso cuidado, o leque branco de marfim. Dentro do estojo estavam tambem todas as recordações da primeira valsa, ou, melhor, todas as recordações daquelle primeiro amor, ainda nascente, mas já intenso.

Ella abriu o leque, fixou os olhos longamente nas varetas, como a querer arrancar dellas uma recordação. Depois, fechando-o, evantou para a mãe os olhos.

* * *

A marqueza, depois do almoço, compoz á pressa o penteadão. Despediu-se de Branca, que, acompanhada de miss Kely continuava no leito, e tomou o automovel.

— Para a casa do sr. d'Artois, disse ao chauffeur.
O artista recebeu a inesperada visita com a sua habitual cortezia.

— Senhora marqueza, disse, inclinando-se, sinto-me muito honrado com a sua visita.

— Sr. d'Artois, o assumpto que aqui me traz é um pouco penoso, mas o senhor é tão gentil e me perdoará, por certo, vir tomar o seu tempo.

— Oh, marqueza, por quem é !
A encantadora senhora, fazendo um esforço sobre si mesma, continuou :

— Trata-se de Branca. O senhor sabe como eu a amo, porque é a minha unica filha. Desde hontem está doente. O seu padecimento é moral. Branca, desde que o viu, sr. d'Artois, começou a amal-o. O pintor ficou immovel.

— Senhora, eu tenho por sua filha uma veneração sem limite, admiro-a pe'la sua belleza, quero-lhe muito pela sua bondade... Mas na minha vida ha um segredo, que não lhe posso vendendar. Não poderia fazel-a feliz. O melhor, pois, é autentar-me, sahir d'aqui. A ausencia fal-a-á esquecer-se de mim. Esquecendo-se de mim, voltará novamente ao seu lar, de onde eu sou o obstaculo. Iria amanhã despedir-me. O tempo e a ausencia te incumbem de apagar da sua almasinha de dezete annos os ideaes que lhe despetei.

— Está bem, falou a marqueza com gravidade. Se, como diz, não pôde fazel-a feliz, é melhor autentar-se. Quem sabe se a ausencia lhe traz o esquecimento... Mas recio que o não traça.

— Pôde a senhora ficar decançada. Fica isso ao meu encargo. Escrever-lhe-é algumas cartas frias, tratando de alastal-das recordações que lhe deixei. Lamento, senhora marqueza, esta penosa entrevista.

A marqueza levantou-se e d'Artois, offerecendo-lhe o braço, acompanhando-a até ao seu automovel. De pé, ao portão da sua casa, o artista ainda dirigiu á formosa tenhora um sorriso em que mal podia disimular a sua tristeza.

A hora do chá, no dia seguinte, o pintor foi fazer a sua visita de despedida. Mostrou-se muito amavel para com Branca, prometendo-lhe escrever as suas impressões de viagem.

Branca, muito pallida, vestia uma «toilette» simples. Suas olheiras, muito azues, emprestavam aos seus olhos um encanto melancolico e irrisistivel.

— Sim, dir-lhe-é por cartas todas as minhas impressões. Já estudei o assumpto do quadro que devo apresentar á exposição, dentro de quatro mezes. Cuido que posso realizar uma obra d'arte.

— O assumpto é bom ?
— Muito. E foi a senhora mesmo que m'o suggeriu : um pôr do sol nos Alpes.
Branca sorriu com vaidade.

* * *

Diogo d'Artois, acompanhado de seu fiel creado, partiu para a Italia.

No palacio dos Fernão de Lys as festas continuavam. A marqueza, em obediencia aos conselhos do pintor, trabalhava por apagar da memoria de Branca todas aquellas recordações sentimentaes. Branca, porém, continuava triste. Só quando chegavam as cartas de d'Artois é que ella se mostrava alegre.

Transcorreram dois mezes. Uma manhã, a creada de Branca apresentou-lhe duas cartas do pintor. Uma dellas era dirigida á marqueza.

Branca tomou-as com avidéz.
— Está bem, disse á creada, pôde retirar-se.
A menina ficou só. Uma idéa subita passou-lhe pelo cerebro : abrir a carta de sua mãe. Mas, recouo.

— Não, penso, não devo violar a correspondencia da mamãe. Isso é muito mal feito. Demais, que pôde o sr. d'Artois escrever-lhe, senão impressões de arte e viagem ?

Mas, mudando de proposito :
— E que mal ha que eu abra a carta ? a mamã é tão boa-sinha... Não vae querer-me mal por isso.

E rasgou o envelope.
Branca, de pé, immovel, muito pallida, leu com avidéz e emoção, a seguinte carta :

- Senhora,

Perdoe-me estas linhas, que me lesam da alma todos os meus sonhos. Jamais, por certo, ouvira dos meus labios esta confissão que os queiras, e que, só agora, mercê da distancia que nos separa, tenho animo de lhe fazer. Amo-a. A sua belleza, as suas roupões de luto, a sua virtude, a sua austera castidade e a sua bondade sem mácula impressionaram profundamente a minha alma e o meu coração. Tenho só dois amores : é por elles e para elles que vivo ; o amor que lhe dedico e o amor que dedico á minha arte. Horas inteiras vivi contemplando o seu retrato no meu gabinete de estudo.

Cada recio de mim. Tudo que lhe confesso agora está occulto dentro do meu tór. Si a solidão em que vivo é que conhece o meu segredo. Só ella e mais ninguém. Nenhuma mulher, pôde crel-o, foi amada com mais ferozoso culto. Sem embargo, jamais pensei em perturbar o eterno luto em que o seu coração está envolvido.

Sinto-me alliviado agora, depois desta confissão. Sei que a comprehenderá e que comprehenderá, igualmente, a minha dor, compartilhando-a tambem.

Adeus, senhora.
Beta-lhe respeitosamente as mãos. Adeus para sempre.

Diogo d'Artois. "

Quando Branca terminou a leitura da carta, levou as mãos ao peito, e cahiu para traz, desfallida.

Ao despertar em seu leito, rodeada do medico e da marqueza, Branca abriu os olhos e fixou-os com firmeza em sua mãe.

— Querio ir ao mar, mamãe. Vamos, sim ? Como serei feliz contemplando as suas ondas espumosas...

E mostrava com o dedo um mar imaginario.
Era o delirio que começava.

A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: « Isto elle bebeu com o leite » e nesta synthese popular está enerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saúde, o *mens sana in corpore sano* ; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, preveniando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada ; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repositar, de alinear-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella terá evitado se tomasse cada dia quatro *Malcom Iricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos den-

tes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas de 20500. Enviar o pedido e importancia.—Com quantia tão insignificantemente garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira
REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete
Briccola) São Paulo

O ENCANTO DAS FEIAS

LITTERATURA SUL-AMERICANA

No nosso continuado intuito de pôr nossas leitoras em contacto com os melhores escriptores estrangeiros, através de cuidadosas traduções, não nos temos esquecido dos escriptores sul-americanos. "Damos-lhes, hoje, uma delicada pagina do escriptor argentino, J. María Bosch, recentemente fallecido, na flor da juventude.

Sahiam do escriptorio e cruzaram com uma joven, gentil e airosa, que pareceu a Gaspar uma linda mulher.

— E' que lhe não viste a cara... — replicou-lhe Pardo.

— A cara... Pouco se me dá... E, lingua, esguia... um figurino!

— É extraordinario! Parece que tens predilecção pelas mulheres feias!

— Talvez... respondeu Gaspar, embebido na contemplação da silhueta, que se afastava.

Seguiram os dois amigos para um restaurante, onde juntos deviam jantar. Gaspar pouco l'lava, como si a visão rapida daquella joven lhe houvesse obscurecido a alma com a sombra de uma evocação. Uma orchestra detestavel assassinava trechos do *Rigoletto*, e tanços acelerados pelo nervosismo do primeiro violino. Serviam o segundo prato, quando Pardo viu Gaspar de olhos fincados em uma outra mulher, igualmente feia, que enfastiadamente comia numa mesa proxima.

— Outra vez! — exclamou elle. — Mas aquella mulher é horrenda, Gaspar!

— E' que tú não conheces, meu caro Pardo, o encanto das feias, porque ellas têm um encanto, um grande encanto, eu te affirmo...

— Pode ser...

— Nem todos os homens têm força bastante de penetração para lhes descobrir todas as suas graças que são muitas...

— Eu por exemplo... entre uma feia... e uma bonita...

— Caras... caras... Bem diz o ditado: Quem vê caras não vê corações... Pois digo-te agora: Estou louca e loucamente enamorada por uma mulher feia... por uma mulher horrivel, por uma mulher absurdamente pavorosa...

— Uma extravagancia litteraria... — disse Pardo, a rir.

— Não, uma paixão, e das reais. Não o devia confessar a ti, que me não podes entender, porque ainda não chegaste á perfeição espiritual do artista que te emancipa da forma...

— Conta-me, sempre!

— E' uma caixeirinha; vendia luvras numa loja. Entrei ali um dia para comprar um par de luvras. Foi ella a servir-me. Mal lhe reparei no rosto. Lembro-me, apenas que não havia a uma luvra que me agradasse. Ella então me disse com uma suavidade enorme de voz: — "Que pena que não o possa contentar..." Olhei-a. Era monstruosa. O nariz grande, em bico de agua, accentuada os dois vincos supralabiais. A bocca era larga, de labios descolorados e grossos, e a dentadura, apesar de muito limpa, era degeul e torta... A tez, cor de cera ou de marfim, não tinha outra compensação alem de seus olhos cinzentos, pequenos e mal protegidos por pestanas ralas. Mal panteada, sem pinturas ou artificios, aquella cabeça momentos antes me teria causado a desoladora impressão do irremediavel. Havia, porem, qualquer coisa na sua voz, um timbre novo e agoniado, que me pareceu uma revelação... E garanto-te que sahi perturbado, voltando-me, ainda, da porta, para lhe dizer muito obrigado, e para lhe ler nos olhos uma luz que eu até então desconhecia. Caih' numa avenida elegante, tumultuosa: passavam as outras, as lindas, as faustuosas, as imponentes mulheres... mas nenhuma dellas tíz desejos de seguir... nenhuma dellas conseguiu arrancar-me de junto da loja... onde me olhava com tanta doçura a feia... A's sete, (horas depois) esperava eu a rainha das empregadas á porta da loja... Formidavel redução que tem as feias... Aguardei febrilmente que ella sahisse. Alta, elegante, vestida com apuro, a belleza harmonica de suas formas suppr'a a fealdade do rosto. E isto foi para mim quasi uma desilusão... Preferia que toda ella fosse feia...

— Oh!... murmurou Pardo. Paradoxal!

— Ella, um pouco depois, percebeu que a requia, voltou-se para mim, e toda a desilusão que eu tivera vendo-lhe a silhueta esbelta, desfz-se diante de seu rosto, torridente e monstruoso... De prompto deteve-se, e ficou á espera que eu lhe dirigisse a palavra... Um sentimento qualquer aclarou-me a alma; era um começo de amor ou de compaixão por aquella mulher, que ninguém cortejava e que tinha direito como as outras a um carinho e a uma palavra de

amor? Não sei. E' factio, porem, que foi com ligeira emoção que della me acerquei; e que lhe dirigi a palavra. Suas primeiras respostas foram hesitantes. Seus labios pareciam fremitir de uncção. Era, quem sabe, a primeira vez que experimentava a deliciosa angustia de que se lhe accerasse um homem para lhe falar ao coração... a deliciosa angustia da primeira incognita, da primeira duvida, da primeira anciedade!... Ah, você que amas as bonitas, as orgulhosas, não conhecem os encantos que as feias nos reservam!...

— Extraordinario... extraordinario... repetia Pardo, a rir-se... Com quatro paradosos você's são capazes de crear tudo, ó senhores da fantasia e do sonho...

— Abrevio! Segui-a dali por diante todas as noites. Ia esperal-a com ancía e lebre desde as seis horas até que fechassem a loja! Acompanhava-a até sua casa, situada numa rua escura de um bairro distante. Sua alma estava tão anciosa de carinhos, que nunca me perguntou si a amava, si a queria, si lhe offereceria um dia minha mão de esposa. Apertava-me apenas o braço, quando juntos seguíamos, e ainda nisto tinha uma delicadeza, um pudor, que a faziam deliciosa. Apertava-me a medo, ruborizada, receiando quasi que eu a afastasse ou que se quebrasse aquelle encanto que nos prendia... Nunca passou daquillo, e pareço-te talvez ridiculo dizendo-te que naquelle meu amor ou capricho eu punha severidades de devoção... Um bello dia pareceu-me que tudo aquillo era uma comedia, era uma fantasia...

— Foi o teu primeiro dia de bom senso...

— A' noite quando a fui acompanhar procurei um pretexto para acabar com aquella situação já bastante longa para quem, como eu, nella apenas tinha buscado uma impressão nova. Ella comprehendeu-me antes que eu lhe fallasse, e muito calma, deteve-me, e exclamou com a supplicante doçura de sua voz: — "Já sei, já esperava o que me vae dizer... Sou uma mulher pobre e feia... Você compadecê-te de mim, e offereceu-me uns minutos de carinhosa camaradagem. Nunca pensou em casar-se comigo, e nem mesmo em enganar-me, como se enganam as que são bonitas..." E na sua voz havia quasi a magua de eu a não ter querido enganar!... Complicado mechanismo que é o coração das mulheres!... Qui protestar: ella tapou-me a bocca com as mãos, e suas mãos tinham um perfume delicioso, um perfume dos que nunca mais se esquecem... "Não... não proteste... disse-me ella... Não me minta... A mulher tudo perdoa menos a mentira..." Deixemo-nos como bons amigos... e eu lhe conservarei uma grande gratidão porque me deu a conhecer uma emoção, fingida ou sincera, mas sempre uma emoção que eu nunca esperava que me fosse dada... E despedi-te.

Fiquei atorçado; a sua inteeza fez-me comprehender minha esterilidade.

— Mas si já estavas enafado de tua fantasia...

— O tormento veio depois. Eu me havia acostumado á adoração daquella mulher; eu tinha descoberto nos traços banaes de sua physionomia uma sympathia inconfundível. Da monstruosidade de seu sorriso parecia desprender-se um affecto profundo, que tanto alagava minha vaidade, quanto fortalecia meu espirito. "Ha alguém que me ama..." dizia meu coração. "Sou amado por mim mesmo..." dizia minha jactancia. E ao perder a expressão daquelle amor puro, ao apagarem-se na minha imaginação as linhas daquelle rosto que aos outros parecia ridiculo, e que por familiares acabaram por se me tornar sympathicas, tive a sensação de uma soledade enorme. Inquitei-me, primeiro; desesperê-me, em seguida. Voltei a esperal-a, á hora da sahida da loja. Não sahi, porem, nem aquella dia, nem no outro, nem no seguinte. A feia das luvras não vendia mais luvras. Começou, então, minha obsessão. Recordei toda a ternura do olhar de seus olhos cinzentos, toda a paixão de sua mão quando me apertava o braço, todo o encanto de seu coração que se fazia proteger pelo meu nos nossos passios, que haviam terminado para nunca mais... Necessitava da continuação daquello affecto; sentia-me preso por elle... Amava, enfim, a feia!... Enorme se me afigurava o vazio de sua ausencia, a amargura de sua despedida; desesperava-me

de ter quebrado o idyllio e de a ter afastado de mim, e para sempre, e irrevocavelmente... Oh, meu amigo...

— Literatura... pura literatura... — respondeu Pardo.

— Não. Dêr que se fez carne dentro de minha alma, e com a qual formei agora a minha vida... Feliz de quem surpreende e conquista a sympathia das feias na ternura de seus olhares, na resignação de seus gestos, na modestia de seu passo pela vida, no engenho que accusam para pôr em seus defeitos o artifício que os occulte, e que os converta em um atractivo.

Pardo torria, ironico.

— Não é literatura, não, Pardo! Ellas, no bond, abrem seu livro para que o vizinho se aperceba pelo nome do autor, do bom gosto de suas predilecções literarias; oppõem seus argumentos

nas p'lestras aguçando a imaginação para que interessem; suggestionam com sua delicadeza, com sua humildade, com sua discreta coquette. Sabem, as pobres, que são essas as armas com que háo de lutar para conseguir a victoria sobre a commun estupidez das formosas, porque alguns espiritos selectos de nosso sexo preferem a feia com graça, ás bellas em quem a formosura substituiu, pela justiça immanente da Natureza, os prestigios do talento.

O encanto das feias, Pardo, é para mim, desde que sinto a nostalgia daquella rapariga, a prova indetectivel daquella justiça natural e precisa... São umas bonitas e estupidas... São outras feias e graciosas e espirituosas...

(Tradução especial para a Revista Feminina de S. Paulo, de Bebê Mendonça Lima.)

S. CHRISTOVAM

(Excerpto de um livro inédito)

Para encerrar a terceira serie das *Leituras ao se-rão* vamos contar uma curiosa lenda dos tempos primitivos:

Há diversas lendas deste glorioso santo da terra

de Chanaan, desse gigante que, segundo dados historicos mede é doze covados de altura! Talvez quizessem dizer doze pés e mesmo assim reduzindo, não deixa de ser o gigantesco Christobal dos hespanhões, nem tampouco diminuirá o seu retrato da capella de Santa Eugenia, da Cathedral de Toledo.

Entre outras lendas que correm mundo, a mais conhecida é aquella que fôra extrahida da *Legenda Aurea*, de Voragine, em que um menino péde a Christovam para passar o para o outro lado do rio, de um rio que se dizia perigosissimo, pois que morria a maior parte dos que tentavam atravessal-o. Diz a lenda:

— Christovam pega no menino, põe-no ao hombro; mune-se do seu cajado e entra na agua. E o rio começou a crescer pouco e pouco; o menino pezava sobre os seus hombros de um modo excessivo; e este peso augmentava cada vez mais, de modo que Christovam começou a ter medo. Pôde, finalmente, alcançar a margem opposta, e quando pouzou o menino no chão disse-lhe: — Puzeste-me num perigo, e pezavas de modo que me parecia ter o mundo inteiro sobre os hombros. E o menino respondeu-lhe: — Não te admires, Christovam, não tiveste só o mundo inteiro sobre os teus hombros, tiveste tambem aquelle que o creou, por que sou o Christo, aquelle por quem emprehendeste as boas obras que estás praticando. Enterra o teu bordão na areia e tu verás amanhã como elle está coberto de folhas e flores. E desapareceu.

Christovam assim o fez; enterrou o seu cajado na areia e na manhã seguinte vi-o florido como uma palmeira e todo coberto de tamaras.

(Como se sabe, seu nome em grêgo significa porta-

Christo, e é porisso que o collocam nas igrejas, com uma estatua gigantesca, carregando um menino sobre os hombros e empunhando um bordão todo florido.)

Reza a historia que S. Christovam indo a Samos, na Asia Menor, declarando-se christão, no tempo das perseguções do imperador Decio, foi horrivelmente martyrisado por Dagnus, governador da Syria. Mas a sua constancia era tal que quanto mais o maltratavam, mais alto levantava o louvor de Jesus Christo, e Dagnus vendo que esta persistencia produzia centenas de conversões acabou por lhe mandar cortar a cabeça, isto a 25 de Julho de 254. E' neste dia que a Egreja celebra a sua festa.

Havia, pois, nesse tempo a crença de que ninguém morria de morte subita ou por qualquer accidente, no dia em que visse S. Christovam. E essa crença piedosa está expressa neste pensamento:

Christophorum viduas, postea latus eas.

Effectivamente, a tradição diz e todos concordam que a sua estatua era gigantea, mas que nem por isso deixava de ser sympathico. Alguns dos antigos hymnos cantados em seu louvor chegaram mesmo a conceder-lhe uma phisonomia seductora.

Vejam como se cantava o gigantescosanto, que os hespanhões tanto adoravam:

— E' bello na alma e corpo; os olhos brilham, Os cabellos são de ouro, não tem par Em santo amor acceso; o rosto, o nome O coração a Christo faz lembrar.

O que nós não sabemos é si a traducção destes versos corresponde ao original, pois que não são nada harmoniosos.

O que podemos garantir é que os nossos nilagrosos S. Gonçalo e Santo Antonio, apesar da sympathia que teem pelas meninas casamenteiras, não nos livram, como S. Christovam, de morrermos afogados num rio, nem tampouco, de perdermos o appetite á vista de um succulento cuscús de camarões...

José Velho.

UM RAMO DE ESPERANÇAS...



Nelson, Oswaldo e Dulce, filhos do dr. Encas Mascarenhas, e sobrinhos do illustre medico e industrial, dr. Azarias de Andrade, membro do conselho director do Iliceo do Brasil, e dedicado amigo da *Revista Feminina*. São tres lindas criancas, de tipo bem nosso. Nelson, pensativo, analysa... Oswaldo, entre sorriso e admirado, confia... desconfiando sempre... Dulce, encantadora no seu lindo sorriso, é a grega, o encanto, a victoria da feminilidade doirada dos tropicos...

BANHOS DE MAR

E' da Enropa, ou, melhor, de Paris, que nos vêm a moda. A moda para a indumentaria, como para as idéas e para as attitudes. Nenhuma moda é authentica se eja não foi lançada em Longchamps, num grande premio, como nenhuma idéa é bella se não foi, antes, posta em voga por qualquer homem de letras, embora mediocre, de França.

Na vida elegante, ha, porém uma coisa que a França

nunca conseguiu impor-nos. Lá, a cura de banhos de mar é reservada para a estação quente; aqui para a estação fria. Nem podia ser de outra fôrma, na Europa, em Dezembro, o mar deve ser terrivelmente frio, e no mesmo mez, aqui, o clima de Santos é insupportável e elementarmente quente.

O inverno é a estação elegante. E' a estação das peliças, das luvás, das polainas de lã, das "boas" sumptuosas de penna ou de raposa, das "toilettes" excessivamente "habillés". E toda essa indumentaria tem a propriedade de dar aos corpos mais graciosos uma graça, uma elegancia, uma chic, que as "toilettes" de estio, muito simples e leves, não daram.

Não sei que poeta mundano disse, num final de estrophe, que o inverno foi creado para dar relevo ás belezas crepusculares. De facto, a mulher crepuscular, ou, melhor, a mulher outoníca, seja qual for a elegancia da sua attitude, a perfeição dos seus contornos, a porção de mocidade que ainda lhe resta, não resiste a um exame feito á luz de um sol de verão.

O sol de inverno tem a luz menos crua, menos viva. E é num scenario de inverno que a silhueta da mulher outoníca, envolvida em "fourrures", se torna mais decorativa, mais ornamental.

A elegancia indigena impõe-nos o dever de ir a Santos, ás praias de banho, para propinar aos pulmões e á alma o grande tónico do Ceano. Nos banhos de mar faz-se provisão de saude para o resto do anno; e essa provisão deve ser feita sempre, todo anno, para

que se não gastem de todo as energias de que necessita o equilibrio do nosso organismo. Pena é, porém, que aquellos que trabalham de sol a sol e que lutam ainda pela noite a dentro, não consigam, a despeito do seu intenso trabalho e da sua luta tremenda, conquistar um mez de férias para o corpo e os nervos, numa praia de banhos. Esse repouso só é destinado aos que vivem em férias todo o anno, em férias garantidas pela fortuna...

Pena é... O mundo é uma coisa tão incoherente, que o repouso só foi inventado para os que vivem realmente repoados e nunca para os que delle necessitam.

Mas estas observações, escapadas ao acaso de uma penna vadia, pertencem ao dominio das philosophias. Não curemos de philosophias, principalmente agora que a estação fria nos obriga a preparar as malas, a encher-as da melhor roupa branca e dos "tailleurs" de casemira leve para tomar o trem da S. Paulo Railway e seguir rumo das praias.

A vida nas praias de Santos, é muito confortavel actualmente. Lá encontramos os melhores confortos a que estamos habituados. Junte-se a isto o mar,

o mar com suas perspectivas encantadoras, com suas ondas, ora mansas e rasteiras, ora alterosas e asperas, com o seu queixume de vaga que se quebra na areia ou com o seu raiar de vagalhão que estoura no alto, com as suas praias brancas a perder de vista que nós pisamos com os pés nús, molhados de espumas...

A differença entre a vida na Capital e a vida no Guarujá é enorme, embora sejam as mesmas, ou porventura mais exigentes, as preocupações de sociedade e de elegancia. Lá, aquellos aspectos, que estamos habituados a ver todos os annos, sempre se nos apresentam com um encanto novo, toda a vez que de novo os contemplamos. O mar é sempre inédito. Toda a vez que o contemplamos, achamos-lhe uma feição nova, sempre differente daquella que lhe suppinhamos habitual...



E' MUITO TARDE

Personagens: Um escriptor, uma mulher, um criado. A acção passa-se em qualquer cidade moderna, de vida feita de artifício, crueldade e soffimento.

A scena representa o gabinete de trabalho de um escriptor theatral. Esse gabinete, cheio de livros, jornaes e revistas esparsas sobre a mesa e pelo chão, de estatuas, estatuetas, quadros e objectos de arte, numa desordem tumultuosa, é como o cerebro do seu proprietário. É uma habitação palpitante de evocações e de suggestões; está no alto do edificio, na vizinhança das mansardas, em communicação com o céu, donde descem os sonhos, e com a terra, donde sobem as realidades. Por uma janella larga, de vidro fosco, entra, de dia, o sol matinal, e á noite, o luar das balladas.

A porta está um creado, de focinho caricatural, com uma bandeja na mão onde posam quatro cartas. O escriptor já dobrou o cabo dos cincoenta. Tem os olhos fundos, mas sem olheiras. Nariz prominentemente, designativo de temperamento amoroso e vo-lade energica. Ao carlo dos labios tem uma prega de amargura, da amargura de uma vida excessivamente viuida.

Os cincoenta invernos branquearam-lhe inteiramente a cabeça, dando-lhe um aspecto de paizagem polar. Mas não ha um unico sulco em seu rosto, de pelle firme e rosada. Tem uns hombros de atleta, e um vago aspecto sentimental de bobemio amoroso, de Don Juan romanesco, seductor e crepuscular.

O CRIADO:—
São quatro cartas, patrão. Chegaram hoje.

O ESCRIPTORTO:—
Está bem. Leva-as.

O CRIADO:—
Mas, patrão...

O ESCRIPTORTO:—
Leva-as todas, já disse. Lança-as ao fogo, rasga-as, atira-as ao lixo, ao inferno.

O CRIADO:—
Mas sem as abrir, patrão? sem as ler? E se me desse a mim a tentação de as ler? Perdoe-me o senhor a audacia.

O ESCRIPTORTO:—
Pois pôde lê-las, comtanto que me não contes o conteúdo dellas. Não quero saber o que ellas dizem. De resto, já sei o que dizem. São recommendações officiosas, applausos aduladores, algum amorzinho pouco interessante, algum anonymo, alguma critica perfida e invejosa. A carta, a verdadeira carta que espero, a carta maxima, a carta suprema que aguardo ha tanto tempo, não veio, não virá nunca. Essas que estão ahi não valem nada. Lança-as ao fogo. Prepara-me o café.

O CRIADO:— Já está ahi. Deve estar frio.

O ESCRIPTORTO:— Melhor. O café frio tem mais aroma. Não receba ninguém. Não quero vizitas.

O CRIADO:— A esta hora, patrão? São as quatro da madrugada.

O ESCRIPTORTO:— Mas pode dar-se... Pode vir alguém. Bem, deixa-me. Quero ficar só. Vou trabalhar.

O criado desaparece. O escriptor escancara a janella e debruça-se ao parapetto, olhando a escuridão. A brisa nocturna faz ondular a sua espessa cabellera de arminho.



O ESCRIPTORTO:—
Lua dos poetas e dos navegantes, lua chimerica dos namorados, boas noites! Boas noites, musa de Banville. Aborreço-me o teu olho grande e redondo, sem pupilla e sem palpebra, manchado de brancas nuvens. (Fecha a janella). Ao trabalho! (Da pasta da secretária extrai um manuscrito que as suas mãos folheiam e acriticam, num gesto de amor.) Vou terminar hoje a minha doce obra-prima. (Passa pelo gabinete. No tecto, no papel das paredes, na branda suavidade dos tapetes, nos velhos quadros suavizados pela patina, seus olhos buscam uma idea—uma inspiração.) Luiza, minha Luiza! Que perfume tem o teu nome entre todos os nomes de mulheres! Nome triste e bello! Será uma formula definitiva de arte esta belleza a que a tristeza o seu desfecho theatral uma mentira. Nutro, porém, a esperança do triumpho. A minha doce obra-prima tem as tres coisas essenciaes á vida: esperança, recordação e mentira. A esperança, que nos faz sonhar com um amor; a mentira de uma mulher quando diz "amo-te", e a recordação, que nos faz reviver um amor morto. (Faz uma pausa grave, cheia de meditações.) Não posso! Positivamente não estou de veia. Vou ler algumas paginas que antecedem o desfecho; quem sabe se consigo retomar o fio do assumpto, que me escapa. Aqui, na undecima scena, aqui... (Põe-se a ler em voz alta a sua propria obra, com uma enlãoção indescriptivel, mescla de seriedade critica e narcisismo de autor.)

LUIZA:— Tudo acabou. Tudo. Compreendes?

FELIX: — Mas... porque?

LUIZA: — Porque sim, porque devia acabar. Não chores assim, não chores. Não vale chorar, entendes?

FELIX: — Luiza...

LUIZA: — Que és?

FELIX: — Luiza, minha Luiza...

LUIZA: — Que queres?

FELIX: — Vem, vem aqui. Senta-te aqui ao meu lado.

LUIZA: — Para que? D'aqui onde estou ouço-te bem. Sabes bem que não sou surda.

FELIX: — Ah! é porque te quero tanto, tanto... Não posso, não quero, não devo viver sem ti. Eu morro!

LUIZA: — Farça, comédia... Não morres, não. Ninguém morre de amor. Viverás, esquecerás. Essa é a vida. Mais tarde, vae enamorar-te de outra.

(*Interrompe-se de subito*) Parece prosaica esta phrase. Parece. Mas que realidade tem esta scena! que intensa realidade! É um a scena verdadeiramente viva. É possível, entretanto, que o publico não a comprehenda. Será o diabo. Mas se o publico soubesse que era assim, que foi assim mesmo que falava Luiza, a minha Luiza? Que dolorosa que foi a nossa ruptura! Ella tão fria, eu tão ardente! Como soffri! e como soffro agora só com o recordar aquelle lance! (*Faz uma carancia. Annuciam-se-lhe os olhos de pranto. Abre os olhos, olha em torno, como a procurar na sombra encolvente o phantasma do passado. Uma grande dor espalha-se nas suas feições.*) "Ella trahiu-me, ella deu o coração a outro. Nem de outra fórma podia mostrar-se tão gelada no momento da separação. A dor invadiu-me a alma, acobrinhou-a, cegou-me a razão, gelou-me o sangue nas veias. Meu Deus, como soffri! Tentei o suicidio, que se frustrou. Que vergonha! Tive o antegosto da morte; vi-me cahido nas laçadas do pavimento, com o sangue a fluir pela abertura da baía, morto... Mas o destino quiz que eu não morresse, desviando a bala. Desde então, vivo morrendo! Luiza, minha Luiza! Eu ter-lhe-ia perdoado, perdoar-lhe-ia a mentira, a deslealdade, a traição... Mas Luiza não quer voltar... não voltará nunca mais! Nunca mais!" (*Põe as mãos na cabeça, num gesto de afflicção e desespero. Depois, mais calma, passeia de um lado para outro, entre grave e triste.*) Não. Não. Esta dor está muito, muito viva, muito forte; não pode converter-se numa sensação de belleza. Não. Não. Não ha arte nesta historia. O excesso de vida tirou-lhe a realidade. E o desfecho? Como encontrar o desfecho? (*Abrindo a janella*) Preciso de ar. (*Um raio de sol natural entra no gabinete e triumpho sobre a luz artificial.*) Oh! o sol! como o sol é impertuno! E' o inimigo do sonho e do devaneo.

Apparece o criado com outro serviço de café.

O CRIADO: — Patrão, o café. São nove horas. Pensava que o senhor ainda estava em val de leções.

O ESCRITOR: — Trabalhei toda a noite, José. Quero agora dormir, repousar. Não quero nada. Leva o café. Não estou em casa para ninguém, para ninguém, entendes?

Antes de sair, o criado faz ao seu amo uma inclinação, entre cerimoniaosa e compassiva.

O ESCRITOR: — Luiza! Porque não sentiste o frio como eu, este frio da ausencia que me euregela? Porque não voltaste, Luiza? (*Lentamente, encaminha-se para a porta do quarto de dormir. Entra, deixa-se.*)

O criado está discutindo com a mulher. Ella tem o aspecto nobre e a face compungida. E' uma belleza autonica, magestosa, mas sem calor. Elegancia suprema. Tem o rosto pallido e os cabellos encanecidos prematuramente. E' uma visão dolorosa, uma nostalgia, uma belleza crepuscular.

A MULHER: — Mas eu preciso falar-lhe.

O CRIADO: — O patrão disse que não recebe ninguém.

A MULHER: — Eu escrevi-lhe, annunciando-lhe a minha vizita.

O CRIADO: — O patrão não recebe cartas.

A MULHER: — Mas eu escrevi-lhe eu mesma.

O CRIADO: — O patrão não lê cartas.

A MULHER: — Seja como for, vá chamar-o.

O CRIADO: — Não vou. Elle está dormindo e prohibiu-me que o despertasse. Volte mais tarde.

A MULHER: — Impossivel. Embarco hoje, no trem das onze. Diga-lhe que está aqui a Luiza, entendeu? A Luiza!

O CRIADO: — Dir-lhe-ei, mas depois, quando elle acordar. Agora, não. São ordens.

A MULHER: — Está bem. E' Deus que o quer. Assim seja. Vou-me embora. Diga pois a elle que a Luiza esteve aqui. Não se esqueça.

A pobre mulher sai. Sai como uma sombra.

O criado, armado de um espanador, vae limpando os moveis e traucendo uma canção popular. O escriptor apparece de novo, envolta num largo pyjama de palha de seda. Tem na cara amarratada um ar de insomnia.)

O ESCRITOR. — Não pude dormir. Com quem estavas falando ha pouco, José?



O CRIADO: — Com uma senhora que perguntava pelo senhor.

O ESCRITOR: — Uma senhora!

O CRIADO: — Sim, e com muita insistência. Queria ver o senhor, falar-lhe. Não era muito joven. Querentona, mas distinta, elegante... O patrão advertiu-me que não recebesse ninguém... Disse que se chama Luiza.

O ESCRITOR: — Luiza! Era ella, ella, que começou a sentir o frio na alma. Voltou! Bemdito seja Deus! Chama-a, vae chamal-a, José! Correl (*Mas quando o criado se dispõe o cumprir a ordem, seu amo o detem com uma brusca e angustiosa transição.*) Não, deixa-a. Assim o quer o destino. Deixa-a. E' tarde, é demasiado tarde para resuscitar o amor. Extranha coisa que é a vida!

Deixa-se cair numa cadeira, escondendo os olhos com as mãos fechadas. O panno cae, interrompendo-se, discretamente, entre os espectadores e um homem que chora um amor que não quiz resuscitar.

F. SASSONE

Uma lagrima de saudade...

Emquanto dorme, descansando dos seus trabalhos a brasileira illustre, nossa muito dedicada e querida Directora, cobre-se de luto a nossa Revista e com ella o feminismo brasileiro chora a grande perda que acabamos de soffrer.

Passamos por uma dolorosa surpresa. Quem diria? Ha tão pouco tempo a vimos, forte, robusta, alegre, consagrando todas as suas forças, toda a sua alma ao sublime ideal que emprehendeu — crear uma Revista Feminina Brasileira: levantando a nossa moral o mais possível, intellectual e physicamente.

Choremos a sua falta porque ella é grande.

Seja, pois, esta pagina escripta á mercê do coração, e as linhas se succedam como lagrimas, uma a uma distilladas sobre o tumulo ainda fresco, que se abriu roubando-nos uma vida preciosa e fructifera.

Aquelle que nol-a deu, Elle mesmo a arrebatou. Não nos rebellemos então, antes curvem-nos, resignadas, diante da sua vontade, que é sábia e santa.

O nosso coração humano, entretanto, sente a falta, que a companhia...

E ao coração viuvo que viu apagar a poesia e a luz do seu lar, não podendo jamais preencher o vacuo aberto pela saudade d'aquella preciosa metade que se lhe desagregou do ser, causando-lhe o desequilibrio da vida, lembramos que neste mundo todos teem, na partilha do infortunio, o fei de sua quota de desdita. E o homem virtuoso sabe soffrer.

A provação é o momento de revelarmos o nivel da nossa moral.

— D. Virgínia de Souza Salles foi uma brasileira distinguida, extraordinária; e uma das joias da nossa raça.

Gastou as suas energias em fazer o bem a todos e em todos os sentidos.

A sua conhecida bondade exercia sobre todos uma influencia poderosa.

Sabia sempre ver o lado bom das cousas e em todos encontrava sempre qualidades boas. Talvez fosse tudo isso o reflexo de sua propria bondade, da sua grandeza de alma.

A's vezes, valemos menos á medida que mais admirados somos. E ficamos convencidos de que o que de melhor ha no mundo é o que se não sabe, porque só o sabem aquellos que o possuem, e se esses o dissessem, logo lhe tirariam o perfume.

Comtudo, admiramol-a no lar, na sociedade e na imprensa. Nestes diferentes meios ella soube expandir a sua intelligencia, a sua energia varonil, cultivando sempre para a sciencia, a litteratura e a arte.

O seu nome deve ser gravado com letras de ouro na historia do feminismo nacional.

Um paiz que possuisse umas dezenas de mulheres da sua tempera, faria prodigios.

Elia convenceu-nos, mais uma vez, de quanto pôde a mulher brasileira fazer em prol da felicidade e do progresso no meio da familia e da sociedade, porque ella não é inferior ás suas companheiras das demais raças.

Se, pois, durante a sua vida, estavamos continuamente ao seu lado, confortando-a com o nosso sincero e pleno apoio, agora mais que nunca cerremos fleira e reforçemos aquellas que devem continuar o caminho tão bem começado e já bastante desenvolvido, afim de conseguirmos a realisação do grande e bello ideal que não lhe foi dado a ventura de ver completo.

Nenhum de nós attenta na brevidade de sua missão. Todos nós aneiamos pelo dia de amanhã...

Aproveite agora a sua prole, que se resume em duas gentis meninas, e nós suas collaboradoras; seu exemplo, seus conselhos, a norma da sua vida, para orientarmos-nos no caminho a seguir.

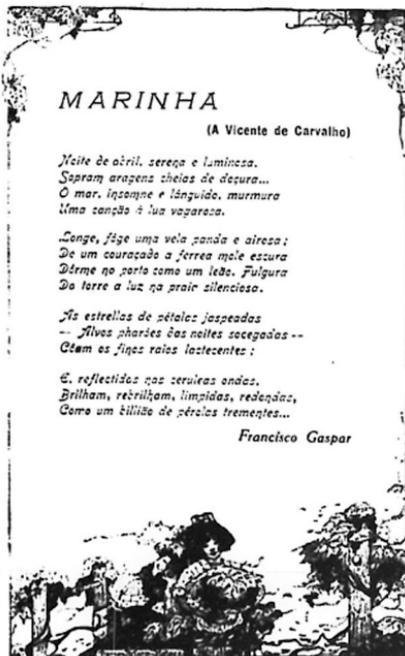
Tudo isso nutrirá o nosso coração como a flor se nutre do orvalho. Sim, o seu nome, a sua memoria, viverá eternamente em nossos corações: qual força irresistivel através da existencia da nossa util e proveitosa Revista.

Tecendo assim, uma coroa de saudades em homenagem a uma grande patriota, a primeira jornalista, nossa Directora, aqui deixo cair uma lagrima sentida de amizade sincera.

Albina A. Pires de Campos.

A Revista Feminina

Os numeros desta revista relativos ao anno de 1917 ja se acham na sua redacção, encadernados, constituinto um grosso e elegante volume. A encadernação é em percalina, com os dizeres do lombo dourados. Vende-se cada volume a 25000. Como presente de anniversario para uma senhora ou para uma moça, é o que ha de mais fino, e, sobretudo, de mais util. As pessoas que têm truncadas as suas collecções, devem adquirir a edição encadernada.





AS TÂMARAS

(CONTO ORIENTAL)

NUMA das praças mais centrais da cidade de Damasco havia um mercador de tamaras que se chamava Hassan. Como se sabe, ou, provavelmente, como se não sabe, os mercadores orientais fazem o seu pequeno commercio em plena rua, sentados em esteiras, de pernas cruzadas. Ao lado collocam elles os seus artigos, frutas ou bugangas, mas fazem o seu pregão em voz falsete; outros, mais resignados, esperam em silencio a freguezia, embecendo-se com o opio dos seus longos «narghilehs».

Hassan era mercador de tamaras. Mas Hassan era positivamente um homem sem sorte. Como eram muito pequenas as suas frutas, as mais pequenas que havia em Damasco, de aspecto rijo e mal amadurecidas, ninguém as comprava. Expostas sempre ao sol, iam engelando, encolhendo e ficavam ainda menores do que carções de oliveiras. Como não tinha outro meio de vida, é de ver que elle passava pelas peores privações. O seu barrete de baeta vermelha tinha buracos por onde os seus cabellos saham; os seus escarpins de couro marroquino tinham rasgos que lhe deixavam á mostra os dedos dos pés. Mas parecia um mendigo de estrada que propriamente um mercador da cidade.

A's vezes, quando a fome era grande, tentava comer uma tâmara, mas logo a cuspiu para o lado, tão dura e amarga era a fruta.

Mas, dirão os leitores, porque Hassan teimava em vender aquellas tamaras e não procurava outro meio de vida? A objecção parece, á primeira vista, razoavel; mas é preciso advertir que o conto é oriental, e não Orienta todas as incoherencias são possiveis.

As letras conhecerão, por certo, a expressão «cabeça de turco» como designativa de um individuo tenaz, teimoso, turrão. Hassan era de Damasco e mahometano, portanto turrão, ou, mais precisamente, «cabeça de turco»:

Ao lado de Hassan, em outra esteira, sentava-se sempre outro mercador. Chamava-se Tufy. O seu commercio, como o de Hassan, constava de tamaras, que eram as tamaras mais famosas que havia em toda a região. As tamaras de Tufy eram maiores que as

de Hassan, sem falar que eram maduras e saborosas. Era tão penetrante o cheiro assucarado dessas frutas, que em torno dellas estavam sempre zumbindo as abelhas. Tufy não precisava fazer pregão das suas frutas. As abelhas, que as rodeavam, eram o melhor annuncio que lhe podia fazer, o melhor attestado do seu sabor, do seu assucar e do seu aroma.

Emquanto, pois, Hassan definhava de miseria e privações, o seu vizinho de esteira prosperava. Estava tão gordo, que, sob o enorme ventre, mal podia cruzar as pernas. O seu barrete de velludo vermelho não tinha nenhum rasgo e os escarpins que usava eram tambem de velludo, como os das odaliscas do sultão.

Demais, Tufy era proprietario de umas pequenas terras, plantadas sómente de tamaras. As terras eram excellentes e as tamaras, de boa qualidade.

Esta é a razão por que as tamaras de Tufy eram tres vezes maiores que as de Hassan.

Um dia, chegou a Damasco um derviche. Derviche é o religioso mago, que vive de fazer prodigios e milagres. Esse derviche era um santo, que passára toda a vida no deserto, alimentando-se de grellos e de grilos. Elle vinha tão cheio de sciencia quanto vazio de comida.

Ao passar pela casa de Hassan, ou, melhor, pela pocilga onde Hassan roia a sua miseria, disse-lhe:

— Dá-me alguma coisa para matar a fome, e eu te farei favores como nunca t'os poderia fazer o proprio Califa. Como te chamas e de que é que vives?

— Chamo-me Hassan, e sou o mais pobre dos mercadores, e vendo tamaras, que são as mais pequenas de Damasco.

— Quem é que vende as maiores tamaras?

— É o meu vizinho de esteira, que se chama Tufy.

— Pois bem. Eu obrigarei toda a gente a comprar as tuas tamaras e fal-as-ei maiores que as de Tufy.

— Ah! de mim, derviche! santo enviado de Allah! As tamaras de Tufy são tres vezes maiores que as ordinarias. Entra em

minha casa, oh, santo! senta-te na minha esteira, cruza as pernas, lê bemitido, e ensina-me o processo de tornar grandes as minhas frutas e de obrigar as gentes a compral-as.

Hasan poderia ter perguntado ao derviche porque razão, sendo tão sábio e milagroso, andava tão necessitado de comida. Mas Hasan não gostava de discutir e muito menos de fazer perguntas. Beijou humildemente a sandalia empoçada do hospede e trouxe um pedaço de carneiro, cozido em agua e sal. Esse pedaço de carneiro, seja dito entre parêntesis, tinha-o elle furtado a um mercador de carnes frescas.

O derviche comeu com appetite, lambou os beiços, passou as mãos osudas pelas longas barbas brancas e disse-lhe:

— Que tamanho queres que tenham as tuas tamaras?

— Quizera que fossem tres vezes maiores do que tu possas fazel-as.

— Muito bem, applaudiu o santo. Vês estes passaros que eu trouxe da India? É um papagaio negro, pertencente a uma raça de passaros magicos. Diz-lhe que as tuas tamaras são tres vezes maiores que as maiores.

— Allah te cumule de bençãos, de odaliscas e de camellos, oh, derviche! Mas que ganho eu em dizer isto ao passaro?

— O verdadeiro crente do Corão não discute nem pergunta, mas ouve e cala, disse o sábio varão. Eu sou derviche. Tu não deves comprehender-me, mas apenas obedecer-me.

Hasan saudou o passaro de plumagem negra e chamou-lhe roca (ave gigante da mythologia oriental).

Mas o tal passaro de plumas negras, que o derviche trazia empoleirado no dedo, não era um roca. Era um passaro muito parecido com o corvo, de bico curvo e muito palrador.

O derviche trouxe-o de Sumatra, onde lhe ensinou a falar de pequinão.

Hasan, cuidando mesmo que se tratava de uma ave magica, filhote talvez de um roca authentico, approxinou-se delle, poz os

joelhos em terra, e chamou, com uma voz unctuosa, digna de um crente de Mafoana:

— Eu sou o teu escravo, oh Roca! As minhas tamaras são tres vezes maiores que as maiores!

— Isso mesmo, isso mesmo! applaudiu o derviche. Continúa a falar e põe a tua alma em Allah.

Hasan de facto, temia a Deus, e não cessava de repetir á ave que as suas tamaras eram maiores que as maiores.

O premio da sua fé e da sua virtude não se fez esperar por muito tempo.

O passaro, depois de alguns minutos de silencio, que pareciam minutos de reflexão, abriu o bico recurvo e falou:

— As tamaras de Hasan são maiores que as maiores!

O passaro abriu a aza e voou pela cidade de Damasco, fazendo o prégo. A sua voz tinha um tom poetico, e como os mahometanos são muito supersticiosos, começaram a achar que aquellas tamaras pequeninas eram de facto muito grandes.

O passaro, todo o dia, antes do mercado, voava pela cidade, lançando as ares o extranho prégo. Os freguezes, como é de ver, accorrem pressurosos á esteira de Hasan. Todas as frutas expostas eram vendidas logo.

Emquanto isto se dava, Tuly ia perdendo a freguezia e emmagrecendo. Hasan, ao contrario, engordava.

Comprou um rebanho de carneiros e de cabritos, e, por cumulo de luxo, construiu sobre a sua esteira uma coberta de panno.

Hasan continuou vivendo no temor de Allah. A medida que enriquecia, ia-se tornando mais crente.

Todo o mundo dizia que as tamaras de Hasan eram as maiores. Todos as compravam e comiam.

Mas a verdade é que Hasan, ás occultas, ia comprando as tamaras de Tuly, de quem se tornou o unico freguez...

Joemy Rios.



NEURASTHENIA

O MAL MODERNO

No nosso tempo, de vida intensa, os organismos gastam-se depressa. Vive-se mais, por assim dizer, á superficie, mas as razes da saude mergulham menos profundamente. A machina — o nosso corpo é uma tão perfeita e delicada machina — usa-se rapidamente. Bem cedo apparecem peças desgastadas, — os pulmões, os nervos, o cerebro, os intestinos, o coração.

É preciso, caras leitoras, remediar promptamente esse mau funcionamento, concertar as pequenas ruínas que se infiltram lentamente e ameaçam desastres irreparáveis.

Para essa fraqueza geral dos organismos combatidos e fracos pelo trabalho intenso e pela actividade febricitante, ha reconstituintes energicos que são um remedio sano.

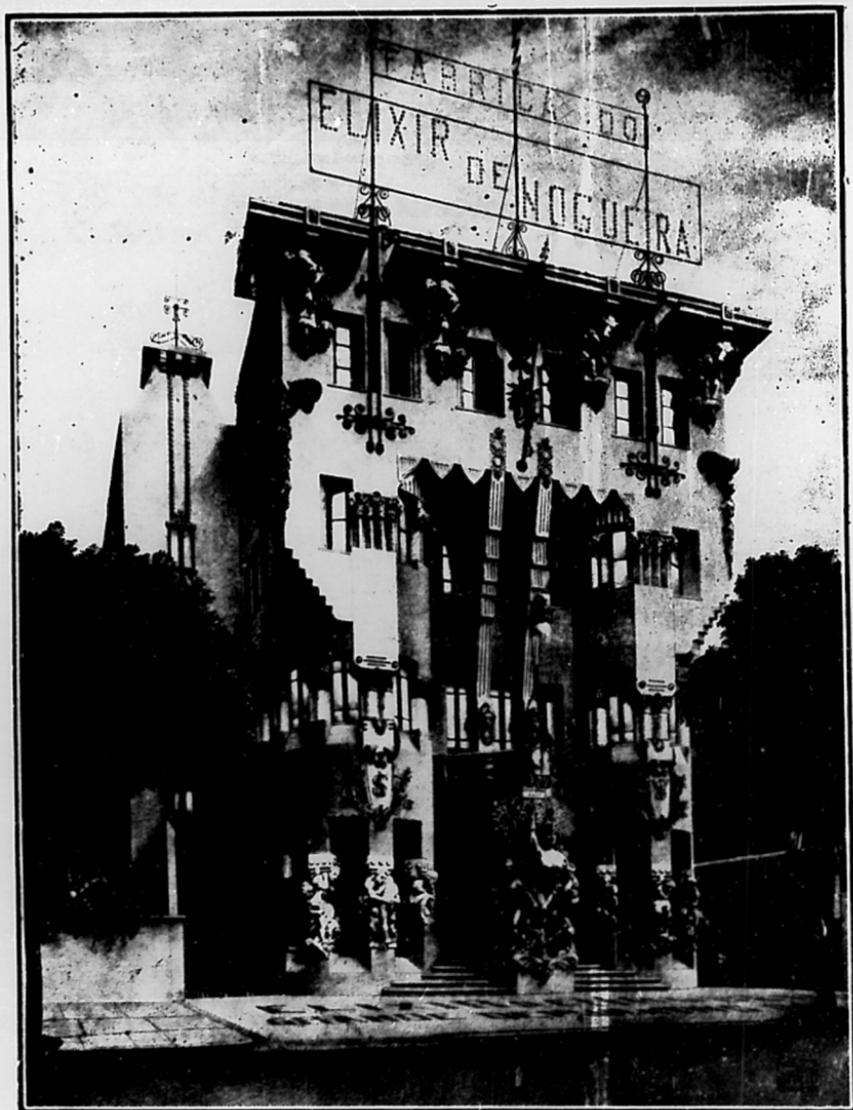
Claro está que o melhor desses remedios é uma vida methodica e ordenada, um regimen alimentar sufficiente ou abundante, bom ar tonificante e puro, exercicio moderado e distrações suaves. Mas, não lá falar á gente de empregar esses remedios todos, modificar os seus habitos, suspender os seus trabalhos. Muitas vezes quer-se e não se pôde. Outras vezes pôde-se, mas não se quer, já se ergallou a potencia da vontade. A multidão dos abuticas não é, infelizmente, uma fábula de psychiatras ou neurologistas sem cientes.

Ha, porém, um remedio excellento, um verdadeiro reconstituinte que por si mesmo,

pela sua composição e pelos seus bons effectos, por larga experiencia comprovados, se recommenda a todos os que soffrem de fraqueza pulmonar, de debilidad organica geral, tuberculose, rachitismo, fraqueza constitucional, convalescência de influencia, pneumonia, convalescência e sarampo — é o Phospho-Tricol de Giffoni.

Não é uma panacea, como tantas outras, nem um palliativo, é um authentico e maravilhoso remedio, de elementos constituintes medicinas bem estudadas e dosadas, de maneira a produzir os resultados mais rapidos e benéficos.

Neste tempo de neurasthenia, de fraqueza e debilidad geral é o remedio que não deve faltar em cada casa, onde se pretende fazer reinar a saude.

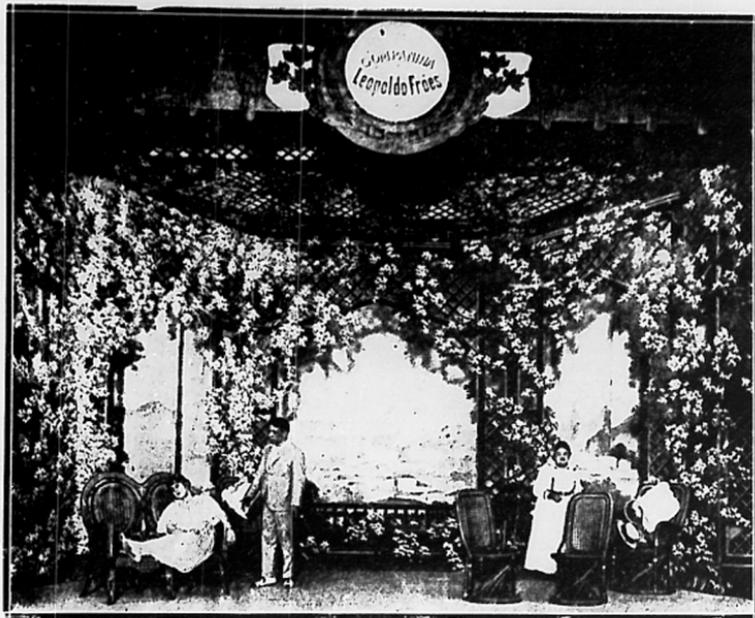


Edificio proprio da fabrica do Grande Depurativo de Sangue

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Fabricantes: Viuva Silveira & Filho - Rio de Janeiro

O THEATRO NACIONAL



Uma scena de 2.^o acto da comédia de Gláudio de Souza Oulono e Primavera, ora em scena e em caminho da centenária no Trianon, do Rio.

Dizer do theatro que é uma escola de costumes, seria repetir um conceito por demais sedição, e que não ha quem desconheça. Cital-o, porém, para delle tirar as conclusões que se impõem a quem deseje orientar na estrada que lhe é reservada, tem toda a oportunidade, quando quizermos fazer o estudo do theatro nacional, por aquelle prisma. Effectivamente si nossos costumes se tivessem educado através de nosso theatro, deploravel sob todos os pontos de vista seria nossa moral. Que theatro temos tido até hoje? Com excepção de quatro ou cinco escriptores theatraes aos quaes se podia applicar este titulo, e entre os quaes ha a citar Penna, França Junior, Arthur Azevedo e dois ou tres outros, nada mais tivemos do que traductores e arranjadores de adaptações de theatros estrangeiros, quando não fabricantes de revistas sem nenhum valor litterario ou theatral, eivadas de erros de grammatica, e lardados de obscenidades de toda a classe, que para os espiritos inferiores constituem a unica fonte de humorismo. Quer isto dizer que o nosso povo não tenha a veia theatral, ou seja incapaz desse genero de litteratura? Não. Outras são as causas de não termos até hoje formado o nosso theatro, causas aliás que imperam em outros ramos das artes, que todos os desenvolvimentos têm tido entre nós, digno de especial registro, por constituir indícios de uma individualisação autonoma.

Ha dois elementos sem os quaes não se pode formar um theatro: — o actor e o auctor. O actor brasileiro não existe, e não existe porque desde seu inicio, o «comico», como nossos antepassados designavam o actor, era um typo desconceituado, que não perdia, para aquelles, apesar de seu maior brilho no theatro, o caracter pejorativo de saltimbanco de feira. Numa familia que se presava, dizer um filho que tinha inclinação para o theatro, era provocar um gesto de pânico, de horror, de maldição... Insistir no seu proposito era provocar sua expulsão, como uma lepra ruim de que era necessario isolar a familia. Dahi resultou que só viessem para o theatro, com raras excepções, pessoas tiradas das camadas populares, entre

açogueiros, caixeiros de tendas, pequenos operarios, cuja boa vontade só é de louvar, e cujas aptidões marcaram, ainda assim as pouquissimas paginas de brilho relativo que se contam na historia de nosso theatro. Quanto ás actrices identico phenomeno se operava, e dizemos proposadamente phenomeno, porque é incrível que até hoje perdesse o preconceito que faz com que as familias olhem com horror, não só o theatro como todos os ramos da Arte, e mostrem-nos como um caminho de perdição e de dissolução, ás suas filhas. Formado com os elementos que acima apontamos não podia ter o nosso theatro a elevação que lhe era precisa para constituir uma escola de costumes. E de facto não o constituiu, porque depois de uma ligeira época de melhoria com João Caetano e outros artistas, que saltando sobre preconceitos o acompanharam, nosso theatro veiu em seguida acanhando-se cada vez mais, entregue a elementos de ruim importação, que só olhavam o interesse material de sua aventura, e que nem apprendiam o portuguez para representar! Tivemos, então, no palco, uma moral repugnante numa algaravia incomprebensivel, num cassage horrivel, num calão de viella escusa. As familias afastaram-se, e com razão, desse meio de dissoluta moral e de adulterada lingua. O theatro nacional, ou o que por tal se apregoava, desapareceu. Durante annos, dez talvez, não tivemos theatro. O Rio, a capital do paiz, chegou a não ter nenhum theatro funcionando. Após tão largo periodo, no qual dominou o cinematographo, loi que reapareceram as primeiras tentativas, que só chegaram a tomar uma forma ainda incerta de viabilidade com Christiano de Souza, no Trianon, e Leopoldo Fróes no Pathé, onde se formaram os dois primeiros centros de comedia nacional, nos tempos modernos. É evidente que durante o lapso de tempo acima indicado, com o theatro brasileiro fechado, depois da morte de seu ultimo comediografo, Arthur Azevedo, não podiam ter apparecido auctores. Mas tanto não é verdade a versão da inaptidão do brasileiro para o theatro, que logo que appareceram duas companhias regulares de comedia surgi-

ram, como por encanto, os originaes brasileiros, e Christiano de Souza, no seu primeiro anno do Trianon, montou nada menos do que 17 peças de auctores nacionaes!

A tentativa de Leopoldo Fróes, do o Pathé passou-se para o Trianon, teve desde logo toda a sympathia do publico. Leopoldo Fróes é, em primeiro logar, um caso quasi unico em nosso theatro. Bacharel em direito, filho de uma distincta familia, sendo seu pae director de uma Faculdade de Direito na capital da Republica, seguiu decididamente sua vocação, sem attender aos preconceitos que, desde logo, o saltaram. Trata-se, portanto, de um actor educado num meio fino, elegante, distincto: apto, pois, a interpretar uma arte elevada, uma arte que possa dar ao nosso theatro a situação que lhe compete no grau de civilização em que nos achamos. E, para provar que o theatro é uma carreira como qualquer outra, já do ponto de vista social, já do ponto de vista commercial, devemos dizer que Leopoldo Fróes é um actor recebido e estimado pela mais alta sociedade do Rio, e... facto que vai parecer incrível: está rico com o theatro. Installado magnificamente, servido por um bello automovel particular, fazendo uma vida elegante, ha quem afirmar que o nosso primeiro galan comico conseguiu em pouco mais de um anno de Trianon, formar um patrimonio de mais de uma centena de contos.

E' esse um facto que tem despertado invejas, como é natural provocando pequenas campanhas contra o estimadissimo actor, mas o publico, que é indifferente a maneios de bastidores, prestigia-o cada vez mais e com maior entusiasmismo. Italia Fausta é outro exemplo. E' uma artista filha de italianos mas é nossa, profundamente nossa no sentir e no interpretar as paixões, e uma só aclamação a tem acompanhado em todas as suas excursoes artisticas.

Isto quanto aos actores. Sobre os auctores, elles appareceram tão logo appareceram actores. Claudio de Souza, em tres annos, deus nos seis peças: *A renuncia*, *Um homem que dá azar*, *Flores de Sombra*, *O exemplo do pape*, e *Outono e primavera*, alem de um espectacularo film cinematographico, *Patia e Bandido!* Todas estas peças o publico recebeu com grande interesse, e uma dellas, *Flores de Sombra*, deu 200 a tantas representações seguidas, produzindo para mais de trezentos contos de receita bruta! Viriato Correia fez representar no mesmo espaço de tempo duas peças: bem como Abbadie Rosa, e surgiram ainda, Fabio Aarão Reis, Paulo Barreto, auctor da *Bella madame Vargas*, da *Eva* e de *Que pena não ser só ladrão*, alem de uma revista de anno, *Adão*, Gomes Cardim, que já ha tempo não fazia representar trabalhos seus, Oscar Guanabario, que nos deu o seu excellente *Perdão*, Roberto Gomes, o sonhador, com diversas peças, uma das quaes levada em francez por Brulé, o que foi uma carinhosa demonstração para com o theatro nacional, Bastos Tigre, o fino humorista, os irmãos Pinheiro, Avelino de Andrade, Danton Vampre e Julio Cesar da Silva, com dois lindos actos em verso, Arlindo Leal, Carlos Góes, D. Julia Lopes de Almeida, Coelho Netto, Olival Costa e outros, que todos não nos occorrem nesta rapida nota, alem dos escriptores portuguezes que aqui residem, como João Luso, Lorjô Tavares, Julião Machado. E todos estes, auctores de theatro elevado, pois que no genero das revistas de anno, que absolutamente não representam mais do que um pas-tempo, sempre, entre nós, abundaram os auctores.

O publico, por sua vez, tem secundado com grande entusiasmismo o esforço de nossos novos auctores e actores, e procura de preferencia os theatros onde se representam peças nacionaes. Devemos, pois, aproveitar esta fase de reascensamento do theatro brasileiro para cereal-o de carinhoso estímulo, a ver si desta vez conseguimos ter uma scena nossa, que por sua moral, pela correção de sua linguagem, e pelo *ridendo castigat mores* de sua critica elevada, possa se constituir a escola de costumes que em toda a parte, desde os gregos e romanos, têm guiado a evolução da sociedade humana. E' bem verdade que ha ainda uma parte de nosso publico, uns certos *snobs* patetas, e umas preciosas senhoras que vivem sideradas pelo embalsamamento que lhes causou um dia á ingenuidade mestiça o ambiente dos boulevards de Paris, os quaes se jactam de nunca terem ido a um theatro nacional, de não conhecerem um só auctor ou actor nacional... enquanto enchem as frisas e camarotes de quanto salimbancos nos vem do estrangeiro, com olhares alambicados e paletos cintados... Deixai-os. O numero de idiotas é infinito, e nem por isto as artes tem deixado de evoluir... Em contrapelo ha os que prestigiam e estimulam todo o esforço que possa redundar no progresso de nosso paiz, e este, em maior numero, são os que constituem verdadeiramente a nossa nacionalidade. Os outros, os que vivem com os pés aqui, e com as ventosnas no Estrangeiro são individuos sem raça e sem casta, intrusos aqui onde nasceram, intrusos lá onde se querem acclimatar.

(Para a Revista Feminina)

Fernando Carlin

HEROINAS DO BRASIL

D. ISABEL DE ORLEANS.

O Brasil orgulha-se de ter em D. Isabel uma filha tão nobre. A sua nobreza é caracteristica em sua essencia: a falta de nobres e ligada a uma linhagem de escol, altissima, sua fina educação e uma alma primorosa de filha, de esposa e de mãe só poderiam produzir o bem na fé religiosa de praticar o bem, fé inspiração do Céu, a que o Novo-Mundo deve não só a sua civilização e o seu progresso, como a a liberdade, segundo a feliz expressão do escriptor Norberto de Souza.

A mulher que possui este dom espontaneo, este predicaço, santificado pelo amor dos filhos, é de certo uma heroína, tanto mais quando passa por cima dos preconceitos e interesses, resignando-se a tudo, alienando de si grandezas e pompas materiaes para vencer uma aspiração, sacrificando o alto destino dos seus, e até o seu throno, para só seguir os ditames do proprio coração, em beneficio de um povo, de uma raça, na dignificação da Humanidade e pelo amor de sua idolatrada Patria.

Eternisa-se o seu nome, cercado de benções, na gratidão de toda uma nacionalidade.

Primo-genita de D. Pedro II, ex-imperador do Brasil, fallecido em Paris em 1891, e de D. Theresza Christina de Bourbon, senhora que foi um modelo de virtudes e que teve a glorificação e appellido merecido e sublime de — Mãe dos Brasileiros — fallecida na cidade do Porto em 28 de novembro de 1889, a Princesa D. Isabel nasceu a 24 de Julho de 1846 na capital do Brasil, e a 15 de outubro de 1864 casou-se com D. Luiz Felipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu.

Teve seu pai, D. Pedro 2.º, a feliz inspiração de dar-lhe por esposo o bravo soldado que, accetando tão honrosa escolha, partiu da Europa e chegou ao Rio a 2 de setembro de 1864.

A 15 de outubro do mesmo anno realisou-se o acto solemne das nupcias, estipulando-se no respectivo contracto que ficaria o principe, seu esposo, fazendo parte do exercito brasileiro, com honras de Marechal, gosando de todas as isenções, regalías e privilegios da familia imperial.

Teve a effectividade do posto de Marechal por decreto de 27 de junho de 1865, quando seguiu para a campanha do Paraguay, afim de commandar os exercitos aliados em operações contra o governo daquella Republica.

Filho do Duque de Nemur, o Príncipe-Marechal nasceu em França, onde se educou até que os acontecimentos politicos de 1848 e 1852 fizeram com que sua familia fosse expatriada.

Com admiravel vocação para a carreira das armas, assentou praça no exercito hespanhol em 1859, de onde seguiu para a campanha de Africa, como tenente, prestando servicos de valor com muita bravura, em todos os combates e batalhas, recebendo a «decoração de Isabel» no proprio campo da celebre batalha de Castillejos, pregando-lh-a ao peito o general O'Donnell.

umas das batalhas mais importantes da campanha de Tetuan, foi essa de Castillejos, ganha pelo corpo de exercito do general Prim, sob o commando em chefe do general O'Donnell. Já a batalha ia victoriosa, quando Prim se dirigiu ao general em chefe, pedindo-lhe que assistisse aos ultimos embates, num dos extremos da linha de fogo, onde a infantaria hespanhola e os batalhões cantabricos faziam prodigios de valor e rechasavam a formidavel cavallaria marroquina.

O'Donnell, com todo o estado-maior, encaminhou-se logo para o ponto indicado por Prim, seguido deste e dos bravos generaes Ros de Olano e Rios, fazendo parte da comitiva o sr. Conde d'Eu que, pouco antes, vinha de se celebrar, nessa mesma batalha, á frente de um pelotão de *housards*.

A certa altura da marcha, o general em chefe fez alto e apou-se, com todos que o acompanhavam, para condecorar o tenente de *housards* Gaston de Orleans pelos actos de distincta bravura praticados no mais renhido da acção.

Eis como o grande historiador dessa campanha, D. Pedro Antonio de Alarcon, que tomou parte em toda ella, de armas na mão, narra esse interessante episodio:

«De prompto, faz alto o general em chefe e procurando com o olhar o Conde d'Eu, que fazia parte da comitiva, exclamou affectuosamente:

— Senhor!

O joven principe (o exercito de Africa o tratava como tal) levou a mão á pala do bonet e aproximou-se do general O'Donnell.

— Senhor, proseguiu o conde de Lucena, V. A. fez hoje suas primeiras armas com a bizarria propria dos que trazem o illustre nome de Orleans, tendo conquistado novos brazões para juntar



Casa Bonilha

Rua Direita 29 S.Paulo.

Telephone 1116 e 1349
Central

A Sociedade de
S. Paulo

Entrou o Inverno...
e com elle os elegantes
modelos da

Casa Bonilha!

JARDIM FECHADO

TROVAS SIMPLES

Brado, zombando da morte:
 "Glória a dona Virgínia,
 "A notavel fundadora
 "Da REVISTA FEMININA!"

Infelizmente, patricias,
 Morreu dona Virgínia!
 Porém — vive, redvive,
 Na REVISTA FEMININA...

Felizmente, brasileiras,
 Vive dona Virgínia
 — Na vida ocante, gloriosa,
 Da REVISTA FEMININA...

Infelizmente, patricias,
 Tombou dona Virgínia
 No posto de orientadora,
 Da REVISTA FEMININA!

Felizmente, brasileiras,
 Guia dona Virgínia,
 De além-túmulo, em espirito,
 A REVISTA FEMININA...

Infelizmente, patricias,
 Deixou dona Virgínia
 Vago o lugar que occupava,
 Na REVISTA FEMININA!

Felizmente, brasileiras,
 Terá dona Virgínia
 Quem lhe assumo o encargo honroso,
 Na REVISTA FEMININA.

Trivista.

Franca, 19 de Junho de 1918.

Julietta, assignante e amiga das primeiras pede a todas as leitoras da Revista que lhe communicuem em quatro linhas apenas o que mais as tem impressionado durante estes quasi quatro annos de guerra. Qual o acontecimento que julgarem de mais importantes consequencias moraes, sociaes, economicas ou politicas?

Amigas leitoras da Revista Feminina peço-vos que vos digeis responder-me ás seguintes suggestões:

- 1.º) Porque não abríamos na Revista uma galeria de honra das grandes mulheres brasileiras?
- 2.º) Quaes julgaes que sejam as nossas mais illustres patricias?
- 3.º) Se conheceis sobre algumas pormenores interessantes ou possuis alguns documentos originaes, transcripções, etc., porque não as enviar á direcção da Revista para os publicar

Candida. (S. Paulo).

Peço ás nossas distinctas patricias que me digam, pela nossa querida Revista, qual o monumento, sitio, paisagem, recordação, ruína, typo popular mais interessante da sua terra, da sua cidade, do seu logar. Havendo photographias porque as não enviarmos á Revista que sem duvida, teria muito prazer em as publicar?

Clotilde Soares (Aracajú).

A vida está cara. A alimentação barata é um problema. Quaes são os doces — com as respectivas formulas — em que se pôde economisar mais o assucar? Peço-vos respostas a esta pergunta, queridas leitoras.

Gabriella F. (S. Carlos).

ALVORADA DE BEIJOS

Quando eu os conheci pela vez primeira, foi justamente a uma bella e risonha manhã de Setembro, se me não engano, uma quinta-feira, numa das ruas do centro, de nous poetica e encantadora Paulicéa!

Eram duas galantes e meigas creaturinhas, lindas e pobrezinhas, que corriam ás ruas da cidade, desde que o astro-rei despontava na linha azulada do horizonte, enviando á terra os seus primeiros e esplendorosos beijos de luz, até o seu declinar por entre as esmeraldinas e altosas montanhas, tocando e cantando as suas arias mais suaves, repassadas de tristeza e saturadas de amor e saudade, para, com o producto destas, tirar o necessario sustento para a sua subsistencia.

Ella, era uma humilde, loira e encantadora creança, de rostinho redondo, gracioso e rosado, de grandes e sonhadores olhos vivos, rodeado de lindas madeixas loiras sempre despendeadas... cantava as canções mais bellas que as aves lhe tinham ensinado, mas, cantava-as melhor, muito melhor de que as proprias aves...

Elle, um lindo, esperto e ativo menino, moreno claro, de cabelos negros e ondedados, de olhos grandes e meigos, encimados por negras e cerradas sobrancelhas, tinha uma pandeireta como os dançarinos da Bohemia, mas, nunca houvera ciganos que, como elle, melhor roubesse arripéar com a unha a pelle esticada em que chocalhavam, ruidosas e alegres, as pequeninas e brilhantes lammas de cobre, que scintillavam, reverberando á luz dourada e ofuscante do sol.

Quaes seriam os dois?

Si alguém lhes dirigisse esta pergunta, causar-lhes-ia um grande e profundo embaraço.

De que elles se lembravam apenas, era do nunca terem dormido em cama, nem comido á mesa.

As pessoas que vivem em casas opulentas e luxuosas, que vestem de «púrpura e ouro», ou jantam, banquetando-se á mesa de ricas e alvas toalhas de linho, farta e profusa de boas e finas iguarias, não eram de sua familia e até mesmo para dizer a verdade, elles nunca a tiveram, nunca!

Pequenitos ainda, tanto que logo começaram a fallar e a peregrinar pelo mundo, vagando errantes e sem destino certo, encontraram-se por acaso, numa estrada; ella sahia de uma pequenina moita, perfumosa e florida, elle de uma cova do vellado.

Quaes seriam as mães desnaturaladas e desalmadas, que assim, os haviam abandonado?

Não sabiam, mas, apenas se viram, trocaram olhares terrosos e affectuosos, deram as mãos, abraçaram-se e sorriram...

Chovia algum tanto nesse dia, mas, no longe, bem ao longe, numa clareira, o campo estava dourado, esplendida e esplendorosamente illuminado. Foram para o sol e dali em diante nunca mais tiveram outro itinerario senão caminhar para onde havia bom tempo.

Teriam fatalmente morrido de sede e fome, pericido á mingua na extrema miseria, se os regatos não corressem pelos campos, si as caridosas, boas e piedosas mulheres das aldeias não lhes dessem de vez em quando algumas cedeas de pão velho, muito duro e bolorento, que iam ser lançadas á gallinhas.

Era uma scena tristissima, dolorosa e desoladora, ver estas duas pobres creanças, tão pallidas, doentias e enfezadas...

Mas uma sorridente, bella e radiosa manhã, cheia de luz, encantos e lulgores, quando já bastante crescidos, ficaram muito admirados, ao acordarem em sua casinha de relva debaixo de uma arvore frondosa, de virem que haviam adormecido com os labios rubros e sanguineos inamavelmente ligados, d'onde souo pelo espaço, morrendo mysteriosamente no infinito, uma extranha harmonia de «um grande beijo luminoso e casto», innocente e ingenuo, santo e puro...

Continuaram com os lábios docemente collados, os olhos languidamente abertos, o delicioso e ardente beijo dado durante a innocencia de um sonno.

Desse dia em diante não tornaram mais a sentir as torturas e as desoladoras decepções da existencia, os horrores tremendos do mundo, deste immenso e grande valle de lagrimas, de soffrimentos e de amarguras e nem tão pouco a sentir a sua miseria e a lastimar a sua desdita...

Aquelle beijo dulçuroso, sagrado e immaculado, como hostia de almas amorosas, castas e puras, uno eternamente deante do altar do Sonho, aquelles dois innocentes coraçõesinhos, aquellas duas almas ingenuas e pudicas, que viveram sempre felizes e venturosas...

Um fato velho, crivado de buracos, não é, desagradavel, quando debaixo desse pobre andrajo, ha um coração que pulsa febril e incessantemente sentindo as doçuras e o fogo ardente do amor!

Quantas damas da alta «elite» não trocariam de bom grado os seus vestidos mais bellos, finos e ricos, pela felicidade e pela fresca e rosada pelle de uma simples e bonita mendiga dos caminhos!

Andando o dia inteiro de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, vagando pelas ruas, paravam nas praças deante dos palacios e palacetes magestosos e aristocraticos, que algumas vezes abriam as suas janellas de vidraças opulentes, onde assomavam formosas donzellas de rostinhos alegres e gentis, sorridentes e graciosos, cheios de bom humor.

Ella cantava canções dulçurosas, melifluas e deliciosas, elle acompanhava-a, fazendo ressar a sua pandeireta, vibrando as laminas: e si lhes davam alguma cousa, o que sempre acontecia, porque havia quem gostasse de os ouvir, ficavam satisfeitos e contentes, mas, tambem nunca se maldiziam e affligiam quando nada recebiam...

Voltavam para casa, tendo um sorriso nos labios, a alegria no coração, e indemniavam larga e fartamente, deitando-se em jejum...

Não é uma desgraça das maiores, deitar-se uma pessoa sem alimentação, quando tem o coração cheio e os faminos não são muitos para se lastimarem si o amor lhes offerece a noite, *au clair des étoiles* o doce e divino manjar dos deliciosos, ternos e febricitantes beijos, beijos de amor, beijos sagrados, immaculadas hostias de almas puras, juramento indestructivel, sincero e eterno de corações que sabem amar!

Oh! o beijo é, a cellula viva do amor, que liga fortemente duas vidas numa só, duas felicidades numa unica e transforma dois seres humanos num só!

Oh! o beijo é um pequenino traço, vivo e forte, que, collando os nossos labios, une duas syllabas — amor!

E' o sublime holocausto do culto supremo, que funde deante do altar do Sonho, as nossas almas felizes, ditosas e boas, realçando as nossas deliciosas e queridas aspirações...

E' um seculo de ventura, prazer, gozo, delicia e felicidade que decorre todo num momento.

E' o desabrochar de uma formosissima e vermelha rosa, que abre as suas petalas, para receber em seu seio pudico e casto, o primeiro raio do sol nascente!

O beijo é finalmente, no meu fraco modo de pensar e, nas minhas tristes reflexões, a ecclosão subita e instantanea de dois suspiros prolongados que se confundem e morrem no mesmo instante num delicioso e convulsivo espasmo de doçura e gozo, caminhando depois, juntos para o mesmo mal!

Que será mais o beijo?

Oh! dizer vós creanças, que dormindo sonharam ao claro das estrellas e despertaram numa esplendorosa, sublime e «oirada» alvorada de beijos..., acariciados pelos primeiros, fulgurantes e indistinctos raios do sol matutino!

Dizei almas puras, innocentes e meigas, que, desabrochadas para a existencia, unidas pelo destino, viveram resignadas e amparadas pela doce e acalentadora felicidade!

Dizei humildes e lindas creanças, que é bom dormir sonhando e acordar beijando!

S. Paulo, 1918.

J. T. da Silva Braga

SONETO

Ambos seguimos hoje a mesma estrada,
O mesmo rumo outr'ora percorrido;
Tu — no meu collo, pallida, apoiada,
Eu — nos teus braços lindos envolvido.

Como é suave andar assim perdido
Nessa tão longa e mystica jornada:
Eu — deste mundo e hyppocria esquecido,
Tu — de prazeres cêlicos cercada.

Reposa a tua fronte no meu peito,
Como quem vas dormir... sonhar num leito...
E vamos percorrer todo este espaço.

Vamos. E' tão florido este caminho
Que, sob a doce luz do teu carinho,
Menos eu vou sentindo o meu cansaço.

Varre-Sae

Imá de Avel.

Eu respondo no pedido da "Noiva." Mello. C. L. que deseja saber qual o melhor presente que se deve dar a um noivo, recebo-vos as seguintes notas:

"Eu offerecer-lhe-ia a sua primeira carta de amor, a que elle me escreveu com maior e mais expontanea vontade."
(Adelaide — Sorocaba)

"Dentro de uma caixa de velludo branco... um livro de Mengozza."
(Leonor — S. Paulo)

"Um relógio, boa marca, para andar sempre a hora."
(Judith — S. Paulo)

"A minha virtude, a minha belleza, o meu amor."
(Tracema — Santos)

"Uma medalhinha de esmalte com o meu retrato."
(Amélia — Campanha)

"Uma colleção da "Revista Feminina."
(Admiradora)

Recebeis ainda outras respostas, bastante numerosas, incluindo objectos varios de utilidade.

D. ALZIRA REIS

In nossa distincta collaboradora ora, d. Alzira Reis recebeu a seguinte carta, cujas expressões de sentimento agradecemos e que preferia de ser publicada para revista de certas gratias estampada no seu ultimo e interessante trabalho:

«Ideas irmãs casam seres á distancia: sem conhecer pessoalmente a Directora dessa Revista, já eu a queria muito. Digne-se aceitar a affirmação sincera de meu prazer, que sou do lado dessa casa.

—:—

Honrando-me grandemente, a Revista publicou minha desculpa e despretenciosas carta de Abril. "A pressa é inimiga da perfeição", e serios defeitos leem-se nella: *crudelade*, que eu deveria escrever *credulidade*; *snobismo*—*sophysma*; *coramos á*—*coramos a* — (*Dicc. lat. Fonseca, João de Deus*); *menor decrescimento* — *menor decrescimento*, etc.

Tudo passaria talvez despercebido, menos o *crudelade*, que annulla quasi a defesa da mulher...

— Publicando minha carta, a Revista contenta-me, pois se mostra a meu lado na criação da falada *Assembléa*; discorda ella de mim em pontos philosophicos e religiosos, justamente em pontos onde raramente ha accordo.

Por este ou por aquelle caminho, o nosso fim é o mesmo: a defesa dos saos principios em franca decadencia, o estabelecimento da liberdade consciente, acima da qual só se concebe Deus...

Creia essa Redacção na amizade sincera da

ALZIRA REIS

Bello Horizonte, 23 de Junho de 1918.

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex-substituto da Polyclínica Geral em Vienna Ex-interno de clinica dos hospitais. Cirurgião do Hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo
Operador. Moléstias de senhores.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4

De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

DR. RODRIGUES GUIÃO — Clinica medico-cirurgica, especialmente de partos, moléstias de senhores e crianças.—Consultorio rua de S. Bento, 14 (Palacete Jordão). 1. andar. sala n. 11. Consultas, das 13 ás 15 horas. — Residência: alameda Barão de Piracicaba, 139. — Telephone, 28-26.

DR. LUIZ PEREIRA BARRETO — Especialidade: cura radical de hemorrhoides por processo sem dor, sem sangue e sem chierotomia Residência, rua Appa n. 2. — Cons.: rua 15 de Novembro, 9 — das 11 ás 12.

RAYMUNDO REIS — Cirurgião-dentista. — Attenção de das 12 ás 16 horas. — Rua de São Bento, 27 — São Paulo.

DR. LUCIANO GUALBERTO — Utero, Anexos, Bexiga e Rins. Cons.: rua Libero Badaro, 120. das 1 ás 3. Res.: rua Verquello, 373. Telephone Central 770.

Laboratorio de Analyses de

DR. JESUINO MACIEL — Microbiologia e Chimica clinica. — Aberto das 8 ás 16 horas — Se atende á especialidade — Rua Libero Badaro 63 — Telephone, 5439 - Central.

A Ciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «isto elle bebeu com o leite» e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saude, o *mens sana in corpore sano*; com o leite pode-se tambem beber o rachitismo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, prenunciando a futuro miseravel, arrastado em meio de moléstias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preocupou de repousar, de alimentar-se bem e, principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teri evitado se tornasse cada dia quatro *Malcom Tricalsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empresa Feminina Brasileira é a unica d-postitaria deste producto em São Paulo—Um vidro com 100 partilhas: 20000. Enviar o pedido e importancia. — Com quantia tão insignificante garantireis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empresa Feminina Brasileira

REVISTA FEMININA

Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) São Paulo



Guilherme Cassel
Cliches
Telephone
N.º 2001.
(Cidade).
Rua dos Guayanaes 155.
São Paulo.

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, poderoso tónico reparativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das moléstias consupativas acima apontadas.

É superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetal* sendo intimamente combinado: ao *tannino da noqueira (Juglans Nuts)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitaminador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel

um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões, dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distintos clinicos, que o recebem diariamente nos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODO-TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C^o
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro



ANEMIA — NEURASTHENIA —
FRAQUEZA — CHLOROSE —
DEBILIDADE
TUBERCULOSE
MEDICACAO
SEM RIVAL
CAPSULAS DE OLEO DE
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

Invicta
A melhor tintura
para os Cabellos
Guifry — Rio

SAXONIA

TINTURARIA E LAVANDERIA

S. PAULO

LAVA E TINGE ROUPA DE
SENHORAS, HOMENS E CRIAN-
ÇAS, CORTINAS, PLUMAS, BOÁS,
LUVAS, Etc., Etc.

Fabrica: Rua Visconde de Parnahyba N. 210

Telephone - Braz 297

Lojas: RUA LIBERO BADARO' N. 145 A

Telephone - Central 2396

RUA SEBASTIÃO PEREIRA N. 5

Telephone - Central 833

Cursos de Preparatorios

PARA AMBOS OS SEXOS

Annexo á Escola Berlitz

Dirigido pelo Snr.

Dr. Camilo Bergenson

Engenheiro Civil - pela Escola Polytechnica
de S. Paulo

Rua Direita N. 8-A

PALACETE CARVALHO

Reconhecida pela Directoria Geral da
instrução publica de accôrdo com a nova
lei de ensino.

A' FINANCEIRA

CALÇADOS ULTRA CHICS

Rua e Largo da Liberdade 50A

Telephone 5187 Central

Para fingir os cabellos

Podemos anunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda côr, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despeza do correio.

LINGERIE ELEGANTE



Enxovaes para noivas
lingerie em geral
Roupas brancas para
Senhoras.

F. Autuori & C.

RUA DA LIBERDADE
N. 142-A, 144-A, 144-B

Telephone N. 3192
SÃO PAULO

Marmoraria Tomagnini



Especialidade em
tumulos de marmore
e granito polido

≡ Pietrasanta

(Carrara) Italia ≡
S. PAULO

Rua Paula

Souza N. 85

Telephone, 3378

(CENTRAL)

Societé Financière
et Commerciale
Franco Brésilienne

(CASA NATHAN)

CHA' «HORNIMAN» em latas de
1,1/2 e 1/4 de libra, o mais puro e
aromatico.

Grande sortimento de licores «CU-
SENIER» de todas as qualidades.
Verniz especial «CHINAMEL» para
envernisar soalhos, que substitue
com vantagem a cera e é mais
barato.

Grande sortimento de ferragens fi-
nas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA
de todas as classes, com especia-
lidade em arados, cultivadores, etc.
dos melhores fabricantes Norte-
Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

43-R, Rua S. Bento, 43-R

Caixa do Correio—K
SÃO PAULO

A's Senhoras Professoras

Pedimos aconselhar aos seus

discipulos e discipulas

O USO DO

Oleo Indigena Perfumado



Recommendado como pre-
ventivo, e aconselhado com
resultados positivos para
extinção da caspa e Len-
dias e todos os parasitas
do couro cabelludo, tão fre-
quentes na infancia. Perfu-
me agradável Preço 2\$000
Pelo correio 3\$200.

Vende-se em todas as
pharmacias, drogarias, per-
fumarias e barbearias.

DEPOSITO EM SÃO PAULO
Baruel & Cia.

REFORMAS DE PREDIOS

Secções de: *Pedreiros, Carpinteiros, encanadores etc.*

Peçam orçamentos a:

Medina, Pettri, Russo & C.

Rua 15 Novembro, 59 :—: Telephone, 3004 Central

S. PAULO

Srs. Lavradores!!!

Tódes as terras são boas usando-se

O ADUBO CALCAREO

das cayeiras de Ytupararanga (Sorocaba)
E o melhor correctivo para insufficiencia das terras, composto de:

Acido phosphorico	em P. 205	0,82 o/o
Potassa	em K 20	5,45 o/o
Calcio	em C. 000	43,27 o/o

Custa muito barato: 40\$000 e fozellade embarcada!!!

Façam seus pedidos á Sociedade Anonyma Fabrica Volorantim.

Caixa Postal, 127 -- Rua de S. Benjo, 47
Deposito permanente -- Telephone cidade n. 162
S. Paulo

A BELLEZA DAS UNHAS

Um dos peores sestros que se adquirem na infancia é o de roer as unhas. E' um vicio de que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta dos dedos e trazel-os sempre sangrando. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affectar a economia geral do organismo.

Corrigir-se alguém desse vicio pela força da vontade é tão penoso, ou mais, como deixar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a «ONYCHO-PHAGINA», que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa seccar. Se se trata de corrigir a creanção desse vicio, deve-se renovar a applicação toda a vez que ella lavar as mãos.

A «ONICOPHAGINA» vende-se a 5\$000 o frasco.
Pedidos na Revista Feminina.

ORVALHO

DA BELLEZA



O MELHOR
CREME
PARA A PELLE

Pharmacia Castor

Rua Álvares Penteado, 5-A
S. PAULO

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

Ecriptorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — São Paulo

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro - Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro
Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos, Asphalto,
Tubos para abastimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra, Rebo-
cadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fa-
brica de pregos, parafusos e rebites, Fundição de ferro e bronze, etc

Grande Serraria a Vapor — Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmal-
tado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transarea «SIT»
(Aereoplano e hydroaeroplanos Eleriot). -- Soc. de Productos Chimicos "L. de Queiroz" etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasiliense - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A.Z., Western União, Lieber's, Bently's e Ribeiro



O unico meio de conservar a vossa saude é ingerir alimentos sãos e beber agua pura.

Para este fim procurar os melhores fornecedores e comprar o

Filtro "Fiel"

O melhor dos filtros.

A' venda na
RUA SÃO BENTO, 14

Arsenio J. Silva

Secção F.—Caixa Postal 740

Telephone 5185 - Central

SAO PAULO

Peçam o catalogo
illustrado sem com-
promisso algum.

Bonbons Finos

66, Rua de São Bento

CASA NORDER

143, Rua Libero Badaró

CHOCOLATES

Lacta, Falchi, Nestlé

Variedades e

Artigos para Presentes

HOTEL AVENIDA

O MAIOR
e mais importante
do Brazil

Aposentos
PARA
500 pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Teleg. Avenida - Rio
de Janeiro

CASA

F. Liquori

ALFAIATE

Rua Direita, 37 (sob.)

-Continental Products Co.-

Experimentae os afamados

PRESUNTOS e

BACON

"CONTINENTAL"

Tem sempre em deposito

qualquer quantidade

Alameda Cleveland N. 30

Telephone: Cidade 143 e 144

:- SÃO PAULO :-

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas aspharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
O ACIDO URICO

INDICADAMENTE PELAS SINDROMES MENDES
CONTRA
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

FRANCISCO GIFFONI & C.^{IA} — RUA 1.^ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

Exclusivamente para
Senhoras e Senhoritas

Premiado na Exposição de Bruxelas e com medalha de ouro na Exposição de Hygiene

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .
. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concorrência ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estejo 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na
PHARMACIA E DROGARIA

SANTOS

Rua São Bento 74-A- S. PAULO

VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)



Para uso dos convalescentes, das puérperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

É o fortificante preferivel nas convalescencias, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.
Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após e parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas commidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua L.^ª de Março, 17 — Rio de Janeiro

Únicos depositários para o
Brasil:
Empresad Feminina
Brasileira
Praça Antonio Prado
S. PAULO



(TRICALCIAS)

Antes do mais :

As pastilhas Americanas Tricalcias do Dr. Malcolm não são uma panacéia. Trata-se de um producto chimico definido cujos elementos principaes assim se descompõem (Ph 22 02) Ca 4 (Ph 04) 2 Ga 3 adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da junção histologica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe 03 4 + 15 2 0) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo a forma global, além de principios aromaticos e fibrosos com (Ph 12 02) Ca 4 (Ph 04) 2 Ga 3 4 (Fe 03 4 + 22 0).

É uma forma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reaes resultados em todos os vicios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcia do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despeza cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaustivos e que necessitam de phosphoro, bem como, para á fraqueza de qualquer outro orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

DOSE:— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e aumentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.
PARA CREANÇAS. Uma pastilha cada refeição; aumentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina

Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.



Companhia de Industria
e Commercio

Casa TOLLE

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recompensa «GRAND PRIX» na Exposição de Torino em 1911

Bombons e Chocolates finos

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do

Cacao com aveia, Abelha (Marcas registradas). -- **Vinhos, Vinagres, Licores, Xaropes.**

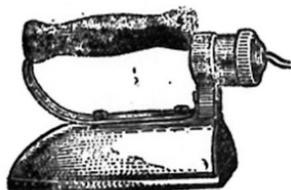
Licores Cusenier fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçào do alcool absolutamente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçào dos licores finos que a Companhia prepara por destillação, com productos importados directamente da Europa.

BYINGTON & CO.

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS E IMPORTADORES

LARGO DA MISERICORDIA 4
S. PAULO



FERROS DE

ENGOMMAR

WESTINGHOUSE



Apparelhos e material electrico em geral para

— Luz Força e Tracção —

COLORAU

Usado para dar côr e saboroso paladar ás comidas, aos pasteis, ás SALCHICHAS, etc

Este producto finamente preparado, constitue o melhor tempero para a comida.
Usado em todas as casas de familia, fabricas de Doces, Salames, Salchichas, etc.

Sabor agradabilissimo! — Aromatico e Estomacal! — Abre o apetite!

Marca "COLORAU" registada sob N.o 11.584. — PATENT DE INVENÇÃO concedida pelo Ministerio da Agricultura e assegurados os seus direitos por sentença do Juiz Federal da 1.a Vara e Accordam Unanime do Supremo Tribunal Federal.

Depositarios em S. Paulo:

SEQUEIRA VEIGA & COMP.

Rua Domingos Paiva N. 38

Telephone - Central, 3838 — Caixa Postal, 1173 — End. Telegr.: «Seveiga»

Côrte e envie sem demóra
este cõupon á redacção da **Revista Feminina**

.....de.....de 191.....
SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo
Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,
por um anno, a começar em.....
de 191..... e a terminar emde 191.....
para cujo pagamento encontrará annexa a importância de Rs.10\$000
caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou
sejam 15\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....
Lugar.....
Estado.....
Observações.....

Gravidina

Approvada e licenciada pela junta de hygiene

A'S MULHERES

- A *Gravidina* está *gravidina*.
 A *Gravidina* evita as complicações da *gravidina*.
 A *Gravidina* solta de *uteri* — Usa a *Gravidina*.
 A *Gravidina* — cura muitas molestias do *uteri*.
 A *Gravidina* — evita os vomitos da *gravidina*.
 A *Gravidina* — evita as inchações.
 A *Gravidina* — evita as hemorragias.
 A *Gravidina* — alivia a dor do Parto.
 A *Gravidina* — facilita o Parto.
 A *Gravidina* — tonifica a mulher e a creança.
 A *Gravidina* — cura as flores brancas.
 A *Gravidina* — regularia a menstruação.
 A *Gravidina* — evita os tumores do *uteri*.
 A *Gravidina* — é a salvação das mulheres.
 A *Gravidina* — mesmo á mulher sã é útil.
 A *Gravidina* — não contém substancias prejudiciaes á mulher e á creança.
 A *Gravidina* — não é *perniciosa*.
 A *Gravidina* — deve a sua acção benéfica e curativa na *gravidina*, no parto e nas molestias do *uteri*, á feliz combinação de substancias vegeto-mineraes que entram na sua composição.
 A *Gravidina* — é formula e preparado do distinto medico parteiro, Dr. Alfredo Zaquim, com 25 annos de Clinica e Partos.
 A *Gravidina* — é o melhor remédio para senhoras. Previne e evita os accidentes e complicações da *gravidina*. Prepara o parto facil e rapido, sem dor e sem os sofrimentos dos partos laboriosos. É um excellento auxiliar da lactação que excita e estimula a função de glandula mamária.

Preço: vidro 3\$000
 A' venda em todas as farmacias

Depositarío: Pharmacia Ypiranga
 J. RIBEIRO BRANCO

R. Libero Badaró, 112 — S. PAULO

Optica Norte-americana



Dr. J. VIGNOLI

OPTOMETRISTA

Exame da vista — Oculos e Pince-Nez

52 - Rua Libero Badaró - 52

Manufacturas de roupas

para

Senhoras e creanças

Jorge Bassila

Rua Florencia de Abreu, 62

Caixa Postal, 706

Telephone, 3284

São Paulo

Casa Lemcke



R. Libero Badaró

N. 100-104

SÃO PAULO

Telephone N. 258

Caixa Postal N. 221

Fazendas, Modas,

Armarinho,

Roupa Branca

Henrique Lemcke

ALGODÃO EM CAROÇO

Compramos toda e qualquer quantidade pelo melhor preço que correr no mercado, a dinheiro

Temos mach nas de beneficiar e agentes nas seguintes localidades:

Sorocaba	Oscar Santos Fonseca
Tatuy	José Bento Pavao
Porto Feliz	Antonio Rodrigues Junior
Conchas	Agostinho Soares Leite.
Bella Vista de Tatuy	Alberto Pereira Ignacio
Itapetininga	Joaquim Custodio de Oliv.
Campo Largo	Daniel Vieira Rodrigues
Boitava	Mario Verceilino & Cia.
Avaré	Raul de Avrua
Itapetininga	Antonio Costa Carreira
Pirajú	Antonio Mazzarino & Irmãos
Piramboia	Ant. o Marcadante Sobrinho
Bernardino de Campos	Luiz Chaguri
Piracicaba	José Maria de Oliveira
Monte Mor	M. Franco & Cia.
Nova Odessa	José Abelardo Bauer
Itú	Augusto Peterlewitz
	Francisco Ferraz de Toledo

Pereira Ignacio & Comp.

Escritorio Central — S. Paulo

Rua S. Bento, 47 — Caixa Postal, 931

Telephone, Central, 1536, 1537 e 5296

Pascual Gómez & Cia.

*Santos - São Paulo
Bahia - Maranhão*
Importadores,
exportadores
e Agentes marítimos

*Rua Boa Vista Nº 15
São Paulo*

*Rua Visconde Rio Branco 26
Santos*

Casa Mourão

Carvalho Mourão & Amaral

FABRICANTES, em grande escala, de:
Perneras em todos os typos e qualidade;
Muchillos para Linhas de Tiro;
Foot-balls marcas *Hellenic e Maieritic*;
PASTAS, CINTOS, Carteiras e todos e
quaesquer ARTEFACTOS DE COURO.

Secção especial de artigos para Sports

R. Sebastião Pereira, 20
Telephone - 5623

S. PAULO

BARUEL & CIA.

Fabricantes e Importadores

SECÇÃO ESPECIAL de perfumarias, sabonetes, loções, dentífricos, esponjas, escovas para todos os mistéres etc.

ESPECIALIDADES DA NOSSA SECÇÃO INDUSTRIAL: Agua Inglesa Baruel: tonico antifebril. ELIXIR ARISTOPEPTICO: nas digestões difíceis, enxaquecas etc. MAGNESIA FLUIDA BARUEL: indispensavel em todos os lares. SEGREDO ORIENTAL: o verdadeiro Segredo da Juventude. VINHO IODO TANNICO PHOSH. BARUEL: succedaneo do Oleo de bacalhau. SABÃO INFANTIL: para todos os usos domesticos. POLVILHO DIAQUILÃO BARUEL: nas assaduras e erupções em geral. DEPILATORIO MARTINS: effeito em 5 minutos/ sem produzir dor alguma.

A venda em todas as boas casas do Brazil.

CAIXA POSTAL 64 - TELEPHONE 20
END. TELEGR: BARUEL - BARUEL

Sal Extranjeiro "Favilla"

E' O MELHOR DO MUNDO

Refinado para mesa, grosso e moído, para o gado e industrias

Seccos e molhados por atacado

FARINHA DE TRIGO «FAVILLA» é a rainha das farinhas de trigo.

ASSUCAR MOIDO «FAVILLA» não ha igual. Grande stock de assucar maseavo, redondo e crystal e outros artigos em geral.

Machina especial de BENEFICIAR ARROZ de grande produçáo

Favilla lombardi & Cia.

R. General Carneiro, 61

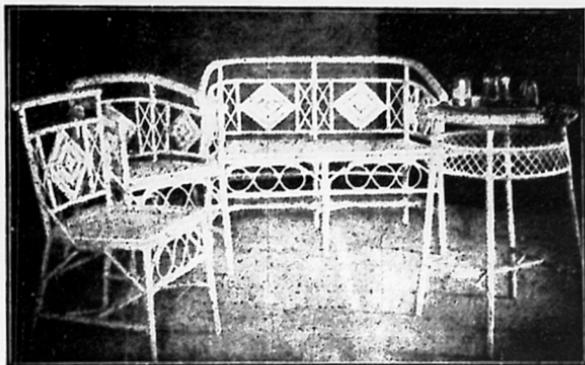
Caixa Postal, 312 - S. Paulo

Depositos proprios

DESVIO LOMBARDI - Braz

J. CARNEIRO BRAGA

Grande
Fabrica de
Moveis
de vime
e de junco



As Exmas. Familias rogamos uma visita ao nosso estabelecimento onde temos a exposiçao mais completa e de fino gosto que se pode imaginar em moveis e outros objectos de vime e de junco.

Peçam preços, catalogos e informações que enviaremos gratis a quem solicitar citando o nome desta Revista.

Espanadores de todas as qualidades

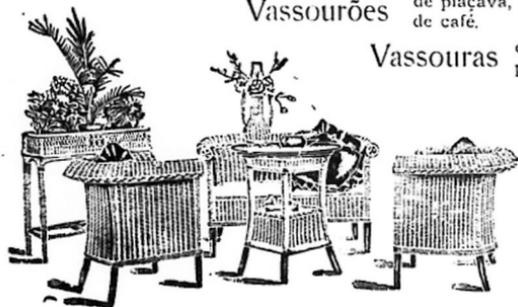
Escovas de qualquer systema

Cestas de qualquer qualidade

Escovas com pranchas de ferro especialidade da fabrica.

Vassourões de piaçava, para terreiros de café.

Vassouras de cabelo, artigo fino. para soalhos encerrados



Gaiolas e Viveiros

Enceradeiras
para soalhos

Attenção a mais importante Fabrica de moveis, de vime e junco

á Rua Brigadeiro Tobias N. 124

TELEPHONE - CENTRAL - 243 — — SÃO PAULO

O CHOCOLATE "FALCHI"



é e será sempre a delicia das crianças